

REVISTA BRASILEIRA DE

# BIBLIOTECONOMIA

# E DOCUMENTAÇÃO

VOLUME 22 NÚMERO 3/4

JULHO / DEZEMBRO

1989



TRINTA ANOS DA FEBAB  
BIBLIOGRAFIA COMO ANTECEDENTE DA  
DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA  
USO DE PERIÓDICOS EM SAÚDE PÚBLICA  
CATÁLOGO COLETIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO  
NOVAS TECNOLOGIAS E PERSPECTIVAS PARA O  
PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO  
MINIMICRO-CDS/ISIS E APLICAÇÕES NO ENSINO DA INFORMÁTICA  
EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA REFERÊNCIA  
SERVIÇO REFERENCIAL: BIBLIOGRAFIA

ASSEMBLÉIA GERAL DA FEBAB, SET. 1989. ELEIÇÕES PARA O TRIÊNIO 1990-92  
XV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27 AGO/SET. 1989, RIO DE JANEIRO  
55ª CONFERÊNCIA GERAL DA IFLA, 19 A 26 AGO. 1989, PARIS  
II ENCONTRO DE BIBLIOTECÁRIOS DE MINAS GERAIS, 18 A 20 OUT., BELO HORIZONTE  
IV ENCONTRO PAULISTA DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA, 7 DEZ. 1989

cm 1 2 3

Digitalizado  
gentilmente por:



11 12 13

Federação Brasileira de  
Associações de Bibliotecários – FEBAB

DIRETORIA (1987/89)

*Presidente:* Elizbeth Remos de Carvalho (RJ).  
*Vice-Presidente:* Selma Chi Barreiro (RJ)  
*Secretária Geral:* Mirian Salvedore Nescimento (SP)  
*1ª Secretária:* Anna Maria Silva  
*2ª Secretária:* Maria Alice Martins (RJ)  
*1º Tesoureiro:* Maria de Fátima Raposo (RJ)  
*2º Tesoureiro:* Marly Peixoto Soier (RJ)  
*Observador Legislativo:* Suell Angélica do Amaral (DF)  
*Editor:* Neusa Dias de Macedo (SP)  
*Assessor de Valorização Profissional:* Carlos Lulz da Silva (RJ)

#### ASSOCIAÇÕES FILIADAS

Associação Peulista de Bibliotecários  
Associação Riograndense de Bibliotecários  
Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo  
Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais  
Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal  
Associação dos Bibliotecários do Ceará  
Associação Campineira de Bibliotecários  
Associação Paranaense de Bibliotecários  
Associação Bibliotecária do Paraná  
Associação Catarinense de Bibliotecários  
Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí  
Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia  
Associação de Bibliotecários do Estado de Mato Grosso  
Associação Profissional dos Bibliotecários de Pernambuco  
Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro  
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado da Bahia  
Associação Profissional dos Bibliotecários do Amazonas  
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão  
Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba  
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Rio Grande do Norte  
Associação Profissional de Bibliotecários de Mato Grosso do Sul  
Associação dos Bibliotecários do Espírito Santo  
Associação Profissional de Bibliotecários de Goiás  
Associação Profissional de Bibliotecários de Sergipe  
Associação de Bibliotecários de Rondônia  
Associação Profissional dos Bibliotecários de Minas Gerais

#### COMISSÕES PERMANENTES

Comissão Brasileira de Documentação Agrícola  
Comissão Brasileira de Documentação Biomédica  
Comissão Brasileira de Documentação Jurídica  
Comissão Brasileira de Documentação Tecnológica  
Comissão Brasileira de Documentação em Processos Técnicos  
Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares  
Comissão Brasileira de Documentação em Ciências Sociais e Humanidades  
Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias  
Comissão Brasileira de Documentação em Tecnologia Aeroespacial  
Comissão Brasileira de Documentação em Celulose e Papel

Revista Brasileira de  
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Órgão oficial da  
Federação Brasileira de  
Associações de Bibliotecários

CORPO EDITORIAL

*Editor:*  
Dra. Neusa Dias de Macedo (ECA/USP)

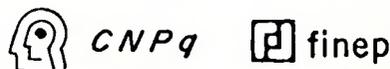
*Redator Chefe:*  
Waldomiro Castro Santos Vergueiro (ECA/USP)

*Coordenadores de Seções:*  
Inês M. Moraes Imperatriz (SIBi/USP)  
Ireti Antônio (ECA/USP)  
Laércio Felício (Gabinete do Governador/SP)  
Lalla Gebara Spinelii (Biblioteca Pública Municipal de São Paulo)  
Terezinha Sarmento César (Seção Referência Legislativa PGM/PMSF)

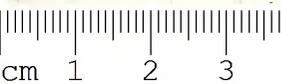
*Assessor/Português:*  
Dra. Idméa Semeghini P. Siqueira (Pesquisador IP/USP – CNPq)

*Comissão Editorial:*  
Dre. Dinah Aguiar Población (ECA/USP)  
Dr. Luis Augusto Milanese (ECA/USP)  
Profª Maria Teresinha Dias de Andrade (FSP/USP)  
Dre. Vere Beraquet (PUC/Cemphas)  
Dra. Johanna W. Smit (ECA/USP)

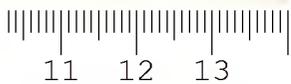
Publicada com a colaboração do Programa de Apoio e Publicações Científicas



Pagamentos em cheque visado pagável em São Paulo ou ordem de pagamento em nome da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, ou ao Banco do Brasil S/A.  
Agência 9 de Julho, conta nº 70.599-3.  
Estrangeiro: US\$ 30 dólares.



Digitizado  
gentilmente por:



## SUMÁRIO

REVISTA BRASILEIRA DE

# BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

### EDITORIAL

### ARTIGOS

- 13 Jaime Robredo  
*Considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da informação no Brasil. II – O perfil dos novos profissionais da informação*
- 32 Amélia Silveira; Marília Maria D. Costa Knoll e Franca Maria B. Araújo  
*Mini-micro CDS/ISIS: uma proposta de aplicação no ensino da informática na Biblioteconomia e Ciência da Informação*
- 42 José Antonio Moreira Gonzáles  
*La bibliografía como precedente de la documentación científica: su evolución conceptual*
- 68 Daisy Pires Noronha  
*Utilização de periódicos por docentes e alunos de pós-graduação de uma instituição de pesquisa em saúde pública*
- 96 Maria Helena Di Francisco; Rosaly F. Krzyzanowski; Jandira N. Moraes; Elaine Nucci; Inês M. M. Imperatriz; Maria Luisa R. Pasquarelli  
*Programa de atualização e dinamização do catálogo regional de livros do Estado de São Paulo*

R. bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo

Volume 22, números 3/4, páginas 1-210

Julho/Dezembro 1989

ISSN 0100-0691

cm 1 2 3  
Digitalizado  
gentilmente por:



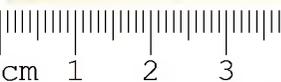
11 12 13

**SEÇÕES**

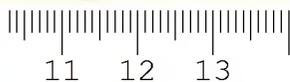
- 108**      **Entrevista**  
            **Antonio Miranda**
- 121**      **Documentos**  
            **Isabel Maria Ferin Cunha**  
            *Análise documentária: do texto à representação*  
  
            **Neusa Dias de Macedo**  
            *Experiência vivida com a ministração da disciplina Referência (1968-1988)*
- 158**      **Levantamento bibliográfico**  
            *Serviços referenciais*
- 182**      **Noticiário**  
            **Nacional**  
            **Internacional**
- 200**      **Resenhas**
- 205**      **Guia aos colaboradores**

Toda a correspondência para a RBBB deve ser dirigida à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

Rua Avanhandava, 40, cj. 110  
01306 - São Paulo - SP  
Fone: (011) 257-9979



Digitizado gentilmente por:



## CONTENTS

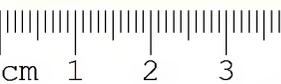
# REVISTA BRASILEIRA DE **BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

### EDITORIAL

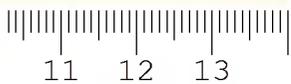
### ARTICLES

- 13 Jaime Robredo  
*Prospective considerations for next decades in the evolution of new information technologies in Brazil. II – Information professionals profile*
- 32 Amélia Silveira; Marília Maria D. Costa Knoll e Franca Maria B. Araújo  
*Mini-micro CDS/ISIS: a proposal of application to informatics teaching in Library and Information Science*
- 42 José Antonio Moreira Gonzáles  
*Bibliography as precedent of Scientific Documentation, its conceptual evolution*
- 68 Daisy Pires Noronha  
*Use of Scientific Periodicals by faculty and graduation student of a Research Institution in Public Health*
- 96 Maria Helena Di Francisco; Rosaly F. Krzyzanowski; Jandira N. Moraes; Elaine Nucci; Inês M. M. Imperatriz; Maria Luisa R. Pasquarelli  
*Implementation and dinamization program of the Regional Book Catalog of São Paulo State, Brazil*

R. bras. Bibliotecon. Doc., São Paulo  
Volume 22, numbers 3/4, pages 1-210  
July/December 1989  
ISSN 0100-0691



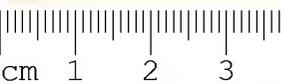
Digitizado  
gentilmente por:



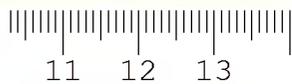
	SECTIONS
<b>108</b>	Interview Antonio Miranda
<b>121</b>	Documents Isabel Maria Ferin Cunha <i>Documentary analysis: from text to representation</i>  Neusa Dias de Macedo <i>Life experience with the teaching of Reference (1968-1988)</i>
<b>158</b>	Bibliographical survey <i>Referral services</i>
<b>182</b>	News National International
<b>200</b>	Reviews
<b>205</b>	Instructions to the Contributors

Quarterly publication  
 Single number - US\$ 30.00  
 abroad (1982) - US\$ 15.00  
 Orders should be placed to

"Federação Brasileira de  
 Associações de Bibliotecários",  
 Address - rua Avanhandava, 40, cj. 110  
 CEP 01306 - São Paulo - SP - Brazil



Digitalizado  
 gentilmente por:



## EDITORIAL

### PARTE I

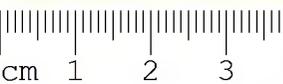
Termina mais uma gestão da FEBAB – o triênio 1987-89 – e com ele findam as nossas funções como diretora desta revista.

No último pleito que deu vitória à chapa "Somar para Integrar", tendo na presidência Mirian Salvadore Nascimento, foi eleita a nova editora – Regina Célia Baptista Belluzzo – que, além de diretora do Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Odontologia de Bauru, USP, é também docente do Curso de Biblioteconomia da UNESP e doutoranda da ECA/USP. Temos certeza de que a RBBB fica em boas mãos, seguindo de perto a presente orientação, não só para dar continuidade à sua linha editorial como para elevar mais o conceito tido pelo periódico diante da comunidade bibliotecária e dos órgãos de financiamento.

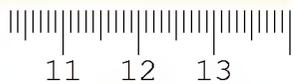
O nível da RBBB, de fato, tem subido e já foram firmados convênios com a FINEP, garantindo subsídios financeiros e conseqüente regularização de sua periodicidade.

Nesta oportunidade, queremos consignar agradecimento à FAPESP e ao CNPq pela inestimável ajuda financeira, sem a qual não teria sido possível publicar os três volumes produzidos neste triênio. De outro lado, outros agradecimentos recaem nos autores dos trabalhos encomendados e naqueles enviados espontaneamente para constituir valiosa matéria técnico-científica, bem como no corpo editorial da revista: Waldomiro Castro Santos Vergueiro, redator-chefe; Laila Gebara Spinelli, Irati Antonio, Inês Imperatriz, Teresinha Sarmiento César, redatores de seções; Idméa Semeghini Siqueira, assessora de português; Dinah Población, Luis Augusto Milanesi, Maria Teresinha de Andrade, Vera Beraquet e Johanna W. Smit, da Comissão Editorial, que, também, foram os co-responsáveis pela concretização de nossos projetos editoriais, neste triênio.

Falando agora deste último fascículo de 1989, a temática central



Digitalizado  
gentilmente por:

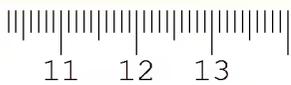
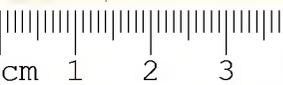


é a mesma do número anterior. Só pudemos coletar entretanto, duas contribuições sobre Novas Tecnologias: 1) o artigo de Jaime Robredo que deu seqüência às "considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia no Brasil" focalizando, na parte II, o "Perfil dos Novos Profissionais da Informação no Brasil", dando, então, possibilidade ao leitor de antever as solicitações de mercado para o bibliotecário (se preparado para isso), em futuro próximo e 2) o outro trabalho, relacionado com uma proposta de aplicação, no ensino da informática, de um Mini-Micro CDS/ISIS, que, por certo, será um alerta às escolas de biblioteconomia sobre a necessidade de reformulações curriculares, incluindo módulos de moderna tecnologia.

Este fascículo, na verdade, é composto de assuntos vários, sendo um deles a Bibliografia, matéria tão relegada a segundo plano atualmente. Por isso, foi encomendado a um especialista da Universidade Complutense, de Madrid – Dr. José Antonio Moreiro Gonzalez – o artigo, que enfoca questões conceituais sobre a Bibliografia em relação à Documentação Científica. A literatura especializada está carecendo de trabalhos que confrontem esse assunto com as réplicas modernas dos bancos de dados, bem como questões de atualização curricular do ensino das fontes bibliográficas.

Outro trabalho, abordando a "utilização de periódicos por docentes e alunos de pós-graduação em instituições de pesquisa na área de Saúde Pública", vem enriquecer a literatura biblioteconômica pela pesquisa realizada com dupla competência da autora, que é bacharel em Biblioteconomia e mestre em Saúde Pública. Daisy P. Noronha apresenta uma síntese de sua dissertação de mestrado, descrevendo os passos metodológicos de tal maneira que interessados em outras áreas de conhecimento possam repetir pesquisas similares.

Uma última contribuição, apresentada por equipe do SIBI/USP, relata o interessante "programa de atualização e dinamização do Catálogo Regional de Livros do Estado de São Paulo", focalizando a performance do Catálogo Coletivo. A divulgação de experiências bibliotecárias é um item importante para constituir a literatura técnica desta área.



Este periódico, órgão de comunicação de entidade associativa, se caracteriza também por proporcionar à comunidade bibliotecária mais ampla, outras seções, como a entrevista, a bibliografia, os documentos, ou seja, aqueles textos que, originariamente apresentados oralmente, crê-se sejam importantes para registro e divulgação, além das resenhas.

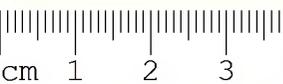
A entrevista de hoje focaliza uma das figuras mais interessantes do panorama bibliotecário nacional: Antonio Miranda. Maranhense radicado em Brasília, muito querido por quem o conhece bem e, às vezes, pouco compreendido por aqueles que o conhecem superficialmente. Possuidor de invejável cultura – é também literato e cartofilista – é um forte conhecedor das questões da informação, em nível nacional e internacional, por força de seus estudos, pesquisas, viagens, consultorias. Por isso, sua produção técnico-científica é variada, mas bem fundamentada. É melhor não adiantar mais nada sobre o perfil do nosso entrevistado, convidando a todos a ler essa seção, para por si só perceberem o tanto que um bom profissional pode fazer e bem!

Neste número, foram selecionadas duas apresentações em eventos para documentar a fala e a experiência de seus autores:

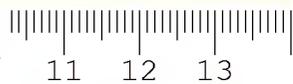
1 – “Análise documentária: do texto à representação”, por Isabel M. R. Ferin Cunha, quando do lançamento do v. 21, nos. 1/4, da RBBB, em 20.05.89, na Biblioteca “Mário de Andrade”, São Paulo.

2 – Experiência vivida com a ministração da disciplina Referência (1968-1988), por Neusa Dias de Macedo, quando do 2º Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ABEED, Brasília, junho de 1989.

A Bibliografia sobre “Serviços Referenciais”, embora fuja ao assunto central, se justifica pelo fato de ser um assunto novo na literatura especializada nacional, e precisa ser rapidamente divulgada. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica feita de modo extensivo, por Sueli Mara P.S. Ferreira, para fundamentar sua dissertação de mestrado recentemente defendida na ECA/USP e resenhada neste número.



Digitalizado  
gentilmente por:



ro. Já foi enviada na íntegra, com 216 itens, seguidos de resumo, ao IBICT, mas até o presente momento não pôde ser editada e por isso, está sendo divulgada, apenas nos itens básicos, em forma compactada.

Finalmente, as resenhas deste número, uma sobre "Educação de Usuários" e outra sobre "Serviços Referenciais", estarão divulgando os resultados de duas dissertações de mestrado, respectivamente de Regina Celia B. Belluzzo e de Sueli Mara P. S. Ferreira, que muito poderão contribuir para dar-se nova investida aos programas de orientação aos usuários e à criação das "Referral Services" no Brasil.

\* \* \* \* \*

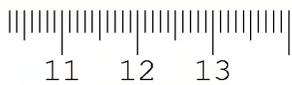
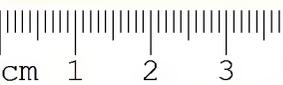
## PARTE II

Não poderíamos continuar este editorial, sem deixar de refletir sobre como anda a profissão, mormente no momento em que a FEBAB completa trinta anos de existência.

Lembrar como a FEBAB nasceu é fazer sintonia também para rememorar aquelas figuras que marcaram a liderança profissional e deixaram influência positiva pela postura ética e personalidade: Adelpha Figueiredo, Rubens Borba de Moraes, Lydia Sambaqui, Maria Luisa Monteiro da Cunha, Edson Nery da Fonseca, Abner Vicentini, Terezine Arantes Ferraz, Antonio Gabriel ..., entre outros. No momento, iremos centrar a atenção em Laura Russo.

Um forte segmento da área biblioteconômica são as associações, cuja congregação se fez em virtude de um país grande e controvertido como o Brasil necessitar de um porta-voz federativo que agisse como memória e órgão de defesa e comunicação da classe. Tudo por fazer e para vencer o espírito acomodativo do associado brasileiro, a FEBAB nesses trinta anos procurou, entre outras causas, regulamentar a carreira e influir no estabelecimento do 1º currículo mínimo.

Surgindo de proposta apresentada no 2º Congresso de Biblioteconomia e Documentação, em Salvador, em 1959, por Laura Russo e Rodolpho Rocha Júnior, a FEBAB sobreviveu, na 1ª. fase, com muitos



sacrifícios pessoais. Tendo sempre à frente, nas cinco primeiras diretorias (1961-1974), Laura Russo, e também as incansáveis Maria Alice Toledo Leite e Maria Helena Brandão, já em 1967, consegue adquirir sede própria em prédio localizado no coração da cidade de São Paulo, expandindo-se, em 1982, na gestão de Antonio Gabriel.

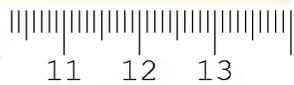
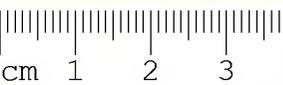
Outras diretorias se seguiram, tendo como presidentes Esmeralda M. Aragão, Antonio Gabriel, May Brooking Negrão, Elizabet M. Ramos de Carvalho, Selma Chi Barreiro e, agora, Mirian Salvadore Nascimento.

Cada diretoria experimentou o "pão que o diabo amassou", em termos de dificuldades financeiras e de infra-estrutura administrativa, e com aquela imagem que a Federação não faz nada. A comunidade bibliotecária nacional espera muito das associações de classe, mas dá pouco em troca. Infelizmente, o espírito associativo não é o forte do brasileiro.

De um modo geral, a FEBAB tem-se caracterizado por ir incentivando a criação de novas associações, contando, hoje, com 24 Associações Estaduais e 10 Comissões Brasileiras de Documentação (áreas Agrícola, Biomédica, Jurídica, Tecnológica, Ciências Sociais e Humanidades, Tecnologia Aeroespacial, Celulose e Papel, Processos Técnicos, Bibliotecas Públicas e escolares e Bibliotecas Universitárias). O fortalecimento e nível de cada uma, depende muito do grupo que as administra e das condições locais.

Já aconteceram 15 Congressos Brasileiros e Biblioteconomia em várias partes do Brasil e, paralelamente, a área tem contado com Seminários, Encontros, Simpósios, Jornadas etc. que concorrem para a veiculação de estudos, pesquisas, experimentações e objetivam a atualização dos bibliotecários.

Quanto a um vôo mais alto aos congressos em nível internacional, somente houve um Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia, em 1980, Salvador e, agora, com o duplo patrocínio da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas e FEBAB, irá acontecer o 1º Encontro Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa, entre 28 de fevereiro a 3 de agosto de 1990, Lisboa.

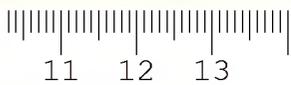
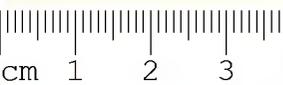


Nas duas últimas gestões, a FEBAB tem enviado representantes a congressos no exterior, quer por expensas próprias, quer por meio de projetos com o CNPq, quando os representantes apresentam trabalhos, e, com isso tem havido uma série de contatos pessoais e articulações de convênios com entidades estrangeiras associativas ou não. Entre os países visitados citam-se Inglaterra, Alemanha, Austrália, Venezuela e Cuba. Relações mais estreitas existem, agora, com Inglaterra e Portugal e, principalmente, com a IFLA, com sede na Holanda. Os representantes da diretoria da IFLA estiveram por duas vezes, no Brasil, escolhendo São Paulo para instalação de seu Escritório Regional da América Latina e futura sede para sua Convenção Anual. A FEBAB precisa cada vez mais de efetiva organização e comunicação, e apoio das comunidades bibliotecária para resolver grandes responsabilidades que caem em seus ombros.

Além dos eventos, publicação e tradução de textos, defesa da classe, a FEBAB tem-se empenhado em praticar *lobby*, por meio de seus observadores legislativos. Por ocasião dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, foi entregue o documento "Biblioteca e Constituinte", bem como uma série de sugestões foram encaminhadas a deputados e senadores.

O que, no momento, são metas da FEBAB, ressalta-se a estabilização da infra-estrutura administrativa, fortalecimento dos canais de comunicação e memória profissional e investimento nos mecanismos que melhorem a imagem da classe e concorram para o aperfeiçoamento da comunidade bibliotecária novas forças irão levar a FEBAB a tornar-se também uma editora de textos e agilizar mais a RBBD e o Jornal da FEBAB, como também a cumprir seu Plano Diretor, que logo mais será divulgado.

Esta Federação, refletindo sobre o que tem feito além de preocupar-se com eventos, publicações e constantes revisões de estatuto (hoje em dia, desgastando sobremaneira os indivíduos) - deverá atentar mais e, na medida do possível, em analisar e avaliar atividades e produtos provenientes das Comissões Permanentes, tendo em vista implicações que elas têm no amadurecimento da classe e no despontar de massa crítica.



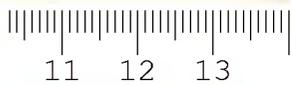
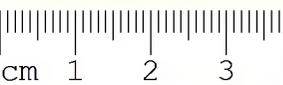
Pela experiência nossa como – editor da RBBD – um ponto que nos preocupa é obter uma avaliação dos nossos produtos editoriais e conhecer o que os núcleos associativos estejam produzindo em seus estados. Já é tempo, também, de se fazer a história das associações e o que tem realizado os líderes locais. A FEBAB deve ajuda-los, mas é preciso identificar a vocação e amadurecimento de cada comunidade bibliotecária, bem como as suas necessidades associativas técnicas e acadêmicas e o porquê de suas fraquezas (quando for o caso). Discrepâncias como Mato Grosso e Rio Grande do Norte, Brasília e São Paulo, por exemplo, precisam acabar, para que se confie nas vozes que clamam direitos, mas não podem cumprir deveres associativos.

A FEBAB crescerá à medida que as associações forem se fortalecendo, em um mesmo nível e força, com aquela postura ética e profissionalismo dos líderes anteriores. Há muita razão, hoje em dia, em se cobrar transparência de atos e decisões; já não há mais lugar para o espírito autoritário de professores, chefes e presidentes. Mas também não se admite mais acomodação da classe, deixando que tudo se resolva por cima. Se a comunidade passar a cobrar de seus dirigentes atitudes corretas e exigir a sua participação nos atos e decisões das diretorias, cada vez mais as associações terão mais força e moral para também exigir das federações maior interação e comunicação. Mas é preciso lembrar sempre daquele ditado popular: “hoje, somos estiligue, amanhã seremos vidraça”.

Mas, sempre que uma classe que deveria estar unida, não está, é preciso parar para pensar. No momento, está havendo uma incompreensível dissidência de um grupo de associações, que mais parece estar com dorzinha de cotovelo por ter perdido as eleições do que por um real motivo de querer, em um único dia, reformar estatuto, que eles mesmos aprovaram em 1988.

A questão maior a que nos referimos é o fato de a biblioteconomia tradicional estar prestes a falir. Grandes reformas têm de ser feitas em conteúdos e práticas, em políticas de ensino e administração de bibliotecas, em espírito acadêmico e associativo. Há um marasmo grande, que precisa ser investigado.

Logo, não é hora de pensar em estatuto, mas em união e ação

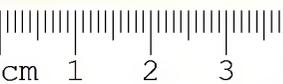


local e estadual, nacional e internacional. É preciso descobrir como despertar o espírito associativo da classe. Algo está errado, não na FEBAB, mas nas partes, nas especialidades, nas lideranças.

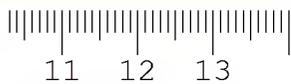
Nós, do segmento associativo, por que iremos sacramentar uma Federação que tem uma folha corrida até significativa, considerada entidade modelo para a América Latina, pela IFLA? Vejam bem, movimento associativo não é só reforma de estatuto, é planejar, procurar soluções objetivas, é mudar de comportamento. Reforma no papel, é fácil de redigir. Com calma e discernimento, chegaremos lá! Difícil é chegar lá, na reforma da cabeça. Confiando uns nos outros, com respeito mútuo, atingiremos a meta. A ordem, portanto, é reforma é ação individual da classe, da biblioteconomia.

“Somar para Integrar”, eis a questão!

Neusa Dias de Macedo  
Editor



Digitalizado  
gentilmente por:



# CONSIDERAÇÕES PROSPECTIVAS PARA AS PRÓXIMAS DÉCADAS SOBRE A EVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

## II O PERFIL DOS NOVOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO\*

Jaime Robredo\*\*

**RESUMO:** Focaliza os novos profissionais da informação, com seus conflitos e compreensão da realidade; sua formação, que é uma espécie de quebra-cabeça. Sugere, finalmente, algumas linhas-mestra para orientar essa formação nas próximas décadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Novos profissionais da Informação. Perfil. Conflitos. Formação.

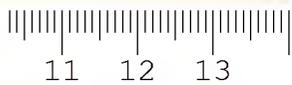
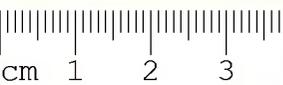
### 1 – INTRODUÇÃO

Na primeira parte deste trabalho (1) tratamos de apresentar uma visão das possibilidades que oferecem as modernas tecnologias da informação, analisando o impacto resultante, não só nos mecanismos de coleta, armazenagem, processamento, difusão e recuperação da informação, mas também nos hábitos e no comportamento dos diversos setores da sociedade, ao tempo que alertávamos para os perigos que podem resultar, especialmente para as camadas mais pobres, da imitação acrítica de modelos externos que nada têm a ver com a realidade do país.

Por outro lado, o uso criterioso dos avanços tecnológicos pode ser um fator decisivo na aceleração de um processo harmonioso de desenvolvimento econômico e cultural.

\* A primeira parte deste trabalho, intitulada "A sociedade informatizada", foi publicada no fascículo anterior desta Revista, p. 7-38.

\*\* Professor titular do Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

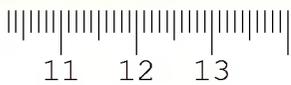
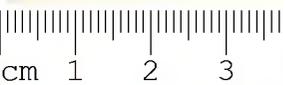


Mesmo se, às vezes, podemos ter a impressão de que o Brasil, nos últimos anos, ficou à margem não só da evolução tecnológica, mas também da revolução conceitual e de relacionamento humano de que ela vem acompanhada, as pressões que explodem por todas as partes são tão grandes que não poderá passar muito tempo sem que o Brasil venha a incorporar-se a um movimento planetário que já franqueou a entrada, na sociedade da informação de mais de um terço das nações (2).

O que é preciso compreender antes de mais nada é que as sociedades contemporâneas se caracterizam pela velocidade e pela amplitude das mudanças que nelas ocorrem, de tal forma que o único que é permanente é a mudança.

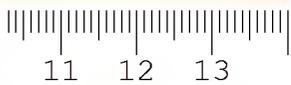
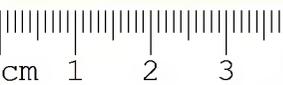
A íntima relação existente entre informação e transformação já foi comentada num trabalho anterior (3), onde se destacava o papel que as novas tecnologias poderiam desempenhar no leque de serviços oferecidos pelas bibliotecas. A visão, que há alguns anos parecia futurista, de colocar ao alcance das camadas mais pobres da sociedade os recursos da informação, ficou mesmo ultrapassada pela realidade, em numerosos países. Assim, na França, as bibliotecas públicas e municipais, organizadas em redes informatizadas e com uma nova concepção dos acervos (livros, revistas, discos, fitas de som e de vídeo, jogos etc.), reforçaram sua função social, com índices de frequência inimagináveis no Brasil. Nas grandes e nas pequenas cidades francesas, as setas de sinalização indicam, no mesmo nível, o Centro da cidade, o castelo ou a igreja do século XIII e a biblioteca, às vezes sob denominações mais expressivas, tais como biblioteca-discoteca, midiateca, ludoteca, centro de lazer ou de cultura etc. Ainda, ois candidatos a prefeito ou vereador apresentam, na sua plataforma eleitoral, suas intenções de reforma, ampliação ou modernização das bibliotecas. É claro que no Brasil há um grande caminho a percorrer antes de se chegar lá.

Sem dúvida alguma, mais importante ainda as mudanças profundas que a tecnologia de ponta pode trazer, é a velocidade com que elas acontecem. No artigo anterior (1), esboçávamos alguns aspectos e possibilidades dos discos óticos, no que diz respeito à capaci-



dade de armazenagem de dados, imagens e som, abrindo perspectivas revolucínárias no âmbito da comunicação, da edição, da conservação e do uso das informações e dados de todo tipo. Brito (4) já tinha publicado uns meses antes um artigo sobre a tecnologia do CD ROM (compact disk read only memory), em relação à disseminação da informação. Duas recentes comunicações apresentadas à 55ª Conferência da IFLA, em Paris, em agosto de 1989, mostraram algumas aplicações espetaculares do CD ROM e dos suportes óticos em geral (5, 6). Uma das obras mais completas sobre o assunto foi publicada sobre a coordenação de Lambert e Repiequet (7), na qual encontram-se excelentes contribuições de vários autores sobre os mais importantes aspectos das aplicações do CD ROM (*hardware, software, produção, aplicações na edição, nas bibliotecas e arquivos, nos escritórios e nas empresas, na pesquisa etc.*). Em menos de uma década, o CD ROM está invadindo todos os setores de atividade. A Enciclopédia Britânica já se encontra disponível em CD ROM, as bibliografias nacionais de vários países são publicadas em CD ROM, diversos produtores de bases de dados oferecem assinaturas a seus produtos em CD ROM (bases de dados bibliográficas, factuais, sobre patentes, sobre legislação etc.) e os bancos de imagens tornam-se uma realidade. No Brasil, o grupo Itaú, que vem se destacando por sua posição de vanguarda não só no setor econômico (banco Itaú), mas também nos setores de eletro-eletrônica, informática (Elekeiroz, Philco, Itautec etc.), entre outros, anuncia, no momento de redigir este artigo, a criação do Instituto Cultural (ICI), cuja primeira unidade operacional, o Centro de Informática e Cultura I (CIC/I), o qual terá por missão imediata armazenar em disco ótico a obra dos pintores brasileiros dos últimos duzentos anos, garantindo o acesso gratuito às imagens e às informações armazenadas através de terminais de computador (8).

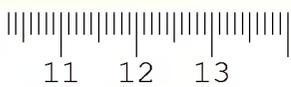
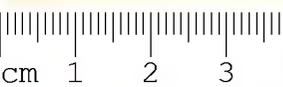
A União da economia, da tecnologia da cultura, aliada à vontade e à lucidez dos dirigentes, é o segredo do desenvolvimento harmônico e acelerado. Os exemplos estão à vista em toda Europa, onde os países menos desenvolvidos, como Espanha e Portugal, iniciaram uma transformação acelerada impossível de se conceber antes de sua



incorporação no reencontro com a democracia – à Comunidade Econômica Européia. Assim, a Espanha começa a ocupar uma posição honorável no universo futurista da inteligência artificial (9), e Portugal avança rapidamente na informatização da Biblioteca Nacional (10).

Em pouco menos de uma década, vemos tornar-se realidade os primeiros sintomas anunciados por Lancaster (11), que anunciou a sociedade da informação de um novo estilo em menos de sete anos, vamos confirmar-se as grandes tendências de transformação antevistas por Naisbitt (12). A aceleração do processo de mudança é uma constante observada nas sociedades contemporâneas, que determina a necessidade de elaborar um novo quadro conceitual, para definir novas atitudes e, sobretudo, para planejar as atividades de ensino e treinamento de forma a preparar profissionais capazes de atender as exigências do mercado e de oferecer à sociedade o suporte de informação adequado ao seu desenvolvimento e ao seu aprimoramento. Sagredo (13) observa que a rápida evolução constada nos suportes óticos de informação (videodisco, disco compacto, CD ROM) já fez surgir um novo concorrente, dentro da família: o papel digital ou ótico, apresentado na Expo de Chicago, em 1988, com uma capacidade de armazenamento de mais de 600.000 mb, em cada 10 metros de uma fita de 1/2 polegada de largura, de aspecto similar ao da fita magnética tradicional e, o que é ainda mais importante, com um custo de armazenamento de aproximadamente 1 centavo de dólar por megabyte.

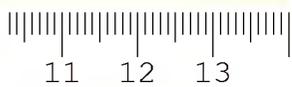
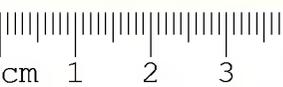
As primeiras vítimas dessa revolução serão provavelmente as microformas complicadas de usar e de reproduzir em papel –, ao tempo que as bibliotecas armazenarão, junto com seus livros e revistas, disquetes, discos e fitas, de todos os tipos, como resultado da inevitável revolução do mundo da edição. É, pois, nesse contexto de mudança permanente e acelerada que vamos tratar de enquadrar nossas considerações, nas seções seguintes, sobre o perfil dos novos profissionais da informação e sobre os possíveis caminhos que se abrirão para a formação dos mesmos.



## 2 OS NOVOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO, CONFLITO, CONFRONTO OU COMPREENSÃO DA REALIDADE?

Imaginemos os farmacêuticos entrando numa briga fenomenal, para defender o princípio de que o direito de vender ou, em geral, de lidar não só com medicamentos, mas também com cosméticos e produtos de perfumaria, seria um privilégio exclusivo deles, enquanto diplomados nas faculdades de Farmácia. Como consequência, as farmácias e drogarias, dirigidas por farmacêuticos, seriam os únicos lugares onde poderiam ser comercializados os medicamentos e artigos de higiene e perfumaria. Assim, terminariam, por força da lei, as perfumarias e seria proibida a venda nos supermercados e lojas diversas de sabonetes, dentifrícios, perfumes, águas de colônia, águas de cheiro, cremes hidratantes e de beleza, numa palavra, toda a parafernália da cosmetologia e perfumaria modernas, a menos que um farmacêutico, devidamente diplomado, viesse a coordenar e supervisionar as vendas, oferecendo-se, ao mesmo tempo, como orientador e conselheiro do público consumidor, como intermediário da saúde e da beleza. É claro que os profissionais da perfumaria e da cosmetologia defender-se-iam por todos os meios ao seu alcance, proclamando que os farmacêuticos somente foram credenciados para vender remédios, preparar fórmulas, aviar receitas e não para cuidar da higiene e charme da humanidade. Os esteticistas poderiam também entrar na briga e, no final, após muitas batalhas ganhas e perdidas de um lado e do outro, caberia esperar que a lei do mercado, editada no final das contas pelos consumidores/usuários, viria confirmar o direito e existência de todos, abrindo a possibilidade de trabalhar juntos, num campo muito mais abrangente do que aquele que poderia reivindicar, isoladamente, cada um deles.

Na realidade, essa visão alucinada não parece diferir muito da que se observa em alguns setores bibliotecários que pretendem ser os únicos profissionais com direito a lidar com todo tipo de informação, essa forma de pensar parece que teria surgido nos Estados Unidos, coincidentemente com o aparecimento das novas profissões da informação. O resultado foi que, ao se gastar as energias de uma



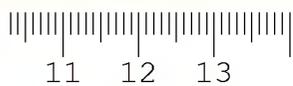
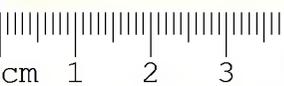
profissão, numa luta por manter um *status* equivalente ao que iam ganhando pouco a pouco as novas profissões, sem cuidar de adaptar os conteúdos das carreiras de biblioteconomia, quando ainda era tempo, a uma realidade imposta pelo mercado e pela sociedade como um todo, as escolas de biblioteconomia mudaram – ou perderam – seu nome, para se converter em escolas de tecnologia da informação, de gerência de sistemas de informação, de ciência da informação etc.

Num trabalho anterior (14), indicávamos que, no início da década de 80, das 69 escolas de biblioteconomia que ofereciam cursos de pós-graduação nos Estados Unidos e no Canadá, quase a metade mudaram de nome (28 adicionaram a palavra informação). Apesar disso, a imagem do bibliotecário, na sociedade americana, não parece ter sido revalorizada, nos últimos anos (15). A própria IFLA continua se preocupando, anos a fio, com o *status* e prestígio social do bibliotecário (16).

Ao debruçar-se sobre o enorme volume da literatura que se ocupa dos “novos profissionais da informação”, publicada nos últimos vinte anos, pode-se observar a preocupação dominante por dois aspectos que nos parecem fundamentais, embora raramente sejam consideradas simultaneamente:

- a influência das novas tecnologias e das novas estruturas sócio-econômicas na transformação das profissões da informação (17, 21);
- o papel social da biblioteca (22, 25).

Os aspectos conflitivos entre profissionais novos e tradicionais – ou, melhor, a procura de uma nova identidade por parte destes em relação àqueles aparecem como uma característica mais marcante dos países anglo-saxônicos (principalmente dos Estados Unidos) e de outros países que, como o Brasil, têm se inspirado amplamente em modelos semelhantes. No Reino Unido, entretanto, a situação, analisada com maior objetividade (17, 26) – e, talvez, com maior fleugma –, parece evoluir, após algumas escaramuças entre as facções rivais, no sentido de uma maior integração imposta pelo interesse comum



nos esforços cooperativos e pela e pela necessidade de administrar os recursos em benefício dos usuários.

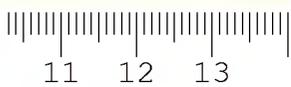
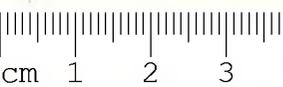
Em outros países europeus – especialmente na França – parece observar-se a existência de um leque de profissionais da informação que coexistem harmoniosamente, trabalhando juntos em setores, às vezes, nitidamente diferenciados em, às vezes, fortemente concorrentes. A enorme quantidade de serviços colocados ao alcance de grupos de usuários extremamente variados, graças à utilização maciça das novas tecnologias (micro-informática, telecomunicações, suportes óticos, videotexto, digitalização de dados etc.) –, abriu uma nova dimensão espacial, onde todas as profissões encontram sua razão de ser e onde permanecerão ativas e produtivas enquanto o justifiquem a necessidade e a qualidade de suas contribuições, em função das exigências da sociedade (27).

O que mais impressiona é ver o novo impulso que adquiriram as bibliotecas – e conseqüentemente os profissionais bibliotecários de todos os níveis – ao serem redefinidas suas funções sociais de serviço, apoiando-se no uso das tecnologias mais avançadas, ao tempo que os documentalistas, os analistas da informação, os indexadores, os informáticos, os comunicólogos, os lingüistas, os matemáticos, os pesquisadores, com as formações de base as mais diversas, convergem no mercado profissional dos serviços de informação.

Merecedor de um comentário é o programa generalizado dos carros-biblioteca (denominados bibliobuses) que, equipados com modernos recursos tecnológicos e conectados às bibliotecas, levam até as zonas suburbanas e rurais uma ampla variedade de serviços adaptados às necessidades das comunidades.

Em outro setor, as bibliotecas universitárias encontram-se interligadas e os catálogos (cooperativos e coletivos) podem ser consultados desde casa, através da rede pública de videotexto (4 milhões de terminais espalhados por toda a França).

Não se conhece transformação sem conflito. Por isso, as tensões que observamos no Brasil, e a luta de uns por preservar seu espaço, como a dos outros por abrir espaços novos, são normais. O que parece importante é tratar de evitar que o conflito se converta em con-

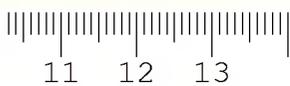
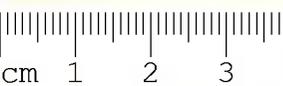


fronto, e isso pode-se conseguir mediante a compreensão lúcida da mudanças que as tecnologias avançadas estão introduzindo na sociedade como um todo. O que importa, também, é saber canalizar o potencial que nos oferecem as novas tecnologias, no sentido de acelerar o desenvolvimento econômico e cultural de todos os segmentos da sociedade. Otlet já observava há mais de meio século (28): "do documento poderia-se dizer o mesmo que da chuva: ela pode ser rega benéfica ou enchente destrutiva". Mas, se sobre a chuva não temos muitos poderes para modificar ou canalizar seus efeitos, sobre a informação, graças às novas tecnologias temos todos os poderes necessários para convertê-la em, "rega benéfica", geradora de novos conhecimentos.

### 3 O QUEBRA-CABEÇA DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO

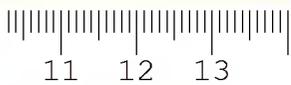
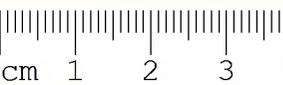
Desde os meados da década de 60 até o momento, não cessaram de aparecer trabalhos e relatórios, em quase todos os países, sobre a formação dos bibliotecários e dos profissionais da informação. Trata-se da mais clara evidência de que existe um sério problema e de não foi encontrada para ele, até o momento uma solução satisfatória. Como nossa intenção não é realizar um levantamento bibliográfico exaustivo, nem traçar qualquer esboço histórico sobre o assunto, nos limitaremos a destacar alguns pontos que nos parecem merecer alguma atenção.

O primeiro seria a necessidade de conscientizar-se do fato de que existe uma enorme diversidade de abordagens – e de opiniões – no que se refere à formação dos profissionais da informação, nos diversos países e, às vezes, dentro de um mesmo país. Assim, é interessante comparar um artigo de Valle Gastaminza (29), que trata de utilizar a experiência americana para fundamentar a profissão de documentalista, emergente na Espanha, no início da presente década (30), com a visão pessimista de Garrison (31), sobre o futuro da biblioteconomia nos Estados Unidos, ou com a visão futurista – ou pelo me-



nos, menos prospectiva – de Dosa (32), sobre as novas profissões da informação, para verificar o perigo de pretender englobar numa única denominação de “profissionais da informação” o amplo leque de profissões que já existem ou que continuam emergindo.

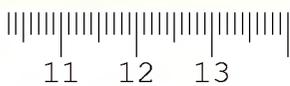
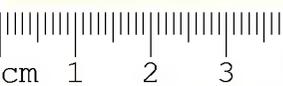
O segundo aspecto, que merece também, na nossa opinião, uma certa atenção, refere-se ao fato de que o nível de conhecimentos exigidos, em diversos países, para conceder um diploma ou titulação, com nomes mais ou menos equivalentes, pode ser totalmente diferente, variando desde o nível de tecnólogo, passando por um primeiro ciclo universitário, por um bacharelado ou por uma licenciatura até um nível de pós-graduação (mestrado ou doutorado). Na Espanha e na França, por outro lado, não basta um determinado diploma para poder colocar no cartão de visita o título de bibliotecário; é necessário realizar um concurso para ingressar numa carreira de funcionário/bibliotecário. Entretanto, esse concurso não se reserva exclusivamente aos portadores de um diploma específico e único. Sobre a formação dos recursos humanos na Espanha, na área da informação, pode-se consultar o trabalho de Población (33). Sobre as carreiras de bibliotecário e outros profissionais da informação, pode-se consultar os trabalhos de Clow (34), Bouche (35), Mérigot (36) e o Anexo 4 da obra de Froissart, já citada (24). No Reino Unido, embora exista, como no caso da Escola de Biblioteconomia, da Universidade Politécnica de Leeds, a possibilidade de realizar um curso pleno de bibliotecário, em nível de graduação, de três anos de duração, que concede o título de bacharel, a maioria das escolas ou departamentos de biblioteconomia e/ou ciência da informação, concedem, seguindo um modelo que não difere muito do modelo americano, títulos em nível de pós-graduação (mestrado em artes ou ciências, ou doutorado), a pessoas já graduadas em diversas áreas, e com graus de experiência variáveis. Convém observar que, no Reino Unido, a semelhança do já observado em relação aos Estados Unidos, também foram mudados os nomes da maioria das escolas de biblioteconomia, introduzindo termos tais como estudos de informação e ciência da informação. Pode-se obter uma visão sobre a formação dos profissionais da informação, no Reino Unido, assim como sobre os requisitos para registro



dos bibliotecários na Library Association, e do reconhecimento dos profissionais da informação, em geral, pelo Institute for Information Science, nas obras já citadas de Gurnsey (17) e Cronin (19) ou numa recente entrevista de Wilson (37) ou, ainda, no relatório do Library and Information Services Council, publicado em 1986 (38).

Ainda, um terceiro aspecto que mereceria certo destaque é o que se refere à necessidade imperiosa de introduzir, na formação dos bibliotecários como na dos documentalistas e outros profissionais da informação, entre outros, conhecimentos práticos efetivos sobre o uso e aplicações das novas tecnologias.

Esse aspecto nos leva a considerar os currículos e os conteúdos programáticos dos cursos de formação dos diversos profissionais, de que trataremos na seção seguinte. Entretanto, antes de terminar nossas considerações sobre o quebra-cabeça da formação, pareceria oportuno levantar alguns questionamentos sobre a formação dos profissionais da informação no Brasil, onde o único diploma oficialmente reconhecido é o de bacharel em biblioteconomia, embora os cursos pretendam, em numerosos casos, incluir conhecimentos que mais teriam a ver com a profissão de documentalista. Os cursos de pós-graduação, surgidos inicialmente para assegurar a auto-suficiência em mestres, de forma a garantir a qualidade dos cursos de graduação, seguindo, em maior ou menor grau os imperativos do mercado e da corrente dos tempos, concedem o título de mestre em, administração de sistemas de informação, em biblioteconomia e documentação, em ciência da informação, a profissionais formados seja em biblioteconomia, seja em outras áreas. No que diz respeito à profissão de bibliotecário e à sua formação, pode-se consultar um recente artigo de Población (39). A abundante literatura sobre a formação do bibliotecário e sobre seu perfil profissional, à qual nos referimos num artigo anterior (40), onde citávamos 50 referências sobre o assunto, produzidas no Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, e na qual foi omitida ainda uma referência a um recente trabalho de Mueller (41), confirma, como indicávamos, no início desta seção, a preocupação sobre o problema e a ausência de uma solução definitiva para o mesmo. No referido artigo (40) indicávamos o fato



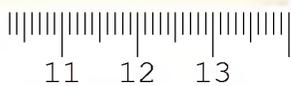
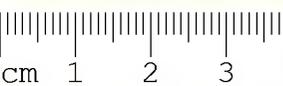
da biblioteconomia à realidade do mercado. Apesar dos esforços realizados, tanto em nível de graduação como de pós-graduação para aprimorar a qualidade dos cursos e adequá-los à realidade do mercado (41, 47), e à vista do exposto anteriormente, caberia indagar se as propostas brasileiras não estariam, numa certa medida, como consequência da sua inspiração num modelo americano/inglês – o qual parece ser questionado nos próprios países de origem, mais afastados da realidade brasileira do que o estariam se tivessem incorporado algumas idéias dos modelos mais recentes dos países europeus, que coexistem com marcadas diferenças culturais, lingüísticas, raciais e econômico-sociais.

#### 4 ALGUMAS LINHAS-MESTRA QUE PODERIAM ORIENTAR A FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS BRASILEIROS DA INFORMAÇÃO, NOS PRÓXIMOS ANOS.

Gregos e troianos – quer dizer, americanos e europeus – concordam sobre a importância dos estudos sobre mercado de trabalho, para identificar as áreas de maior demanda e definir melhor o perfil dos profissionais que virão preenchê-las. Da obra já citada de Gurnsey (17) extraímos alguns dados referentes à distribuição dos profissionais da informação, em diversos setores de atividade (Tabela 1).

TABELA 1 Distribuição dos profissionais da informação em diversos setores, nos Estados Unidos (dados referentes a 1980)

Sector de atividade	Total de pessoal empregado	Porcentagem (%)
Computadores/Informática	683.000	42
Suporte gerencial	167.600	10
Bibliotecas	159.800	10
Serviços de Informação	150.500	9
Ensino/formação	131.900	8
Pesquisa	124.700	8
Serviços Financeiros	69.100	4
Publicações técnicas	39.000	2
Estatísticas	3.900	0,1
Outros não especificados	101.500	7
TOTAL	1.641.000	—



Os dados publicados por Dosa (32) apresentam algumas das grandes áreas dentro das quais deveriam emergir algumas linhas-mestras, que orientariam a formação de nossos profissionais:

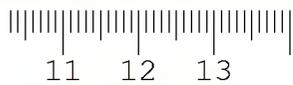
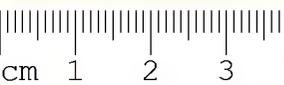
- Gerência dos recursos de informação;
- Assessorias em informação;
- Utilização/difusão dos resultados da pesquisa;
- Redes sociais de informação;
- Disseminação da informação através das grandes redes públicas.

A importância dos aspectos referentes à gerência dos recursos de informação, marketing e estudos de usuários, na formação dos profissionais da informação, é amplamente reconhecida (48-51), sendo considerada atualmente a informação como representando a totalidade dos recursos da organização e não são aqueles contidos nas espécies tradicionais encontradas nas bibliotecas e centros de documentação (37, 52).

A importância do conhecimento e da prática das novas tecnologias também forma parte do que poderíamos chamar de consenso universal (53, 55).

Numa recente publicação, Courier (56) estabelece algumas previsões sobre a possível evolução da demanda do mercado, em diversos setores, com base nas análises realizadas na França e no Reino Unido, a partir dos anúncios classificados de ofertas de emprego, no período de 1984-1985. Algumas conclusões merecem destaque:

- às funções tradicionais de bibliotecário e documentalista, corresponde o maior número de ofertas de emprego;
- os documentalistas devem possuir conhecimentos cada vez mais abrangentes (cultura científica, econômica e tecnológica) e mais profundos;
- é fortemente apreciada a capacidade de identificar as fontes de informação adequadas;



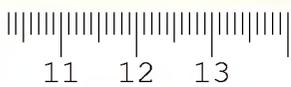
- existe uma demanda considerável de profissionais capazes de organizar e administrar os serviços de informação e de identificar o público usuário.

O que não sabemos é se, nos anos 90, a demanda majoritária continuará apresentando a mesma tendência.

Os resultados de outros estudos realizados no Brasil (42, 43, 47) confirmam as grandes linhas das conclusões até aqui apresentadas, de forma que o alicerce da formação dos profissionais estaria constituído por:

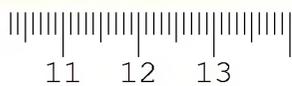
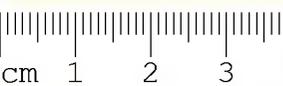
- a diversificação das próprias profissões, no sentido horizontal (bibliotecários, documentalistas, informáticos documentários, científicas da informação etc.), com a possibilidade de aprimoramento e aprofundamento dos conhecimentos, no sentido vertical (graduação – com a possibilidade de escolher o tipo de habilitação, pós-graduação – mestrado e doutorado, especialização, formação continuada etc.), garantindo a inter e a transdisciplinaridade dos estudos;
- a importância básica do conhecimento das técnicas gerenciais sob todos os seus aspectos (gerência da informação, gerência de sistemas de informação, marketing, economia da informação etc.);
- o conhecimento profundo e a experiência de aplicação das novas tecnologias (micro-informática, telecomunicações, análise e recuperação da informação, bases de dados, inteligência artificial (sistemas especialistas), edição computadorizada, CD ROM, serviços de valor acrescido etc.);
- o impacto da informação e das novas tecnologias na sociedade.

A maneira prática de organizar esses princípios em disciplinas concretas, capazes de integrar currículos específicos, deverá seguir alguns princípios fundamentais:



- a universidade deve mudar sua forma atual de ensinar o que se faz, para passar a ensinar como se faz (57); senão, e ensino universitário será relegado progressivamente, à medida que aparecem outros mecanismos mais flexíveis e mais eficientes;
- os objetivos dos cursos devem ser formulados claramente, em função dos estudantes (aptidões, competências, expectativas etc.) e não dos conhecimentos dos docentes disponíveis, levando em consideração as realidades mercadológicas (58).
- os currículos devem ser flexíveis e abertos, constituídos por algumas – de preferência poucas – disciplinas obrigatórias, e de um amplo leque de disciplinas optativas;
- os cursos de graduação não deveriam ultrapassar uma duração de 3 anos (6 semestres), para obter um diploma básico de biblioteconomia, documentalista, arquivista etc.;
- o acesso a conhecimentos e práticas mais avançados e mais profundos – com aconseqüente aspiração a um *status* mais elevado – deveria ser garantido pelos cursos de pós-graduação e especialização, abertos a todos os profissionais interessados nas atividades de informação, qualquer que seja sua área de formação ou especialização;
- o reconhecimento da qualificação para o exercício da profissão de bibliotecário não deveria basear-se na exibição exclusiva do título de bacharel (mesmo com a duração do estudo estendida nos novos currículos em vigor), mas na comprovação da experiência e competência profissionais (de fato, o Brasil parece ser um dos raríssimos países que homologa o direito ao exercício de uma profissão com base em critérios anômalos que ignoram a verdadeira qualificação profissional).

Talvez, a maior dificuldade para implementar os novos programas de ensino, necessários para formar os novos profissionais, seja a de aceitar que nós mesmos precisamos nos reconverter a uma nova realidade, na qual não é possível parar de estudar e de apreender,



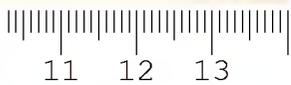
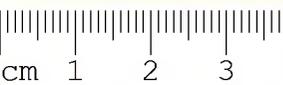
porque tudo muda a cada instante; a de aceitar que devemos trabalhar juntos, porque somos poucos e porque a tarefa a realizar é considerável e ao tempo curto.

ABSTRACT: Focus is the new information professionals, their conflicts and understanding of the reality, as well their formal library education, a kind of puzzle. Finally, suggests some main lines to the orientation of such education, for the next decades.

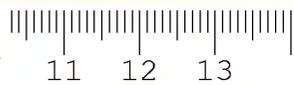
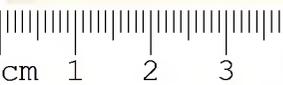
KEY-WORDS: New information professional. Profile. Conflicts. Library education.

## 5 NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

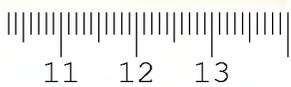
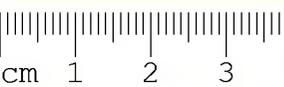
- ( 1) ROBREDO, Jaime. Considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia da informação no Brasil. I. A sociedade informatizada. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, 22(1/1):7-38, jan./jun. 1989.
- ( 2) Entrevista com Jaime Robredo, realizada para a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, pelo professor Murilo Bastos da Cunha, em 10 de março de 1989, 22(1/2):120-30, jan./jun. 1989.
- ( 3) ROBREDO, Jaime. Informação e transformação: reflexões sobre o futuro da biblioteca. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 14(1):51-69, jan./jun. 1986.
- ( 4) BRITO, Cláudio J. Disseminação da informação e a tecnologia do CD-ROM. *Ciência da Informação*. 17(1):1-13, jan./jun. 1988.
- ( 5) GIANNATTASIO, Isabelle. Le point sur les technologies video en bibliothèques. 55th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989. Papers, p. 60, 26-60, 28.
- ( 6) ALBIGES, Luce-Marie. L'interrogation par le réseau NUMERIS de la banque d'images de la Bibliothèque Publique d'Information du Centre Georges-Pompidou: aspects économiques. 55th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989. Papers, p. 00.9-00.11.
- ( 7) LAMBERT, Streve & ROPIQUET, Suzana. *CE ROM: el nuevo papiro*. Madrid, Anaya Multimedia, 1987, 665p. *The new papyrus: CD ROM*. Trad. inglês: Bellevue, Microsoft, 1986.
- ( 8) O Instituto Cultural Itaú, situado na avenida Paulista n. 2.424, em São Paulo Capital, foi criado no quadro da Lei Sarney (Lei federal n. 7.505, de 2 de julho de 1986).
- ( 9) CURRÁS, Emilia. Investigaciones en inteligencia artificial en España. *Transinformação*. 1(1):41-9, jan./abr. 1989.



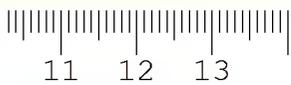
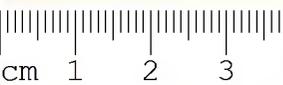
- (10) CAMPOS, Fernanda Maria. Adopting UNIMARC as a national format: the Portuguese experience. 55th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989. *Papes*, p. 50.13-50.15.
- (11) LANCASTER, Wilfrid Federick. *Towards paperless information society*. New York, Academic Press, 1978. 179p.
- (12) NAISBITT, J. *Megatrends: the new directions transforming our lives*. New York, Warner Books, 1982.
- (13) SAGREDO, Félix. La tecnología óptica: el papel digital. Primeras Jornadas Técnicas sobre Nuevas Tecnologías de la Información. Madrid, 29-30 mar. 1989.
- (14) ROBREDO, Jaime. *Informação e transformação*. Brasília, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1948, 97p.
- (15) SPAUDILG, Frank H. Image of the librarian/information professional: a Special Libraries Association Presidential Task Force. 55 th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989. *Papers*, p. 60,32-60,37.
- (16) BILLÉDI, Ibolya. The *status* and social prestige of library and information profession: an international survey. 55th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989., *Papers*, p. 60.30-60.32.
- (17) GURNSEY, Jonh. *The information professions in the electronic age*. London, Bingley, 1985. 206p.
- (18) SEETHRANA, S. Information professionals and their skills for future information society. 44th FID Conference and Congress, August 28- September 1. 1988. participant's edition. Helsinki, International Federation for Information and Documentation; Finish Society for Information Services, 1988. Part 1, p. 136-45.
- (19) CRONIN, Blaise. Post-industrial society: some manpower issues for the library information professions. *Journal of Information Science*. 35(3):164-9.
- (20) WALL, Stuart. The information worker and changes in the manpower force. *ATAS Bulletin*, 3:95-101, jun. 1986.
- (21) PINTO MOLINA, Maria. Indexer and abstractor as main processor of information. 44th FID Conference and Congress, August 28 - September 1. 1988. Participant's edition. Helsinki, International Federation for information and Documentation; Finish Society for Information Services, 1988. Part 1, p. 129-55.
- (22) VIEIRA, Ana da Soledade. Repensando a biblioteconomia. *Ciência da Informação*, (12)2:81-5, jul./dez. 1983.
- (23) ————. Mercado da informação: do tradicional ao inexplorado. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 11(2):177-92, jul./dez. 1983.
- (24) FROISSART, Françoise coord. *Le métier de bibliothécaire*. 8. ed. Paris, Association des Bibliothécaires de France; Promodis, 1988. 358p.
- (25) SEIBEL, Bernadette. *Au nom du livre: analyse sociale d'une profession*. Paris, Documentation Française, 1988. 230p.



- (26) CRONIN, Blaise. *The Education of Library-information professionals: a conflict of objectives*. London, Aslib, 1982. 58p. (Aslib Occasional Publication n. 28).
- (27) Durante os dois últimos anos, por razões diversas, o autor deste trabalho teve que viajar várias vezes à Europa, visitando centros e instituições dos mais variados tipos (empresas, associações, federações, órgãos públicos, organismos internacionais, centros de pesquisa, centros de documentação, bibliotecas, sistemas de informação especializados, universidades, faculdades e escolas, fornecedoras de bases de dados, produtores de *software*, e equipamentos, instituições de normalização etc.), em oito países, assim como algumas feiras e exposições, ao tempo entrava na intimidade de diversas famílias e conversava com pesquisadores, professores e estudantes, o que lhe permitiu obter uma visão bastante completa e abrangente da realidade da sociedade da informação e das mudanças que, em pouquíssimo tempo, vêm se produzindo, nos diversos segmentos da economia e nas diversas camadas sociais, a medida que se generaliza e se amplia o uso das novas tecnologias.
- (28) OTLET, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles, Mundaniem, 1934.
- (29) VALLE GASTAMINZA, Félix del. La formación de los documentalistas en Estados Unidos. *Documentación de las Ciencias de la Información*. 10:273-7. 1986.
- (30) É interessante observar que os termos “documentação” e “documentalista”, amplamente usados nos países europeus, foram praticamente banidos do vocabulário norte-americano. Assim, o American Documentation Institute (ADI), transformou-se, em meados da década de 60, em American Society for Information Science (ASIS) e, como consequência, o Journal of Documentation passou a chamar-se Journal of the American Society for Information Science.
- (31) GARRISON, Guy. Novos rumos na educação em biblioteconomia: a experiência norte-americana. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(2):161-174, jul./dez. 1986.
- (32) DOSA, Marta L. Education for new professional roles in the information society. *Informátologia Yugoslavica*. Separat speciale 6, p. 99-107, 1984. (Conference paper.) (v. também *Education for information*. 3(2):203-217, jun. 1983.)
- (33) POBLACIÓN, Dinah Aguiar. Formação de recursos humanos para a área de informação na Espanha. *Ciência da Informação*. 17(1):33-42, jan./jun. 1989.
- (34) CLOW, David. French library and information careers. *Journal of Librarianship*. 18(2):113-32, Apr. 1986.
- (35) BOUCHE, Richard. Ciência da informação: ciência da forma. *Ciência da Informação*. 17(2):99-104, jul./dez. 1988.
- (36) MÉRIGOT, Lydia. Former les utilisateurs et les professionnels de l'information: centralisation et décentralisation. In: Van der Laan, A. & Winters, A. A. eds. *The use of information in a changing world*. Amsterdam, North Holland, 1984. Proceedings of the 42 FID Congress. p. 441-6.
- (37) WILSON, T. D. Tendências do ensino de biblioteconomia e ciência da informação no Reino Unido. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 14(1):1-7, jan./jun. 1986.
- (38) Library and Information Services Council. *Professional education and training for library and information work: a review*. London, Library Association, 1986. 177p.

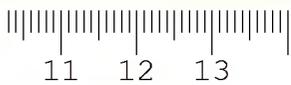
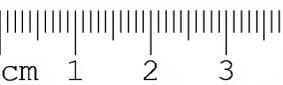


- (39) POBLACIÓN, Dinah Aguiar. La biblioteconomía en Brasil: movimientos asociativos y formación profesional. *Revista Española de Documentación Científica*. 12(1):37-41, 1989.
- (40) ROBREDO, Jaime. Estudo preliminar sobre a vocação dos bibliotecários e a imagem da profissão entre os novos profissionais. *ABDF Boletim Informativo*. 2(1):4-5, 8, marc. 1989.
- (41) MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação. *Ciência da Informação*. 17(1):71-81, jan./jun. 1988.
- (42) ROBREDO, Jaime coord. et alii. Tendências observadas no mercado de trabalho de bibliotecários e técnicas da informação nas bibliotecas especializadas do Distrito Federal. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 12(2):133-47, jul./dez. 1984.
- (43) BOTELHO, Tania Mara G. & CORTE, Adelaide Ramos e. O mercado de trabalho de profissionais da informação na área de biblioteconomia na região Centro-Oeste. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 1(52):249-84, jul./dez. 1987.
- (44) MUELLER, Suzana Pinheiro Machado & MACEDO, Vera Amália A. Proposta de um novo currículo pleno para o Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília. *revista de Biblioteconomia de Brasília*. 11(2):155-76, jul./dez. 1983.
- (45) ————. Considerações sobre alguns aspectos do novo currículo mínimo de biblioteconomia e implicação na elaboração do currículo pleno. *Anais do 12º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*. Camboriú, 1983.
- (46) ————. Em busca de uma base comum para a formação do profissional em biblioteconomia, ciência da informação e arquivologia: relato de um simpósio patrocinado pela UNESCO. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 12(2):149-56, jul./dez. 1984.
- (47) ROBREDO, Jaime; BOTELHO, Tania Mara G. & CORTE, Adelaide Ramos e. Aplicação dos resultados de um estudo Delfos ao desenvolvimento e revisão de currículos em biblioteconomia e ciência da informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 16(2):157-77, jul./dez. 1988.
- (48) WASSERMAN, P. The teaching of management as a subject for the preparation of librarians, documentalists, archivists and other information specialists. International Symposium on Harmonization of Education and Training Programmes in Information Science, Librarianship and Archival Studies. Paris, 8-12 Oct. 1984. General Information Programme and Unisist. (PGI-84/Conf. 801/Col. 1)
- (49) BROADVENT, Marianne. Information management education: some interdisciplinary approaches. 55th IFLA Council and General Conference. Paris, 19-26 Aug. 1989. p. 70.3-70.6.
- (50) SAVARD, Réjean. L'importance d'une formation de base en marketing pour les bibliothécaires documentalistes. 55th IFLA Council and General Conference. Paris. 19-26 Aug. 1989. p. 70.1-70.2.
- (51) SENE, H. The teaching of user studies as a subject for the preparation of librarians, documentalists, archivists and other information specialists. International Symposium on Harmonization of Education and Training Programmes in Information Science, Librarianship and Archival Studies. Paris, 8-12 Oct. 1984. General Information Programme and Unisist (PGI-84/Conf. 801/Col.3).



Considerações Prospectivas para as Próximas Décadas sobre a Evolução da Tecnologia da Informação no Brasil – II O Perfil dos Novos Profissionais da Informação

- (52) BOTELHO, Tania Mara G. & ROBREDO, Jaime. O ciclo documentário como base conceitual do processo de gerência da informação. 2º Congresso Nacional de Organização e Métodos. Brasília, 16-21 out. 1989.
- (53) COOK, M. The teaching of technology as as subject for the preparation of librarians, documentalists, archivists and other information specialists. International Symposium on Harmonization of Education and Training Programmes in Information Science, Librarianship and Archival Studies. Paris, 8-12 Oct. 1984. General Information Programme and Unisist. (PGI-84/WS/16).
- (54) MARCHIONINI, Cary. Computadores e o currículo da biblioteconomia. *Ciência da Informação*. 15(2):159-62, jul./dez. 1986.
- (55) ROBREDO, Jaime. Uma experiência de aplicação do computador no ensino da biblioteconomia e ciência da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. 16(3/4):7-20, jul./dez. 1983. (Republicado em *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 12(1):11-24, jan./jun. 1984.
- (56) COURRIER, Yves. Prévisions quantitatives e qualitatives et formation des spécialiste de l'information documentaire. *Libri*. 18(1):1-25, Apr. 1988.
- (57) Comentário do professor Norbert Rischette, diretor do Instituto Europeu de Gerência da Informação (IEGI) e coordenador do Projeto EUROTRA, Luxemburgo, ago. 1989, durante um encontro com o autor deste trabalho.
- (58) COURRIER, Yves. Besoins, stratégies et objectifs de formation dans le domaine des technologies de l'information pour les pays en développement. In: Smith, E. V. & Keenan, S. eds. *Information, communication and technology transfer*. Amsterdam, North Holland, 1987, p. 21-31. Proceedings of the 43 FID Congress, Montreal, 14-18 Sep. 1986.



# MINI-MICRO CDS/ISIS: UMA PROPOSTA DE APLICAÇÃO NO ENSINO DA INFORMÁTICA EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO\*

Amélia Silveira\*\*

Franca Maria B. Araújo\*\*\*

Marília Maria D. Costa Knoll\*\*\*\*

**RESUMO:** A aplicação de um *software* gerenciador de informações bibliográficas é fundamental para o desenvolvimento dos aspectos práticos do processo de ensino/aprendizagem nos cursos de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, no Brasil. O MINI-MICRO CDS/ISIS, da UNESCO, versão 1 e 2, é apresentado como uma alternativa, sendo proposta sua utilização em disciplinas para os dois níveis de formação, nesta área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mini-Micro CDS/ISIS. Biblioteconomia: Ensino. Ciência da Informação: Ensino.

## 1 INTRODUÇÃO

A preocupação com o ensino da informática na biblioteconomia e ciência da informação tem sido constante desde o final da década de 60. Ao longo do tempo, a problemática dessa área de ensino tem sido abordada na literatura por VIEIRA (1), MARTUCCI (2), PARANHOS (3), BRITAIN (4), CAVALCANTI (5), McCARTHY (6), SOUZA (7), PEREIRA e outros (8).

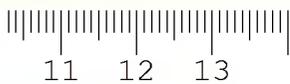
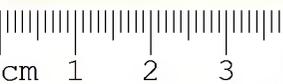
Também foi objeto de estudos em inúmeros eventos específicos, destacando-se:

\* Trabalho apresentado no III EMBI, em outubro de 1988, em Brasília, D.C.

\*\* Professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFSC.

\*\*\* Aluna do Curso de Mestrado da PUC/Campinas.

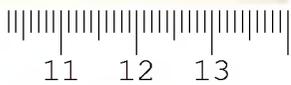
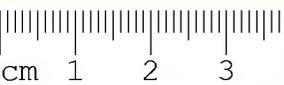
\*\*\*\* Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFSC.



- a) I Seminário Regional de Biblioteconomia e Informática, inserido no VI Congresso Regional de Informática, promovido pela SUCESU/Santa Catarina, em maio de 1984;
- b) I Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática, em outubro de 1984;
- c) I Congresso Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovido pela Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação ABEBD, em fevereiro de 1986;
- d) 1ª Reunião Nacional de Professores de Automação de Bibliotecas – 1ª RENCAUT, em outubro de 1986;
- e) II Encontro Nacional de Biblioteconomia e Informática, em outubro de 1986.

Revido os problemas e dificuldades que o ensino de informática na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação vem atravessando no país, percebemos que a falta de suporte lógico (*software*) com aplicativos específicos constituiu-se, ainda, um dos maiores entraves para a prática do ensino na área. Essa constatação, aliada à preocupação com os aspectos mais específicos da formação de profissionais voltados para um mercado de trabalho que se projeta em novas áreas de atuação e que é dependente, de forma substancial, de um ensino/aprendizagem que integre o computador como ferramenta de trabalho, levou-nos à elaboração do presente trabalho.

Sabemos que a Política Nacional de Informática, consubstanciada na Lei n. 7.232, de 29 de outubro de 1984, ao mesmo tempo em que abriu perspectivas de melhoria de acesso aos equipamentos, como mini e microcomputadores nacionais, restringiu as disponibilidades de acesso a *softwares* gerados no exterior. Esse fator limitou, em muitos casos, a prática do ensino de informática nos cursos de Biblioteconomia e Ciências da Informação, visto haver dificuldades reais para obtenção de *softwares* específicos para gerenciamento de dados bibliográficos, não estando o pessoal docente, de forma geral, preparado para o desenvolvimento de pacotes aplicativos nessa área. No que tange a pacotes aplicativos desenvolvidos por departamentos de



biblioteconomia para a prática do ensino de informática, ressaltamos a experiência pioneira da Universidade de Brasília. Os trabalhos de ROBREDO (9) e MIRANDA (10) são relatos importantes dessa experiência.

Quanto à aplicação de pacotes, voltados para o gerenciamento de dados bibliográficos, cabe destacar o *software* MINI-MICRO CDS/ISIS, pacote desenvolvido pela UNESCO e disponível no Brasil por intermédio do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

Esse *software* parece ser, no momento, uma ferramenta útil e de fácil operacionalização, que tem despertado o interesse geral dos profissionais e professores das áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Informática, sendo que, somente em 1987, cerca de 130 pedidos foram formalizados ao IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

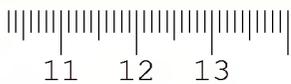
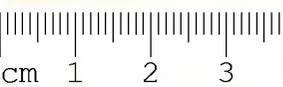
Ao nosso ver, o MINI-MICRO CDS/ISIS está sendo considerado como um meio alternativo que poderá viabilizar o aspecto prático do processo de ensino-aprendizagem nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação do país.

Visando contribuir para reforçar este enfoque, apresentamos a seguir as características básicas do *software* MINI-MICRO CDS/ISIS, a revisão da literatura no assunto e uma proposta sucinta para aplicação desse pacote no ensino de informática na área, tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

## 2 MINI-MICRO CDS/ISIS

### 2.1 Características Básicas

O MINI-MICRO CDS/ISIS é um *software* monousuário para gerenciamento de informações bibliográficas em microcomputadores, fazendo parte integrante da ISIS FAMILY e sendo a aplicação mais recente do pacote CDS/ISIS (COMPUTERISED DOCUMENTATION SYSTEMS/INTEGRATED SET OF INFORMATION SYSTEMS) desen-



volvido pela UNESCO.

O MINI-MICRO CDS/ISIS, mais conhecido como MICRO/ISIS, é composto por um conjunto de programas de estrutura simples e versátil em termos de utilização, apresentando como principais vantagens o campo e o arquivo de tamanho variável, o emprego do modelo relacional para estratégias de busca de dados bibliográficos, índice flexível, facilidades de impressão e de aprendizado.

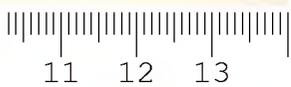
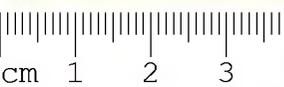
Atualmente, o MICRO/ISIS apresenta-se em 2 (duas) versões. A versão que vem sendo distribuída no Brasil, por intermédio do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, é a versão 1, que permite especificamente:

- Definir bases de dados contendo os elementos exigidos;
- Entrar novos registros na base de dados;
- Modificar, corrigir ou excluir registros existentes;
- Construir automaticamente e manter o acesso rápido aos arquivos para cada base de dados;
- Recuperar registros pelos seus conteúdos através de sofisticada linguagem de busca;
- Ordenar ou classificar registros em qualquer seqüência desejada;
- Expor os registros ou parte deles de acordo com as necessidades;
- Imprimir parcial ou inteiramente os catálogos e/ou índices de qualquer bases de dados. (11)

O MICRO/ISIS, versão 1, é composto de 6 (seis) módulos, sendo o sistema dirigido por "menus", que possibilitam a seleção da função desejada para execução. Os programas são interativos e o texto dos menus, lembretes e mensagens pode ser apresentado em inglês, francês, ou italiano, conforme a escolha do usuário.

Funciona em microcomputadores (*hardware*) tipo PC, com a seguinte configuração: 16 bits, 256 kb de memória e winchester de 5 Mb. A versão 1 admite até 32.000 registros.

A versão 2 apresenta, como diferença básica, 1 (um) módulo



chamado ISIS, que agrega os demais módulos como menu tendo como vantagem principal o fato de ser programável por meio da utilização da linguagem CDS/ISIS PASCAL.

A versão 2 funciona também em microcomputador tipo PC com 16 bits, porém com a seguinte configuração: 740 kb de memória e winchester de 40 Mb. Essa versão admite até 16.000.000 registros.

## 2.2 Revisão da Literatura

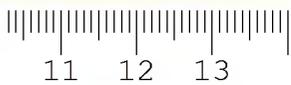
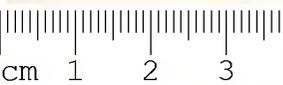
A revisão da literatura sobre o MINI-MICRO CDS/ISIS efetuada no LISA – Library Information Science Abstract, cobrindo o período de 1982 a 1988, evidencia a carência de estudos sobre o tema. Atualmente, apenas 3 (três) artigos de especialistas húngaros enfatizam o assunto. O foco dos trabalhos, entretanto, prende-se à aplicação geral do *software* em produtos e serviços de bibliotecas.

JACSO (12) pondera as possibilidades potenciais do MICRO/ISIS para aplicação em bibliotecas especializadas da Hungria que possuam de 15.000 a 30.000 itens em seus acervos. SZÜCS & VARGA (13) relatam um experiência na Hungria com a aplicação da versão microcomputadorizada do CDS/ISIS para a produção de um catálogo on-line. JACSÓ, SZÜCZ & VARGA (14) discorrem sobre as características gerais, a estrutura básica e a aplicação prática do MINI-MICRO CDS/ISIS em um catálogo monográfico.

Podemos verificar que inexistente literatura sobre a aplicação do MINI-MICRO CDS/ISIS como ferramenta prática para embasamento do ensino em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

## 3 PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO MINI-MICRO CDS/ISIS NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tanto em nível de graduação, como de pós-graduação, o *software* microcomputadorizado do CDS/ISIS poderá subsidiar o oferecimento de disciplinas obrigatórias ou optativas.



### 3.1 Em nível de graduação

A aplicação do MINI-MICRO CDS/ISIS nos currículos de graduação poderá constituir-se matéria complementar aos conteúdos de informática aplicada à biblioteconomia, tendo como pré-requisitos disciplinas como: Introdução ao Processamento de Dados para Bibliotecários e Planejamento de Automação em Bibliotecas e Serviços de Informação.

O conhecimento de um *software* para gerenciamento de informações bibliográficas, além de subsidiar aplicações para os conteúdos programáticos de disciplinas afins e a elaboração de trabalhos de conclusão de curso, poderá dar continuidade aos projetos de automação elaborados para a disciplina de Planejamento da Automação em Bibliotecas, viabilizando-os, integrando de forma definitiva os recursos automatizados nos cursos de graduação.

Para ministrar o referido *software*, propomos a seguinte disciplina:

#### DISCIPLINA: SOFTWARE PARA GERENCIAMENTO DE INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Carga horária: 4 créditos (60 horas/aula)

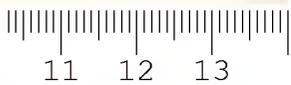
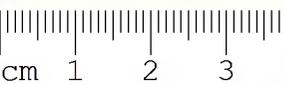
Pré-requisito: Introdução ao Processamento de Dados para Bibliotecários e Planejamento da Automação em Bibliotecas e Serviços de Informação.

Objetivo Terminal: Aplicar o *software* MINI-MICRO CDS/ISIS para geração de produtos bibliográficos.

Conteúdo programático:

- Características básicas do MINI-MICRO CDS/ISIS, versão 1.
- Estrutura
- Comandos
- Módulos: ISIS, ISISDEF, ISISINV, ISISPRT, ISISUTL, ISISXCH.

A distribuição da carga horária deverá ser de 5 horas/aula para cada módulo, através de exercícios programados e estudos orientados.



Para esse treinamento, será utilizada a versão 1, sendo necessário microcomputadores do tipo PC de 16 bits, com 256 kb

- Módulos
- Diferenças básicas entre as versões 1 e 2.
- Possibilidades e limitações de uso do *software*.

A carga horária requerida para atividades programadas nesta disciplina deverá ser de, no mínimo, 90 horas/aula, visando o treinamento específico no uso dos comandos e módulos do *software* MINI-MICRO CDS/ISIS, versões 1 e 2.

**DISCIPLINA: MINI-MICRO CDS/ISIS EM BIBLIOTECAS E SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO**

**Carga horária: 3 créditos (45 horas/aula)**

**Objetivo Terminal:** Utilizar a linguagem CDS/ISIS PASCAL em aplicativos para bibliotecas e serviços de informação e a geração de produtos bibliográficos específicos.

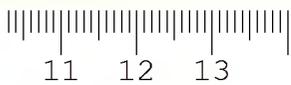
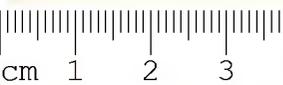
**Conteúdo Programático:** Linguagem de programação CDS/ISIS PASCAL.

A carga horária requerida para atividades programadas nesta disciplina deverá ser de, no mínimo, 90 horas/aula, para desenvolvimento de estudos e exercícios orientados para aplicação da linguagem CDS/ISIS PASCAL.

**DISCIPLINA: APLICATIVOS EM MINI-MICRO CDS/ISIS PARA BIBLIOTECAS E SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO**

**Carga horária: 4 créditos (60 horas/aula)**

**Objetivo Terminal:** Propor aplicativos para a operacionalização de bibliotecas e serviços de informação e a geração de produtos bibliográficos específicos.



Esta disciplina deverá ser conduzida de forma essencialmente prática, por meio de estudos e exercícios orientados e do atendimento individualizado ao aluno. A carga horária necessária para formular e desenvolver os aplicativos específicos voltados para produtos e serviços deverá ser, no mínimo, de 120 horas de atividades programadas.

Para todas as aplicações do MINI-MICRO CDS/ISIS, em nível de pós-graduação, recomenda-se a utilização de microcomputadores do tipo PC, com 16 bits, 740 kb de memória e winchester de 40 Mb. As turmas deverão ser de no máximo 12 alunos, considerando 3 (três) alunos por microcomputador.

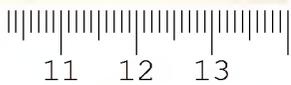
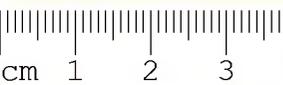
#### 4 CONCLUSÃO

Julgando procedente buscar soluções alternativas que possam minorar os problemas enfrentados pela maioria dos cursos de Biblioteconomia e Ciências da Informação no país, quanto à aplicação de um *software* gerenciador de informações bibliográficas como elemento integrador dos conteúdos relativos à informática, propomos a utilização do *software* MINI-MICRO CDS/ISIS como um meio alternativo, disponível na atual conjuntura.

Gostaríamos de enfatizar que esta proposta representa uma primeira abordagem sobre o tema, devendo o assunto ser retomado, debatido e ampliado, de forma a constituir-se em recomendações mais específicas, que possam nortear a prática do ensino/aprendizagem nos contextos diferenciados dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

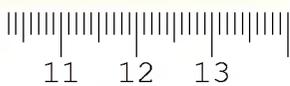
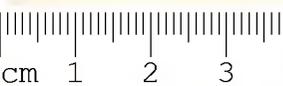
ABSTRACT: The MINI-MICRO CDS/ISIS from UNESCO, version 1 and 2 is presented as a adequate bibliographic data base management *software* to be used in teaching method and practical work in Library Schools.

KEY-WORDS: MINI-MICRO CDS/ISIS, Library Science – Teaching methods and practical work.

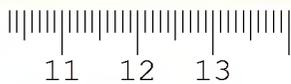
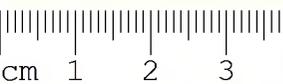


## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) VIEIRA, A. da S. A automação no currículo de biblioteconomia. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, 1(1):12-31, mar./set. 1972.
- (2) MARTUCCI, E. M. *Automação: estratégias e práticas de ensino*. Campinas, 1980. 184p. Diss. (Mestr.) – PUC/CAMP.
- (3) PARANHOS, W. M. M. R. Reflexões sobre o ensino de informática para bibliotecários. *R. Bibliotecon.* Brasília, 13(2):179-188, jul./dez. 1985.
- (4) BRITTAİN, J. M. Desenvolvimento de currículo nas escolas de biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, 14(2):109-25, jul./dez. 1985.
- (5) CAVALCANTI, C. Ensino de informática na formação de bibliotecários. *R. Bibliotecon.* Brasília, 13(1):135-137, jan./jun. 1985.
- (6) MCCARTHY, C. M. Direções no ensino de automação em bibliotecas: a definição de estratégias para uma época de mudanças. In: ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1, Recife, 1986. Recife, 1986.
- (7) SOUZA, F. C. de. A informática no ensino da Biblioteconomia. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2, Brasília, 1986. *Anais ...* Brasília, 1986. p. 335-41.
- (8) PEREIRA, L. M. M. et al. O ensino da informática no curso de pós-graduação em ciência da informação; uma abordagem preliminar. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2, Brasília, 1986. *Anais ...* Brasília, 1986. p. 343-58.



- ( 9) ROBREDO, J. Uma experiência de aplicação do computador no ensino de biblioteconomia e ciência da informação. *R. Bibliotecon.* Brasília, 12(1):11-24, jan./jun. 1984.
- (10) MIRANDA, A. et al. Informática, sistema de informação e ensino da biblioteconomia no Brasil: o caso da Universidade de Brasília. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, 15(1):81-106.
- (11) UNESCO. Division of the Unesco Library, Archives and Documentation Services. CDS/ISIS (Mini-micro Version, Release 1.0) *Introductory guide*. Paris, 1986. p. 11.
- (12) JACSÓ, P. Application potential of MICRO-ISIS in special libraries in Hungary. *Tudományos es Muszaki Tajekostatas*, 33(5/6/7):262-67, May, June, July 1986.
- (13) SZÜCZ, A. & VARGA, S. On-line cataloguig by micro-ISIS. An application model. *Tudományos es Muszaki Tajekostatas*, 33(5/6/7):268-80, May/July 1986.
- (14) JACSÓ, P. et al. Micro CDS/ISIS: a bibliographic information "software" from UNESCO. *Micro-computers for Information Management*, 3(3):173, Sept. 1986.



# LA BIBLIOGRAFÍA COMO PRECEDENTE DE LA DOCUMENTACIÓN CIENTÍFICA. SU EVOLUCIÓN CONCEPTUAL

José Antonio Moreira González\*

**RESUMO:** Abordagem teórica concernente à situação da Bibliografia na Informação Científica, focalizando sua adaptação sincrônica ao avanço da ciência e da cultura humana, com atenção paralela ao desenvolvimento diacrônico de seu conceito. Apresenta um desenvolvimento histórico que, partindo das origens remotas da Bibliografia, chega até à sua fusão como parte fundamental da Documentação Científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bibliografia. Abordagem teórica. Documentação Científica. Informação Científica.

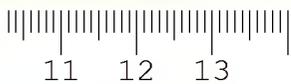
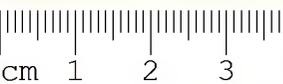
## 1 LA BIBLIOGRAFÍA Y LAS DIRECTRICES DE LA EVOLUCIÓN CIENTÍFICA

Tanto la bibliografía como la documentación han sido instrumentos utilizados por el hombre para orientarse en la existencia, a veces conflictiva, de la información a lo largo de la historia. Ambas nacieron cuando su presencia se hizo necesaria ante la abundancia de libros y otros soportes documentales. El crecimiento de los frutos científicos no tiene como objetivo único llegar a conocer mejor la realidad, sino transmitir ese conocimiento a otros científicos. Bibliografía y Documentación son atributos de un mismo concepto: informar. A través suyo se consigue una economía de tiempo y dedicación sobre la cual se posibilita el avance de la ciencia.

La información científica rigurosa, aquella verificable por encima de las circunstancias concretas cuando narra un hecho científico

---

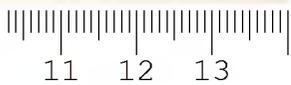
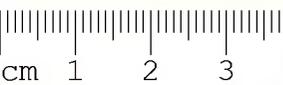
\* Profesor de Documentación. Facultad de C.C. de la Información. Universidad Complutense de Madrid.



con independencia de su objeto, requiere ser exhaustiva en sus fuentes. Por muy particular que sea un tema científico resulta extremadamente difícil hacernos con cuantos documentos existen sobre él. El control bibliográfico no es sino un antecedente desde el punto de vista diacrónico, y un sector, desde el sincrónico, de la documentación como concepto más amplio, extensible a tipos de materiales no impresos. La bibliografía presta su atención a toda literatura impresa de cualquier tema o tiempo para facilitar su recuperación y posibilitar la reproducción informativa de los contenidos. El aparato de control bibliográfico se ha convertido en un proveedor de los elementos que conforman el estado del arte de una cuestión científica, haciendo barridos tan especializados y particulares como la bibliografía que publicó Anderson sobre las fresas (1), en la que llegó a conceder casi 9.500 referencias. La bibliografía se comprende actualmente integrada en la documentación que, con mayor amplitud conceptual, supera los fines y aplicaciones de aquella (12), pero que no se podría constituir sin su fundamento.

La evolución del concepto bibliográfico se ha desarrollado paralelamente a la historia del mundo occidental. Su funcionalidad ha ido cambiando con el desarrollo de los impresos y de las ciencias. Pero siempre ha permanecido un interés por el contenido de los documentos ofrecidos y por su evaluación. La obtención de bibliografías va más allá de la colección y el registro de unos documentos en un lugar, y del establecimiento de lo que ya podemos llamar un documento bibliográfico. Para hablar de bibliografía hay que llegar a la constitución de las fichas de control, y no basta con quedarnos en el nivel de descripción externa. En puridad la bibliografía exige la constitución de fichas analíticas o críticas, pues si de control de la información hablamos, la información se establece sobre contenidos, mensajes a tratar (9 y 19). Nuestro negocio mueve, más que nada, ideas.

Ortega cometaba cómo la bibliografía ofrecida por los servicios de información debía ser "razonada y cribada", es decir, crítica, precisa y selectiva de los documentos auténticamente válidos. Sólo así se permitirá a los investigadores la posibilidad de realizar con fundamento su trabajo, lejos de pérdidas de tiempo y de esfuerzos

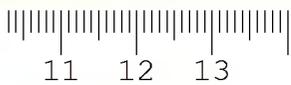
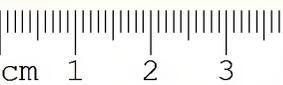


inútiles (24).

Surge la bibliografía como una parte de la bibliología o ciencia del libro, teniendo como fin recoger y clasificar los documentos impresos, así como reagruparlos en repertorios para facilitar su consulta. De ahí la definición dada por la profesora Malclès: "la bibliographie recherche, transcrit, décrit et classe les documents imprimés. . . pour constituer des instruments de travail intellectuel, apellés répertoires bibliographiques ou bibliographies" (17).

La bibliografía se sitúa en el cruce entre la producción y el consumo intelectuales, uniendo los pensamientos de autor y de lector (25). El número de documentos actuales frecuentemente imposibilita encontrar la obra deseada. La comunicación no puede establecerse si antes no se ha localizado el mensaje. Las necesidades informativas que presentan los lectores junto a la orientación científica de los autores permiten conformar clasificaciones que suponen la aplicación de una teoría del conocimiento. Así lo confirma Robert Estivals al defender que: "la bibliografía se presenta como una respuesta a la necesidad de información rápida del lector frente a la masa de documentos escritos por medio de la aplicación de un esquema que permita la clasificación de los documentos" (10).

Su situación en la comunicación científica ocupa lugares de intermediación entre el emisor de un mensaje científico, despreocupado por la bibliografía, y el receptor. Por tanto, responde a problemas de difusión. Y por ello preocupa, y preocupó desde sus orígenes (recordemos los Messcatalogue) principalmente a los distribuidores de libros: los profesionales editores, libreros y bibliotecarios. El lector y su necesidad de información son el mecanismo que explica la existencia de la bibliografía, que de esta manera se sitúa entre la oferta y la demanda informativas. Un usuario sólo acude al libro por dos razones: el ocio y el trabajo. Mientras aquel en sí mismo concede la satisfacción buscada, éste requiere un reemplazo de los contenidos en actividades profesionales, científicas, . . . por lo que siempre necesita una información de existencias más rápida y precisa. La exigencia del lector requiere respuestas exactas, pues el tema de su preferencia es muy concreto. Las cuestiones planteadas se basan en intereses parti-

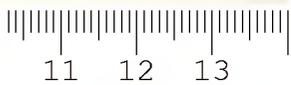
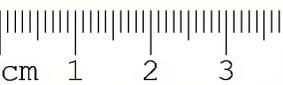


cularistas acerca de los identificadores concretos de un documento (10). No hay posibilidad de elección entre similares como el lector movido por el ocio. Aquí las tendencias se exclusivizan.

La necesidad de información no se puede cubrir con la presencia masiva de documentos. Entre esa documentación y el usuario existe un hombre y una herramienta intermediarios, que tratan de ofrecer información. La elaboración de catálogos y bibliografías resulta a la vez de las exigencias de los peticionarios y de los imperativos de la producción. La eficacia comunicativa depende de la clasificación o indización. En torno a ellas se efectúan los objetivos tanto del catálogo como de la bibliografía: la localización debe ser precisa, pues el lector desea encontrar un libro en un lugar dado.

De todas formas, aparte de la postura que defendemos, el concepto de bibliografía ha sido cambiante y hasta contradictorio. La acepción más conveniente se encuentra en la línea de la definición hecha por Mateu y Llopis: "Estudio y exposición científica, metódica, de cuanto se ha producido sobre una materia cualquiera" (19), dando cabida a todo tipo de repertorios, e incluyendo, lógicamente, no al libro de manera aislada, sino estudiado en conjunto para la información sobre un tema cualquiera. Fuente informativa que reseña la existencia y el valor de obras científicas. Estamos moviéndonos en el concepto que López Yepes denominó "Bibliografía: Ciencia de los Repertorios" (16), que ha sido la corriente más aceptada por los bibliógrafos españoles y cuyo origen en nuestro siglo parte de la bibliografía francesa Louise Noëlle Malclés, cuya definición es determinante: "sector de la Bibliología o ciencia del libro, que se propone buscar, identificar, describir y, clasificar los documentos impresos con el fin de constituir repertorios adecuados para facilitar el trabajo intelectual" (18). El propio Otlet defendió este concepto pues, cuando habla del sentido y profundidad del término Bibliografía, hace exclusiva mención a él (25), como información exacta y completa sobre un impreso en forma de referencia que se conjunta con otras fichas bibliográficas de acuerdo con ciertas condiciones de contenido, de forma o de autor.

El mismo profesor López Yepes expone otras concepciones que



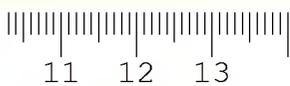
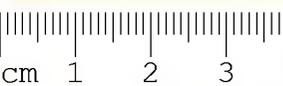
no han triunfado entre nosotros, bien sea por su limitación, al no hacer nunca mención de contenidos, las "Listas de libros" (16), por verse superados sus conceptos al aparecer otras ciencias que se ocuparon de ellos, o como "Conocimiento de los manuscritos", luego estudiados por la Paleografía y la Diplomática, la "Ciencia de las Bibliotecas", asumida posteriormente por la Biblioteconomía, y por fin, la "Ciencia del libro" o Bibliología, concepto enciclopédico del que partió Otlet para concebir la ciencia de la Documentación, y que en el sentido que no nos interesa abarcaba la descripción del libro, su historia, en definitiva una disciplina que trata del libro como continente, a diferencia de nuestro interés que descansa en atender al contenido.

Manifestado nuestro punto de partida, antes de explicar la evolución de la ciencia bibliográfica, las corrientes abandonadas y la fusión, como parte originadora de la documentación, vamos a describir desde el punto de vista de Otlet, los principios y las funciones que debe cubrir la bibliografía. Una buena bibliografía cumplirá los criterios de (25):

- A. Precisión
- B. Exhaustividad
- C. Ausencia de repeticiones
- D. Forma bien dispuesta
- E. Sentido crítico
- F. Distanciamiento tolerable.

Como instrumento de trabajo, arriba definido, tiene un gran número de objetivos, entre los que destacan (25):

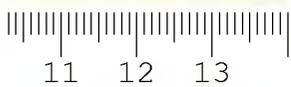
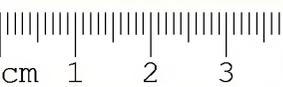
1. Registrar la producción intelectual de características científicas para establecer el inventario de esta producción.
2. Establecer un sistema de indización que permita recuperar dentro de esa producción inventariada.
3. Permitir la verificación rápida del punto de avance de cualquier tema científico para tener un conocimiento exacto sobre su situación y evitar las duplicidades. Se pretende mejorar lo



- que ya está hecho y aportar sobre ello nuevas contribuciones.
4. Permitir el seguimiento de la evolución de una cuestión científica. Sin confundir con la historia de las ideas, de la ciencia o de diversas teorías científicas.
  5. Facilitar el establecimiento de los precedentes de todo tipo: científicos, técnicos, respecto al derecho de autor o de patentes.
  6. Avisar a los interesados acerca de la aparición de obras de su interés.
  7. Permitir la comparación entre obras distintas.
  8. Revalorizar las colecciones actuales de libros y publicaciones periódicas, tanto revistas como diarios. Sin bibliografías ellas no serían más que objetos muertos.

El concepto de bibliografía ha mudado repetidas veces a lo largo de la historia. Forma parte de la superestructura intelectual que se sitúa en el canal de información de las ciencias, como ya vimos, sobre todo en el plano de distribución de los documentos escritos desde los emisores a los potenciales receptores. Refleja así la evolución de la superestructura intelectual, participando de la difusión de ésta por la expresión dominante del conocimiento en el interior de un cuadro social dado. Esta causalidad sociológica tiene como compañeros de influencia en la elaboración de las bibliografías otros aspectos, entre los que destacaremos las teorías filosóficas y políticas, la misma geografía y demografía, y también las estructuras económicas, políticas y culturales. En este marco evoluciona la bibliografía de acuerdo con unas causas que Estivals determinó así (10):

1. La evolución del conocimiento y de las ideologías (como demuestran las adaptaciones sucesivas de los sistemas de clasificación).
2. La cantidad de saber y de títulos producidos explica el desarrollo, la orientación y la división del trabajo bibliográfico.
3. La cantidad de saber y de los títulos conservados es concomitante con el cambio de definición de la disciplina.



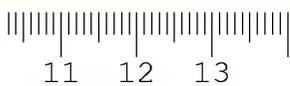
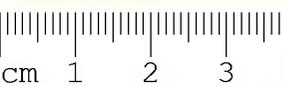
4. El sistema de reproducción ha llevado a interrogarnos sobre el problema del origen y del contenido de la bibliografía. La rapidez de la comunicación orienta la bibliografía hacia el ordenador.

## 2 EL PERIODO PREDOCUMENTAL: LOS INICIOS DE LA INFORMACION CIENTIFICA: La Antigüedad y la Edad Media

El hombre progresa sobre las soluciones que otros hombres dieron a las dificultades que les salieron al paso. La acumulación de soluciones heredadas conforma la cultura sobre la que hacemos nuestras vidas. Las ideas que nuestros predecesores han tenido, para no olvidarlas, se han fijado sobre soportes duraderos: los libros.

Nuestra preocupación no estriba en presentar los principales repertorios aparecidos en cada etapa histórica, sino en seguir la evolución conceptual de la Bibliografía. Nuestra intención es juntar los hechos más destacados en la evolución de esta ciencia y establecer un estudio sistemático de la misma de acuerdo con la evolución de los conocimientos. Una vez conseguida la imprenta, la historia de la bibliografía nos concede una visión directa de la evolución cultural del mundo occidental.

Antes de ese momento, a lo largo de la Antigüedad y la Edad Media, el hombre sólo se preocupó de crear documentos. Son auténticas excepciones los intentos de establecer instrumentos cuyo destino fuese la información científico-literaria. Se caracterizan estos periodos por la producción de documentos manuscritos, con bajo número de obras y pocos problemas para saber de ellas. Como antecedentes más remotos de la bibliografía se tienen varios hechos acaecidos en el mundo griego. Sus bibliotecas ya conocían los sistemas de catalogación y clasificación: Los "Pinakes" dividían los fondos de la biblioteca de Alejandria en ciento veinte grupos de material. Junto a ellos aparecen los "syllabus", antecedentes de nuestras fichas de identificación y a la vez, elementos distribuidores de materias, auténticos instrumentos de búsqueda bibliográfica (9).



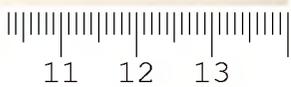
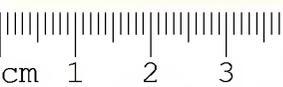
El estudioso de la bibliografía García Morales puso la razón filosófica subyacente a estos sistemas de clasificación en las ideas aristotélicas sobre metodización de las ciencias (31). Como precedentes de los repertorios se consideran los conocidos textos de Galeno de Pérgamo: *De liber propriis liber*, y *De ordine librorum suorum liber* (11).

Durante la Edad Media abundaron las Biobibliografías, que describen la vida de un autor célebre, concediendo a la vez la lista de sus obras, herederos de la manera de hacer empezada en Galeno (10). Los repertorios de mayor influjo fueron el *De Viris illustribus* de San Jerónimo, primeira muestra de una bibliografía de bibliografías, el *Descriptoribus ecclesiasticis* de San Isidoro, y el *Institutiones divinarum et saecularium lectionum* de Casiodoro. Más notable respecto a las tendencias futuras de la bibliografía fue el *Al-Fihrist*... de Ibn Al-Nadim que a finales del siglo X concedió con esta obra un catálogo razonado de Letras y Ciencias de acuerdo con los fondos existentes en la biblioteca de Bagdad. Por más que también en el mundo árabe se diesen los diccionarios biobibliográficos, de los que son buenos exponentes las obras de Ibn Kallican y de Yaqout Schehab, éste último librero adelantado al uso de elaboraciones bibliográficas por razones comerciales tan comunes en la Edad Moderna.

García Morales, que analizó en su obra *Etapas y situación actual de la Bibliografía* el proceso de conformación de estas obras medievales, encontró en ellas un claro influjo del método de las concordancias usado por Aristarco de Samotracia y otros eruditos alejandrinos para comentar entre otros las obras de Homero y Píndaro. Por lo que piensa que la bibliografía y la erudición formaban una entidad inseparable (11). La escasa relevancia del libro en la Edad Media debe explicarse, según Ortega, desde su utilización infrasocial restringida a la vida conventual (24). La posibilidad de consulta se limitaba a la biblioteca, los sistemas catalográficos de control eran suficientes.

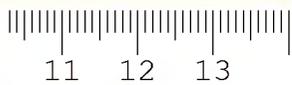
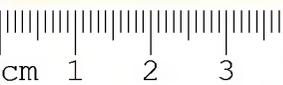
### 3 LA IMPRENTA Y LA NECESIDAD DE ORIENTACION: EL NACIMIENTO DE LA BIBLIOGRAFÍA EN LOS TIEMPOS MODERNOS

Lejos de las prescripciones legales y religiosas que lo limitaron,



el libro no fue originado plenamente en la inspiración humana hasta el Renacimiento. La ruptura con la concepción teocéntrica de la vida, llevó al hombre a tomarse a sí mismo como norma de las cosas. Este Humanismo basó su existencia en la aplicación de lo diferenciativo humano frente a cualquier duda, situación o problema. La razón se convierte en medida de toda explicación o solución, que llevaría al convencimiento cartesiano del "Cogito, ergo sum". El hombre, ser pensante por sí mismo precisaba comunicar sus pensamientos: escribir para contar. En esta causa sitúa Ortega el nacimiento de la imprenta. Lejos de cualquier descubrimiento casual, la imprenta nació porque se necesitaban más libros (29). A ella se llegó, por tanto, de acuerdo con la evolución del pensamiento y de la ciencia. Su desarrollo vino exigido por un momento determinado de la historia. No se trata de un descubrimiento, por más que "los caracteres móviles de Güttemberg se fundamentaran sobre una técnica de fundición que suponía el conocimiento de unos metales para su preparación y las cualidades físicas y químicas de unas aleaciones" (10). Los elementos que posibilitaron esta técnica de reproducción venían de tiempo atrás y fueron ofrecidos por distintos pueblos de la tierra.

No hace falta recalcar la importancia del advenimiento de los impresos para nuestra ciencia, pues ésto no sólo originó la primera producción documental a gran escala, sino que precisó de una ciencia que controlara estos materiales. Bien es cierto que la bibliografía había tenido antes parientes próximos, pero desde la aparición de la imprenta cambió de objetivos, de contenidos y hasta de sistema de control (25). La invención de la imprenta supuso que de cada original se obtuviera con facilidad un número ilimitado de copias idénticas. Esos libros comenzaron a ser reconocidos por el nombre de su autor cuando ya no se podía hacer mención a los fondos exclusivos de una biblioteca. La bibliografía, impulsada por el afán cultural humanístico y por la abundancia de libros, buscó dar información de todas las existencias documentales. Comienza así la etapa que Otlet bautizó como de la "Bibliografía universal", por su poligrafía. La vocación bibliográfica había nacido sin límites. Desde aquel momento gozó de las cualidades de continua adaptación y universalidad que siempre



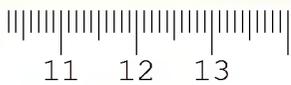
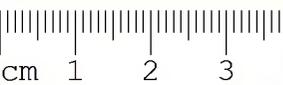
caracterizarán a esta ciencia.

Casi en el siglo XVI empieza el periodo histórico de la bibliografía. Las primeras, escasas y fragmentarias, pretenden registrar toda la producción mundial, o lo que es lo mismo de Europa. Mezclan la bibliografía con los catálogos en venta de los libreros. La gran cantidad de libros publicados sobre asuntos religiosos culminó en el *Liber de scriptoribus ecclesiasticis* (Basilea, 1494) del benedictino alemán Trithemius, que pasa por ser el padre de esta ciencia. A su *Liber* pronto le siguieron los *Aldos: Libri Graeci impressi* (Venetia, 1498), uno de los primeros catálogos de editor con el precio de los libros, según Bestermann (6), el *Aldus Studiosis* (Venetia, 1503), el *Index librorum* (Venetia, 1513) y el *Libri di Stampato d'aldo* (Venezia, 1543). También la obra de Champier, *Libelli duo* (1506), y la de Nevizzano, *Inventorium librorum in utroque jure hactenus impressorum* primeras bibliografías especializadas, en medicina y derecho respectivamente (Lugduni, 1522).

Otras voces reclaman para Gesner y Colón el mérito de ser los iniciadores de la moderna bibliografía (30). Hernando Colón fue el ejemplo del coleccionista tenaz, que ante la escasez de libros se propuso encontrarlos todos. Para él primaba la adquisición por encima del control (24), sin embargo catalogó sus existencias dando origen al famoso *Registrum*, que terminó siendo un repertorio bibliográfico en el que describió y valoró cada una de sus piezas, con ellas formó el mayor fondo bibliográfico de Europa. Su importancia se destaca por definir con claridad los fundamentos de la información científica: Además del catálogo, llevaba índice de autores, materias y sistemático, y presentaba epítomes de cada una de las obras. Su obra no fue impresa.

Junto a él, Conrad Gesner, iniciador de la tendencia universalista en el proceso de elaboración bibliográfica. Entonces posible por el escaso número de impresos. Su *Bibliotheca Universalis* (Zürich, 1545) describe con extractos 15.000 obras, que complementó con índices, resultó ser el primer repertorio de carácter general impreso. Por él también ha sido denominado padre de la bibliografía (5 y 27).

Nota distintiva del nacimiento de la bibliografía es su caminar al

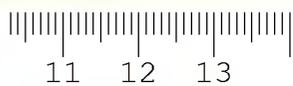
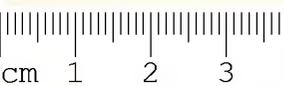


lado de la evolución de los impresos. Antes de éstos existían listas de referencias en el cuerpo de las obras manuscritas, y también junto a informaciones biográficas, como ya vimos. Sin embargo hasta la llegada de los impresos no hay una verdadera bibliografía. La gran teórica francesa Louise N. Malclés afirma que "de acuerdo con la etimología y dado que un libro se forma por la unión de hojas impresas, debe deducirse que la bibliografía se interesa exclusivamente por los impresos" (18). Vimos también cómo la bibliografía supone la clasificación de unos documentos, pues persigue una necesidad de información que responde al consumo científico precisado por los usuarios. El manuscrito, cuya reproducción se hacía en escasos ejemplares, no podría ofrecer información capaz de exigir esfuerzos para elaborar bibliografías distintas, lo que en opinión de Robert Estivals (10) sólo llegó cuando la multiplicación de textos y de ejemplares hecha posible por la imprenta dio respuesta a unas necesidades de información que habían creído enormemente, y que precisaban la existencia de bibliografías como elementos prácticos de control de la información. Lo confirma Bestermann al asegurar que ciertamente podemos hablar de bibliografías antes de la imprenta, pero su existencia es tan reducida como lo era el circuito bibliográfico al que iban dirigidas. La imprenta y la subsiguiente multiplicación de productos científicos llevó al aumento del número de lectores, encontrándose aquí la verdadera causa del desarrollo de la bibliografía, ya que en la misma proporción habían crecido las necesidades de información (6).

## 4 DESARROLLO HISTORICO DEL CONCEPTO DE BIBLIOGRAFÍA

### 4.1 El Siglo XVI y el nacimiento de las bibliografías nacionales

Podemos fijar el final del siglo XVI como el momento en que la bibliografía quedó plenamente constituida. Se había separado totalmente ya de la descripción de fondos existentes en bibliotecas, y había conseguido dar respuesta a las necesidades informativas de ciencias particulares. De la descripción de colecciones determinadas,

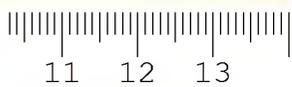
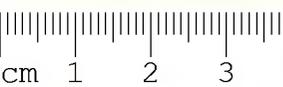


había pasado a atender las demandas de la ciencia, deseosa de servir de los libros allí donde estén. Desde el momento en que estudia los libros situándoles en medio de su ámbito científico podemos hablar del logro de la madurez deseable que toda ciencia debe alcanzar en algún momento. A tal efecto fue decisiva por sus cualidades de descripción la obra de Andrew Maunsell. – *Catalogue of English printed Books* (20), primeira bibliografía de los identificadores físicos que hoy componen el registro externo de los documentos: autor, título, lugar y fecha de publicación, impresor, editor y formato. También dio entrada a los autores por el apellido, no por el nombre de pila; a la vez que diferenciaba la actuación sobre impresos o sobre manuscritos (30).

En el siglo XVI comenzó también la bibliografía nacional quizá con la necesidad concreta de defender la producción editorial de cada país. Se originó en Gran Bretaña con las obras que sobre sus autores recopiló Jonh Bale (4). Asimismo comenzaron las bibliografías nacionales de Italia, por Antonio Francesco Doni (1150), y de Francia, por François Grudé (1584) y por Antoine du Verdier (1585).

Nos cabe recordar la obra de Alexios Vanegas, titulada *Primeira parte de la diferencias de libros que ay en el universo* (32), contribución española a la bibliografía de la filosofía natural, la filosofía y la teología, que, Petzholt incluyó dentro de los sistemas de clasificación bibliográfica por él recopiladas (26). También por entonces era frecuente que en España se atendiese más que a otros aspectos a los propios de la biblioteconomía y a la ordenación metódica de los libros, "nota característica de las bibliotecas españolas de todos los tiempos y principalmente de los siglos XVI a XVIII" (19), mucho tiempo antes de que llegaran de fuera los métodos y sistemas clasificatorios por materiais.

Una característica final del siglo XVI viene concedida por la labor informativa llevada a cabo por los propios libreros que establecieron como costumbre acudir a las ferias –Mes– con los catálogos de las obras que exponían. Con ellas se inició la bibliografía de publicación periódica, pues principalmente a Frankfort acudían cada año a mostrar los libros de aparición novedosa. Mediado el siglo la aporta-



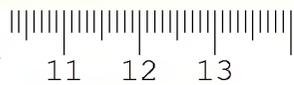
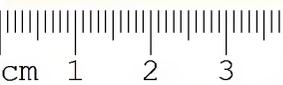
ción hecha por los "Messkatalog" había sido tan considerable que dio pie al comienzo de la serie de publicaciones en que éstos se recogían en las *Collectio* de Willer (11). Sin duda el valor informativo de las bibliografías era aún menor que su valor de control y publicitario.

#### 4.2 El comienzo de la información científica durante el siglo XVII

En el siglo XVII destaca, sobre cualquier otra característica, la evolución del libro como soporte único hacia otros tipos de documentos. Esta ampliación de la noción de documento impreso llevará a la bibliografía a modificaciones que al llegar los siglos XIX y XX darán origen a la documentación. Es el momento adecuado en el que toma sentido el comentario de Paul Otlet: "En travaillant dans la catégorie de l'universel, elle influence rapidement la science, la production intellectuelle elle-même, à laquelle elle apporte le moyen de se représenter plus clairement sa propre universalité" (25). Finalizando el siglo daría comienzo la segunda etapa de la bibliografía, en cuya explicación profundizaremos luego.

Las características mostradas por la bibliografía en el siglo XVI tienen continuación en el siglo XVII. La producción impresa de estos siglos se cubre por las bibliografías de forma discontinua. Los propios libreros siguen elaborando sus catálogos. Siempre por tanto, en opinión de Robert Estivals, la actividad bibliográfica aparecía como complemento de otra situación profesional próxima al libro (10).

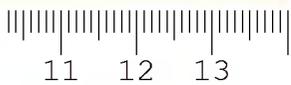
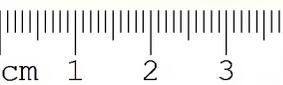
A lo largo de este siglo las bibliografías nacionales se institucionalizan. España se unió a los demás países europeos primero con el intento de Tamayo de Vargas, cuya obra titulada *Junta de Libros* quedó inédita, y luego con la ya acabada de Nicolás Antonio que nos ofreció sus *Biblioteca hispana nova* (2) y *Biblioteca Hispana vetus* (3). La nova fue publicada en Roma en 1672, adelantándose a la vetus que apareció como obra póstuma en 1696 también en Roma. Pese a la profundidad de esta obra, la actuación española sobre información bibliográfica llegó tarde si la comparamos con otros países europeos. Pero aún a tiempo. El mayor problema del desarrollo histórico a partir de ese momento vendría dado en opinión de Simón Díaz por la fal-



ta de continuidad de las labores informativas (29).

Aportación destacada de la bibliografía española fue la creación del primer repertorio de bibliografía americana por medio de la obra de Antonio de León Pinelo: *Epítome de la Biblioteca oriental y occidental, náutica y geográfica* (Madrid: 1629). La figura de León Pinelo ha sido reivindicada por Millares Carlo en nuestro siglo, poniendo el acento no sólo en su valor como origen de la bibliografía americanista, sino en su concesión de un repertorio bibliográfico especializado (21).

Pero, sin duda alguna, la gran aportación del siglo XVII está en el comienzo de la información científica, cuando el método experimental tornaba cuerpo y como necesidad para el desarrollo de la ciencia moderna (34). El núcleo básico de la bibliografía y documentación científicas, las revistas, sataban a la palestra para cubrir las necesidades informativas de los científicos. En su aportación sobre los orígenes del periodismo científico, José López Yepes dice sobre ellas: "las publicaciones periódicas de carácter científico son el precedente más claro de los modernos sistemas de información científica, que entran en competencia con la forma tradicional de difusión de los conocimientos – el libro – y se derivan de los nuevos postulados: la ciencia moderna y la necesidad consecuente de difusión de los conocimientos adquiridos" (45). La publicación periódica llega también como necesidad de un nuevo vehículo que comunicase las aportaciones científicas. Se hacía necesario un medio de expresión más ágil que los libros y más metódico que los coloquios de las reuniones de las Sociedades Científicas. Las publicaciones periódicas se convirtieron desde el primer momento en los medios más adecuados para transportar los conocimientos científicos. Además por una razón doble: Desde el primer momento las revistas contenían no sólo información original destinada a almacenar trabajos científicos breves, sino información referencial que cumplía la misión de permitir el acceso a documentos primarios, función que en la actualidad cumplen las bases de datos o las revistas de resúmenes. Estas dos características: vehículo y depósito de información son exigencias de una comunidad científica que, en el enorme incremento de este siglo, se amplió, y exigió nuevos canales de transmisión de conocimientos (16).

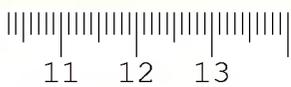
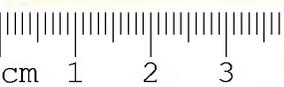


Desde Bacon parte una corriente defensora de la fundamentación de nuevos conocimientos sobre los ya existentes. Este lugar viene a ser ocupado por la bibliografía periódica como lugar de control de los conocimientos acumulados, a la par que medio de expresión de los resultados obtenidos al aplicar la observación y la experimentación como métodos del hacer investigador.

La primera publicación periódica fue la francesa *Journal des Sçavants* (Paris, 1665). Desde el momento de su aparición combinó las características que Kronick definió como informaciones originales y derivadas (14). Son éstas las que más nos interesan: en ellas se comprenden las reseñas sobre libros recién publicados, resúmenes de trabajos, descubrimientos y experimentos y, andando el tiempo, revistas de otras revistas.

Aparte de su trascendencia y rápido ejemplo, su línea de actuación marcó el camino de la comunicación científica. Fomentadas por las Sociedades Científicas, en lo que se refiere a nuestro interés informativo derivado, figuran desde entonces las *resúmenes*, cuya filosofía de actuación es la misma que la de las actuales bases de datos. Junto a ellas, abarcando un mayor campo de actividad, las *revistas de reseñas* que incluían no sólo selecciones de publicaciones periódicas, sino asimismo de libros y hasta folletos (64). El lugar que las publicaciones científicas ocupan en el contexto de los sistemas de comunicación científica fue recogido por López Yepes en unas conclusiones presentadas al II Congreso Iberoamericano de Periodismo Científico (Madrid 1977). De los once testimonios por él escogidos aportamos ahora dos de ellos por considerarlos fundamentales en la tarea que nos ocupa (15):

"1) Dado el interés por la ciencia que existía en el siglo XVIII, muchas revistas generales y literarias incluían materias científicas y tecnológicas. Algunas de las contribuciones científicas más antiguas fueron dadas en publicaciones periódicas como el *Journal des Sçavants* y los *Acta Eruditoru*. Contribuyó a ello el hecho de no existir una clase de científicos especializados y que el vacío entre el científico y el



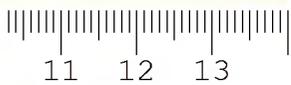
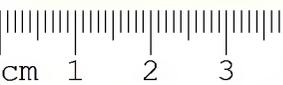
hombre de formación general no había creado una barrera de comunicación, como lo prueba la frecuencia con que los periódicos generales eran resumidos en la prensa científica. A veces como ocurre en nuestros días, el científico insertaba una comunicación original en el periódico general para lograr mayor difusión, pero, ciertamente, ello se llevaba a cabo por la escasez de canales formales de publicación adecuada.

- 2) El análisis cuantitativo no nos da información sobre contribuciones importantes de estas revistas a la ciencia. La mayor parte de la actividad científico-informativa se cifra en la disseminación de información y no en la aportación de documentos primarios. Como asegura Kronick, "la función principal del periodismo científico en este periodo fue la de constituirse en vehículo de disseminación de la información más que en un depósito para el almacenamiento de nuevas ideas científicas". Andando el tiempo las revistas se convertirían en el núcleo básico de la Documentación (12).

Un último comentario sobre la situación de la bibliografía en el siglo XVII: entonces el término *bibliografía* se fijó para determinar el concepto parcial de lista o repertorio de libros. Que en realidad no son auténticas bibliografías, ya que sólo contenían los títulos y una corta descripción externa.

#### 4.3 Los desarrollos metodológicos del siglo XVIII

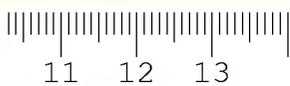
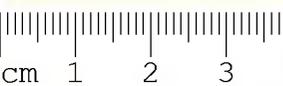
El siglo conoció un crecimiento considerable de la información bibliográfica. Hubo ya barridos totales de la producción gracias a los registros de las obras para ser sometidas a la censura y al comienzo del depósito legal, si bien con un concepto más cercano al de repertorio o lista de libros que al de bibliografía propiamente. Como línea general se destaca el establecimiento de pluralidad de fuentes sobre un mismo tema: se multiplican las bibliografías particulares. Estas bibliografías especializadas se extienden a todos los continentes colo-



nizados intelectualmente por Europa, a medida que se desarrolla en ellos la imprenta (23), se multiplican las bibliografías nacionales corrientes. Por otra parte, nuevos impresos vendrán a mezclarse entre los materiales científicos como consecuencia de los avances técnicos: así aparecen la rotativa y los periódicos diarios. Para cubrir sus informaciones la bibliografía atenderá una nueva necesidad.

En el recorrido histórico por la evolución de la bibliografía advertimos que la orientación de ésta no es constante. Comenzando por louniversal, descendió a lo nacional. De la totalidad de las ciencias pasó a hacerse especializada. De tratar exclusivamente de libros, los cambios habidos en el siglo XVII la obligaron primero a ocuparse de las publicaciones periódicas, no diarias, luego de las diarias también. La explicación parece estar en el número de aportaciones. Los momentos claves han sido la aparición de la imprenta, luego la revolución científica del siglo XVII, y al llegar el XVIII asistimos a un nuevo crecimiento de la demanda impulsado por la enseñanza ilustrada que exigía mayor comunicación de los conocimientos. Para controlar el aumento de producción se multiplican las bibliografías y en una aplicación del "divide y vencerás" parcializan su campo de estudio. Comienza el gran desarrollo de la bibliografía especializada, a la par que se implanta la tendencia de la bibliografía corriente, en lugar de la anterior retrospectiva. Para el tratadista francés Robert Estivals estos criterios no se logran al mismo tiempo sino de manera progresiva, apoyándose en el número de libros, que aumentó de tal manera que la bibliografía se vio obligada a reducir su campo de acción (10). Se quería preservar el saber humano en su totalidad, pero había que reducir el espacio y el tiempo.

Las primeras bibliografías nacionales se habían compuesto con una técnica esquemática y sin grandes exigencias, de lo cual resultó la ausencia irremediable de datos que hoy creemos fundamentales. Precisamente en el siglo XVIII sitúa García Morales el comienzo del virtuosismo técnico en la descripción bibliográfica, que alcanzaría su culminación en el siglo siguiente. Hay que pensar que el investigador no disponía de otros auxilios informativos lo que resaltaba más aún cuantos conocimientos transmitiese la bibliografía. "las ideas de la



ilustración, la asombrosa proliferación erudita y un refinado gusto por la bibliografía, extendido cada vez más entre la aristocracia y la burguesía, originan la edición de numerosos repertorios, como los conocidos de De Bure, Duclos, Brunet y Groesse. Ellos serán los antecedentes, muchos años después en España del *Ensayo* de Gallardo y del *Catálogo* de Salvá" (11).

La bibliografía universal continuó cultivándose, muestra de ello es la obra de Teophilus George: *Allgemeines europäisches Bücher-Lexicon*, pero sobre su valor se alza la importancia que entonces adquirieron las bibliografías científicas especializadas. La vigencia de la literatura era aún casi ilimitada, por lo que todas ellas se conforman con características retrospectivas, teniendo como misión recoger cuantos impresos se hubiesen producido en un campo determinado de la ciencia desde los fundamentos de ésta.

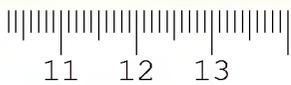
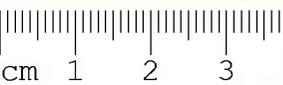
En América dentro del siglo XVIII y comenzando el XIX surgen las bibliografías nacionales más antiguas: la *Bibliotheca Mexicana* de Eguiara y Eguren (8), y la *Biblioteca hispanoamericana Septentrional* de Beristáin de Souza (22).

Conceptualmente en este siglo tuvo una fuerza considerable la aproximación a la bibliografía como Ciencia del libro, luego considerada vía no correcta por los bibliógrafos y que desembocaría en la bibliología como expresión enciclopédica de los estudios sobre el libro.

Es el momento histórico de la Revolución Francesa. Cuando se nacionalizaron muchas bibliotecas pertenecientes al clero, nobles y otras corporaciones. El estado francés se encontró con tal volumen de impresos en sus manos que cobró fuerza otra variante de la conceptualización bibliográfica, su visión como Ciencia de las Bibliotecas. Tan preocupado tenía a los poderes públicos el fondo que debían tratar que institucionalizaron la profesión del bibliotecario para hacerlos frente. Este concepto se diluyó al desarrollarse la Biblioteconomía como ciencia madura.

#### 4.4 El siglo XIX: la madurez ante el crecimiento informativo

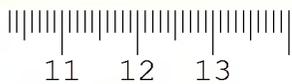
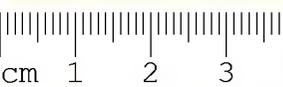
La revolución francesa transformó la sociedad en Europa. Triunfó



la democracia que se había venido cultivando desde el Renacimiento. La razón había sido la semilla y el campo de cultivo los impresos que actuaron como motores. Cuando la revolución triunfó, el libro pasó a ser fundamento de todo lo social: el número de ediciones se disparó y con ellas los estudios y preocupaciones de cuanto al libro se refería. El libro había sido y era necesario aún, y junto a él los bibliotecarios. El estado oficializó con esta profesión el mundo científico. Así, en la base de la sociedade contemporánea, se situó la información científica (24).

Al llegar el siglo XIX los impresos se habían hecho mucho más asequibles, por una doble circunstancia: se habían abaratado los costes de producción, y había crecido la oferta creativa de científicos y literatos. Los materiales se volvieron tan abundantes que se hizo necesario un control más estricto. Junto a la necesidad social de instituir las bibliotecas, creció la necesidad científica de una información de mayor calidad. Estaban para madurar las Ciencias de la Información científica. En este ambiente de intervención estatal para cubrir necesidades de la ciencia cabe incluir la nacionalización de las bibliografías. El estado se sentía obligado a cubrir las necesidades informativas de los ciudadanos.

La importancia capital de la Revolución Francesa, causa destacada del impulso de la bibliografía decimonónica, se acrecienta con la creación de los catálogos de existencias en las bibliotecas nacionales, instrumentos que, junto al Depósito Legal, marcan la realidad de los impresos regulados, y que significó un avance para la bibliografía, ya que se liberó de estas funciones y se centró más en aspectos científicos. Es destacable a este punto la actitud personal de algunos bibliógrafos (caso de Brunet) totalmente alejados en su quehacer de todo sentido económico y comercial. De nuevo las revoluciones político-económicas indican los derroteros por los que caminará la bibliografía aplicada. Primero con el abandono de toda la actividad profesional en favor del establecimiento de repertorios (los bibliógrafos provenían de campos próximos y les movía una afición voluntariosa): es el caso de Brunet cuando dice: "à l'âge de quinze ans, je commençais les études bibliographiques nécessaires pour me préparer à la

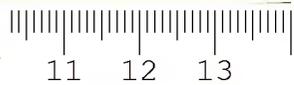
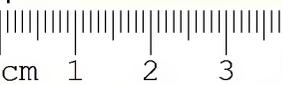


profession de libraire à laquelle me destinait mon père, libraire, comme moi. . . (7). Luego se precisó una formación específica, a causa del crecimiento cuantitativo y la matización de los saberes. Es notable asimismo la necesidad de información política que sobrevino con el cominio de la burguesía. Papel que ocuparon las publicaciones periódicas diarias, aportando un nuevo elemento enriquecedor de la información general y científica.

De acuerdo con los razonamientos de Robert Estivals, la causa inmediata de la separación entre bibliología y bibliografía (en el concepto sistemático), se dio como consecuencia del crecimiento comentado de los libros que siguió a las nacionalizaciones. Las confiscaciones originaron al estado francés graves problemas e almacenamiento, clasificación, y en general de cuanto a los textos se refería. Fue el momento en que nació la bibliología o ciencia del libro, con preocupación global por los orígenes, adquisición, forma y conservación. De nuevo llegamos a una situación forzada por la necesidad. Por su parte la bibliografía ve su término generalizado a lo largo del siglo XIX, a la vez que aumentaba sin cesar el número de los repertorios.

La ciencia positivista, junto a las razones antes aducidas, provocó un crecimiento cognoscitivo que se reflejó en el aumento del número de títulos y del tamaño de las tiradas. A la par creció el número de bibliografías. Cuando se plantea una visión retrospectiva de las ciencias, que analice en especial el crecimiento expansivo del siglo XIX, surgirá la figura de Otlet y la fundación del Instituto Internacional de Bibliografía. Sobre esos presupuestos se fundamentará la ciencia documental.

Destaca también el influjo de las ideologías en el desarrollo de las bibliografías nacionales. Estivals comprendió que se limitaban sus contenidos por conceptos geopolíticos (lo que se publica dentro del territorio jurisdiccional), o lingüísticos (lo publicado en una lengua en el lugar que sea) (10). La bibliografía aceptó el criterio propagandístico de la ideología dominante en el mundo intelectual y científico: Francia, conformado plenamente su territorio con Napoleón III, fijó un concepto geopolítico; Alemania, en medio del sentimiento nacionalista de Europa Central, demostró una concepción lingüística, por

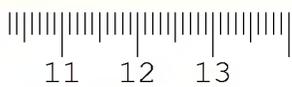
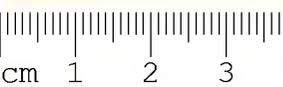


encima de las fronteras estatales.

Respecto a las bibliografías periódicas, dos hechos incidieron en el profundo cambio que observaron en el siglo XIX. De una parte las condiciones de emisión y recepción se vieron modificadas por la rapidez y número de los artículos publicados en revistas, lo que llevó a que la vida media de los trabajos se redujese grandemente. Ante la imposibilidad de consultar todo el recorrido histórico seguido por un problema, hubo que centrarse en las últimas publicaciones sobre el mismo. Por otra parte, y como continuación de ésto, se diferencian las bibliografías retrospectivas de tendencia fija a plantear la historia de una ciencia, de aquellas otras de novedades, con aparición periódica y que atendían sobre todo a artículos de revista de reciente publicación. Los repertorios son muchos y no es nuestra intención citarlos, baste una consulta al artículo de los profesores Terrada y López Piñero para comprender su importancia (30). Desde allí nos llega el convencimiento de que estamos sólo a un paso del advenimiento de la documentación científica.

Sin embargo los intentos por establecer bibliografías científicas generales también abrieron caminos metodológicos nuevos que redundarían en un enriquecimiento de la información y que prepararán los propios usados más tarde por la documentación. Destacan en este punto Terrada y López Piñero el *Catalogue of Scientific Papers* emitido por la Royal Society de Londres a partir de 1967. Su gran renovación consistió en la presencia de índices de autores y de materiales de los artículos aparecidos en revistas de todo tipo de especialidad a lo largo del siglo XIX. Tuvo continuación en el *International Catalogue of Scientific Literature*, de publicación anual. Cubrió los 14 primeros años de este siglo, haciendo un barrido casi exhaustivo sobre cinco mil revistas, además de informes, actas, libros y folletos. Presentaba cada volumen un catálogo ordenado por autores y un índice por materiales clasificadas de acuerdo con especificaciones de la propia Royal Society.

Su aplicación fue novedosa, pero sus conceptos se encontraban aún dentro de la bibliografía científica, y sólo se verán superados por el intento de Paul Otlet de elaborar una bibliografía universal que

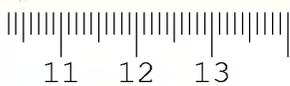
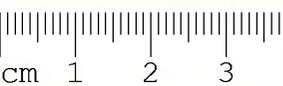


desembocará en el establecimiento de la documentación.

Ante el problema de la inundación de informaciones en las especialidades científicas, tanto puras como aplicadas, se sentía la necesidad de conocer las nuevas publicaciones como base del progreso y para posibles aplicaciones posteriores. Más aún era necesario el control de la información tecnológica, cada vez más fundamental después de la revolución industrial. Sobre todo porque los datos solían encontrarse repartidos en muchos trabajos distintos y se necesitaba la disponibilidad de casi todos ellos para determinados proyectos o programas. En todos ello está latente el problema del control de la información (33). Hay que concordar con Louise Noëlle Malclès que la bibliografía, llegado este momento, servirá para divulgar los descubrimientos científicos, frente a la tradicional tarea de visión retrospectiva habbida en los siglos anteriores (17).

## 5 BIBLIOGRAFÍA Y DOCUMENTACIÓN

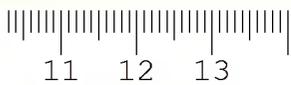
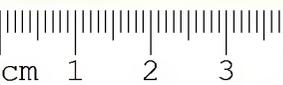
Cuando llegó el siglo XX, la bibliografía había alcanzado su madurez. Sus objetivos estaban bien marcados, sus pautas dispuestas y su metodología fijada. La comunidad científica reconocía su labor y su creciente utilidad. La bibliografía había llegado a ser "conocimiento de las producciones del espíritu, conocimiento adquirido por medio de los repertorios". La elaboración de éstos pasó del individualismo anterior a las técnicas del "método cooperativo". Los propios usos de la bibliografía apuntaban hacia modos de hacer de la documentación: la oferta de visiones globales, la creación de repertorios exhaustivos, la valoración, en fin, de la misión informativo-científica por encima de otros factores. La bibliografía especializada ofrecía a la par una visión última de cada problema científico y una panorámica retrospectiva. Se hizo común ofrecer a los investigadores unas "reseñas sintéticas" donde se incluían los textos fundamentales (libros o artículos de revista). Implicaba ésto una renovación de los contenidos informativos conforme las aportaciones científicas últimas iban modificando la situación del problema, y a la vez se remontaba esa cuestión científica hasta sus orígenes ofreciendo una colecta de las aportaciones más notables que durante la historia científica de una cuestión habían contribuido a su solución. A la vez se fomentó desde los organismos internacionales (ONU, UNESCO, FID, CNRS, VINITI,



CSIC, . . .) el establecimiento de bibliografías especializadas de novedades, sin duda porque sólo ellos tenían a su alcance la posibilidad de enfrentarse a elevados costes económicos generados en la creciente masa editada a analizar y las consiguientes amplias plantillas para ello precisadas: Se exigía una organización de servicios independientes con recursos suficientes y precisión técnica. A su vez las diferentes instituciones tienden a coordinar y definen sus áreas y objetivos, lográndose así establecer bibliografías especializadas internacionales.

Precisamente cuando la bibliografía más se internacionaliza y sistematiza ve mezclarse sus aguas y diluirse en una nueva corriente al servicio de la información científica. El tercer tiempo histórico, el de la documentación, ha venido. Su objeto son el libro y todo tipo de documentos según el soporte. Pero no sólo cambia el concepto respecto a los materiales producidos por la actividad científica, muda asimismo la filosofía de uso de esos materiales. Se sitúa entre esos documentos portadores de información y la comunicación de los científicos necesaria para que la ciencia crezca. Buscaba superar los problemas de la bibliografía, en especial su rápida puesta en desuso y el particularismo que impedía llegar a cubrir la producción internacional.

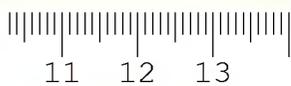
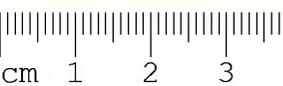
La evolución humana se había hecho tan rápida que siempre se estaba a punto de la revolución. Ortega piensa que el movimiento constantemente acelerado que ha afectado a todos los aspectos de la vida del hombre actual se ha basado en gran medida sobre la facilidad de transmisión de las ideas a través de los libros (24). Esa facilidad se trocó dificultad por el crecimiento de las ciencias: los productos documentales ahogaban al hombre. Entonces se precisó del funcionamiento maduro de la bibliografía. Y llegó la del funcionamiento maduro de la bibliografía. Y llegó la documentación, por necesidad, basada en los fundamentos teórico-prácticos desarrollados a lo largo del siglo XIX por la bibliología. Si normalmente identificamos más documentación y bibliografía se debe a la importancia que concedemos a los contenidos de los documentos. Pero en la bibliología estaban ya muchas de las preocupaciones de la documentación, como la sistematización a través de la normalización, la bibliometría, la conservación, la superación de los problemas de descripción. . . El siglo XX trajo el gran desarrollo de la mano de las nuevas necesidades de



la ciencia: el crecimiento incesante de los documentos, la pluriformidad de éstos, los avances y consumos científicos. Para resolver los problemas planteados por ellos ya no bastaba la bibliografía. El siglo XX ha visto nacer nuevos medios técnicos de información como el cine, la radio, la televisión, los discos, los informes científicos, los multimedia, . . . con lo cual el problema de los libros, aún con una visión enciclopédica, se ha visto superado. Las respuestas han venido de la mano de la documentación.

Sin embargo, la bibliografía ha seguido existiendo, e incluso para Otlet ha introducido en la documentación el espíritu universal y enciclopédico que le anima y orienta la organización de su trabajo (25). Ha traspasado sus maneras a determinados sectores de la documentación, que se ha dado continuidad por ejemplo a la enseñanza profesional especializada que se inició a mitad del siglo XIX en aquella. La evolución ha sido a la par, y la documentación ha sabido aprovechar la experiencia de la bibliografía, a la vez que le ha imbuído su practicidad. Cuando la revolución soviética modificó la visión de los costes originados por la elaboración y puesta al día de una bibliografía, pensando que no era asunto de rentabilidad económica, sino de utilidad social para los lectores, afectó también a los criterios que luego adoptarían algunas instituciones al aproximarse a los productos documentales. Mientras que la tendencia de la documentación a ser gestionada automatizadamente se trasladó a la bibliografía. El ritmo acelerado de la vida urbana en los países desarrollados exige de los lectores que obtengan en el tiempo mínimo la información que precisan. Para informar con rapidez y exactitud sobre las necesidades de los lectores hay que multiplicar los medios de rápido acceso. Para ello la bibliografía se ha gestionado por medio de las grandes posibilidades que conceden los ordenadores.

Para concluir, debemos valorar la situación a la que se llegó en la realización de bibliografías como incompletas y faltas de coordinación, pese a todos los esfuerzos hechos, cuando ya el siglo actual había superado su primera mitad. Podían estar ahí las razones por las que los servicios de documentación se han impuesto a los viejos lugares de análisis bibliográficos, o al menos los han absorbido. Kervégant y Fourmont concluyeron tras un trabajo bibliométrico que era frecuente en los repertorios bibliográficos no encontrar reflejo de algún trabajo editado, mientras que otros aparecen multiplicados en



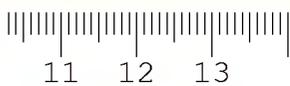
varias obras (13). Por otra parte vieron que la bibliografías han quedado lejos de ofrecer exhaustividad en sus recorridos, con graves consecuencias al situar fuera de control trabajos de mérito incluso en esas lagunas referenciales. Además observaron imprecisión en las clasificaciones y dispersión de artículos en publicaciones cuyo tema de interés les era ajeno. Concluyeron que las bibliografías analíticas exhaustivas, superada la primera mitad del siglo XX, eran impracticables. Sólo quedaba la alternativa de unos servicios documentales especializados que ofreciesen análisis por naciones o zonas culturales de bibliografías clasificadas por materias y con índices. Esos servicios se organizarían en torno a un organismo nacional que aseguraría la integración de las referencias y elaboraría los índices finales. Su solución era técnicamente bibliográfica pero dentro de las características que definen la actividad documental.

**ABSTRACT:** Theoretical approach concerning the situation of Bibliography in the Scientific Information, focusing its synchronic adaptation to the advancement of science and human culture, with analogous attention to the diachronic development of its concept. It presents its historical development, from Bibliography remote origins to its fusion as a fundamental part of Scientific Documentation.

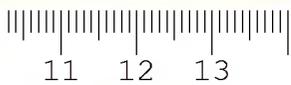
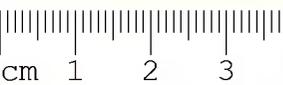
**KEY WORDS:** Bibliography. Theoretical approach. Scientific Documentation. Scientific Information.

## NOTAS

- ( 1) ANDERSON, W. *The strawberry: a bibliography, 1920 - 1966*. Farnham: Royal Commonwealth Agricultural Bureaux, 1969.
- ( 2) ANTONIO, N. *Bibliotheca hispana nova, sive Hispaniarum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV floruerunt*. Madrid: 1783-88. 2.v.
- ( 3) ANTONIO, N. *Bibliotheca hispana vetus, sive Hispani Scriptores qui ab Octaviani Augusti aeo ad annum Christi MD floruerunt*. Madrid: 1788. 2v.
- ( 4) BALE, J. *Illustrium Maioris Britanniae scriptorum*. Gippeswici: Ioanem Overton, 1548. *Scriptorum illustrium maioris Britanniae*. Basiliae: Ioannis Oporini, 1557.
- ( 5) BAY, J.C. "Conrad Gesner, the father of the Bibliography", en *The papers of the Bibliographical Society of America*, (196), 10, p. 53-86.
- ( 6) BESTERMANN, Theodor. *The beginnings of systematic bibliography*. Londron: Milford, 1935.
- ( 7) BRUNET, J.C. *Manuel du Libraire et de l'amateur de livres*. París: Cle, 1860. v. 1, p. XX.
- ( 8) EGUIARA y EGUREN, Juan José. *Prólogos a la Biblioteca mexicana*. Versión y estudio biobibliográfico de A. Millares Carlo. México: F.C.E. 1944.
- ( 9) ESCARPIT, R. *Teoría General de la Información y de la Comunicación*, Barcelons: Icaria, 1977.
- (10) ESTIVALS, R. *La bibliologie*. Introduction historique à une science de l'écrit. Tome 1: la bibliométrie. París: Société de bibliologie et schématisation, 1978.
- (11) GARCÍA MORALES, Justo. *Etapas y situación actual de la bibliografía*. Tirada aparte del n. XLVI del *Boletín de la Dirección General de Archivos y Bibliotecas*. Madrid: Dirección General de Archivos y Bibliotecas, 1958.
- (12) GARCÍA MORALES, Justo. "La bibliografía y la documentación en España", en *Boletín de Archivos, Bibliotecas y Museos* (1961), n. 59. p. 3-8.



- (13) KERVÉGANT, D., y FOURMONT, R. "Bibliographies et documentation Insuffisances, problèmes et perspectives", en *Bulletin des Bibliothèques de France* (1960), n. 5. p. 110-121.
- (14) KRONICK, D. A. *A history of scientific and technical periodicals. The origins and development of the scientific and technological press, 1665-1790*. N. York: The Scarecrow Press, 1972.
- (16) LÓPEZ YEPES, J. "La ciencia de la Documentación y los orígenes del periodismo científico", en López Yepes, J. et al. *Estudios de Documentación general e Informativa*. Madrid: Seminario Millares Carlo, 1981. p. 55-61.
- (16) LÓPEZ YEPES, J. "Formas de actividade científico-informativa: la publicación periódica de carácter científico y la Bibliografía", en López Yepes, J. et al. *Estudios de Documentación general e Informativa*. Madrid: Seminario Millares Carlo, 1981. p. 53-113.
- (17) MALCLÈS, L.N. *La bibliographie*. París: P.U.F., 1956. p. 13.
- (18) MALCLÈS, L.N. *Manuel de bibliographie*. 2. ed. París: Presses Universitaires de France, 1969.
- (19) MATEU y LLOPIS, F. "Bibliofilia, Bibliografía y Biblioteconomía", en *Biblioteconomía* (1947), IV. p. 2-4.
- (20) MAUNSELL, A. *Catalogue of English printed books*. London: John Viudet, 1595 (first part). Second part = London: James Robert, 1593.
- (21) MILLARES CARLO, A. "Don Antonio de León Pinelo y su Epítome", estudio preliminar en *El Epítome de Pinelo, primera bibliografía del nuevo mundo*. Washington, D.C.: Unión Panamericana, 1958. Y en Millares Carlo, A. *Tres estudios biobibliográficos*, Maracaibo: Universidad del Zulia, 1961.
- (22) MILLARES CARLO, A. D. José Mariano Beristaia de Souza (1756-1818). *Noticia biográfica. La biblioteca hispanoamericana*. . . Madrid: Instituto Enrique Flórez, 1973.
- (23) Ejemplo de ello son las investigaciones biobibliográficas y tipobibliográficas de Agustín Millares Carlo, donde profundiza en estos extremos, en aplicación especial a México y Venezuela. Véase, MOREIRO GONZÁLEZ, J.A. "Agustín Millares Carlo: la profesión bibliográfica. (Aportaciones a la historia de la bibliografía española)", en *Documentación de las Ciencias de la Información*. (1986), X, p. 89-158.
- (24) ORTEGA y GASSET, J. "Misión del bibliotecario", en *El libro de las misiones*. 10. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1984.
- (25) OTLET, P. *Traité de Documentation. Le livre sur le livre. Théorie et pratique*. Bruselles: Mundaneum, 1934.
- (26) PETZHOLT, Julius. *Neuen Anzeiger für Bibliographie und Bibliothekswissenschaft*. Dreden: Schönfeld, 1860. y en *Bibliotheca bibliographica*, (1866), p. 20-65.
- (27) SCHAZMANN, P. E. "Conrad Gesner et les débuts de la bibliographie universelle", en *Libri* (1952), 2, p. 37-49.
- (28) SIMÓN DIAZ, José. *La Bibliografía: Conceptos y aplicaciones*. Barcelona: Planeta, 1971.
- (29) SIMÓN DIAZ, José. "Ciento ochenta años de información sobre novedades bibliográficas españolas", en *El Libro español* (1964), n. 81, p. 433-436.
- (30) TERRADA, M.L., y LÓPEZ PINERO, J.M. "Historia del concepto de documentación", en *Documentación de las Ciencias de la Información* (1980), n. 4. p. 229-248.
- (31) TERRADA, M<sup>º</sup> Luz. *La documentación médica como disciplina*. Valencia: Centro de Documentación e Informática Biomédicas, 1983.
- (32) VANEGAS, A. *Primera parte de las diferencias de libros que ay en el universo*. 1. ed., Toledo: 1540. 2. ed. Toledo: 1546. - 3. ed. Toledo: 1569. - Edición, emenda y corrigida per el mesmo Autor. Valladolid: F. de Córdoba, 1583. Esta última es la que estudia Petzholt.
- (33) WEISS, F. "Problemi e metodi di documentazione scientifica", en *Raccolta di Pubblicazioni chimiche, biologiche e mediche* (1960), v. III, p. 342-395.
- (34) VILLENA, Leonardo. "La información científica", en *Arbor* (1960), p. 400-408.



# UTILIZAÇÃO DE PERIÓDICOS POR DOCENTES E ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO E PESQUISA EM SAÚDE PÚBLICA \*

Daisy Pires Noronha \*\*

**RESUMO:** Análise descritiva da utilização de periódicos por docentes e alunos de pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP) de 1982 a 1984, via empréstimos (títulos do acervo da Biblioteca da FSP e de outras bibliotecas) e citações das teses e dissertações apresentadas à FSP e dos artigos publicados pelos docentes. Estimou-se o coeficiente de correlação existente entre os periódicos emprestados e os citados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uso de Periódicos. Análise descritiva. Estudantes de pós-graduação. Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

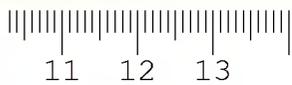
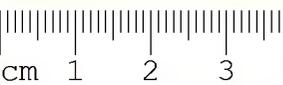
## 1 INTRODUÇÃO

A formação do acervo de uma biblioteca acadêmica especializada em Saúde Pública torna-se complexa na medida em que esse campo, de característica multidisciplinar, abrange interesses de pesquisadores, professores e alunos com formação profissional diversas: médicos, enfermeiros, engenheiros, educadores, economistas, estatísticos, sociólogos, entre outros.

Assim, uma biblioteca inserida nesta categoria deve ter o seu acervo constituído por publicações direcionadas aos programas de

\* Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em fev. 1988.

\*\* Chefe-técnico do Serviço de Atendimento aos Usuários do Serviço de Biblioteca e Documentação, Faculdade de Saúde Pública da USP – Av. Dr. Arnaldo, 715 – 01255 – São Paulo, SP.

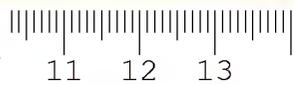
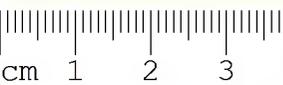


ensino e pesquisa desenvolvidos na instituição que a mantém. Os responsáveis por essas bibliotecas devem estar constantemente atentos para saber o quanto e quão bem o acervo das mesmas mantém-se adequado para atender às necessidades de formação de seus usuários. Esse acompanhamento torna-se cada vez mais complexo com o crescente desenvolvimento científico e a conseqüente proliferação das fontes de informação bibliográfica.

Em uma comunidade científica, o veículo mais usado para divulgação dos resultados das pesquisas efetuadas é constituído pelos periódicos, que servem também como fonte mais consultada para obtenção de informação de outros profissionais. Segundo SCHWARTZMAN (1984) (28), "as revistas científicas desempenham um papel único e insubstituível, que é o de dar uma visão contínua e organizada do estado da arte de cada disciplina, ou dos trabalhos de seus colaboradores mais assíduos. Não há nada que substitua folhear uma revista, . . . e depois se interessar por algo que até então escapava à atenção".

O crescimento do número dos periódicos impede que as bibliotecas possam adquirir todos os títulos existentes na área em que atuam. Várias estratégias têm sido utilizadas pelas bibliotecas para determinar quais os títulos que têm certo potencial de uso pela população de usuários que atende e quais os que são pouco ou nada usados e que poderiam ter canceladas suas aquisições. Isto é fundamental para manter em seus acervos os títulos que efetivamente reflitam as necessidades de seus usuários no desenvolvimento de seus estudos e pesquisas e correspondendo, dessa forma, aos objetivos da instituição a que servem.

A coleção de periódicos de uma biblioteca pode ser avaliada através dos dados coletados de empréstimos a domicílio e entre bibliotecas, de consultas locais, da requisição de fotocópias de artigos, da análise das citações bibliográficas dos artigos, comparação com listas básicas, consultas às fontes referenciais, entre outros. Para SMITH (1985) (31), uma simples revisão visual para verificar se o dorso da publicação está desgastada ou se a publicação está empoeirada é um indicador para identificar os títulos usados e não usados de um



acervo.

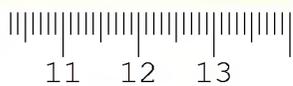
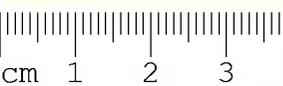
Os critérios para estimar a validade da manutenção ou não de títulos de periódicos variam de biblioteca para biblioteca; no entanto, a maioria deles se baseia em métodos quantitativos de avaliação. Por esses métodos quantitativos pode-se tentar avaliar a qualidade da revista, embora os fatores de qualidade de um periódico sejam bastante difíceis de serem medidos. Segundo BRAGA (1974) (7), existe grande correlação entre as medidas qualitativas e quantitativas, embora diferentes, provocadas pelo princípio da "vantagem cumulativa" (Efeito Mateus), onde "o sucesso qualitativo de um documento provoca subseqüentes publicações de outros documentos; a ausência de sucesso tende a provocar o término da produtividade". De qualquer forma, enquanto a análise qualitativa de uma coleção de periódicos é difícil de ser estabelecida, todo esforço deve ser feito para assegurar a validade dos dados apurados em uma avaliação quantitativa.

Nos estudos que estão sendo realizados, empregando técnicas diferentes de análise das coleções de periódicos, as listas identificadas nos diferentes métodos comumente vêm sendo comparadas entre si para estabelecer correlação. Os cálculos de coeficiente de correlação de Spearman vêm sendo utilizados em alguns desses trabalhos (25, 27, 30, 33) embora contestados, algumas vezes (32).

Vale destacar que qualquer que seja o método empregado na avaliação de uma coleção de periódicos esta deve ser "um processo continuado em que os resultados já alcançados em uma etapa permitam readaptar as idéias do planejamento para geração de novas estratégias que facilitem atingir as metas pretendidas" (LIMA (19), 1986).

### *A Biblioteca da FSP*

A Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP) mantém uma Biblioteca cujas atividades estão totalmente centradas no usuário, procurando colocar à sua disposição instrumentos e serviços adequados ao seu desenvolvimento científico e cultural. Assim, como apoio bibliográfico, a Biblioteca da FSP, ao longo de sua existência, tem procurado manter, apesar dos problemas por alta



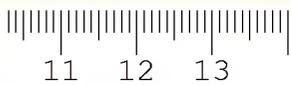
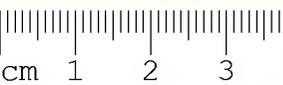
de recursos, um acervo que corresponda em extensão, profundidade e atualidade à demanda curricular e de pesquisa dessa Faculdade. Além disso, a Biblioteca tem procurado oferecer serviços que atendam os interesses de seus usuários, criando mecanismos que visem estimular o uso das publicações recentes no campo da saúde pública por meio de facilidades de recuperação da informação, como serviço de DSI oferecido aos docentes e alunos de pós-graduação (3, 5).

Por outro lado, propicia o acesso aos documentos de interesse, inclusive os não existentes em seu acervo, providenciando o empréstimo entre bibliotecas e a comutação bibliográfica a níveis regional, nacional e internacional.

Dado que a "coleção ideal" de uma biblioteca não pode ser identificada com precisão, pelas próprias fragilidades das técnicas existentes e pela mudança de interesse dos usuários com o passar do tempo, a Biblioteca da FSP tem procurado, através de avaliação de uso de seu acervo, aproximá-lo do "ideal". Para tanto, vem mantendo, desde 1978, como rotina, o registro sistematizado do uso de sua coleção de periódicos, com o objetivo de obter subsídios que auxiliem a tomada de decisões na política de seleção de seu acervo. Parte dos dados coletados já serviram como base para algumas decisões de seleção e já foram divulgados em trabalho anterior (ANDRADE e col. (2) 1978). Além disso, vêm os mesmos, a partir de 1985, sendo trabalhados em estudo implantado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) para a racionalização da aquisição de periódicos das bibliotecas da USP.

## 2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise descritiva dos periódicos utilizados por empréstimo (existentes ou não no acervo da Biblioteca da FSP) e os citados em trabalhos produzidos pelos docentes e pelos alunos de pós-graduação, da FSP. Visa especificamente: a) identificar o núcleo de títulos de periódicos de maior utilização por parte dos docentes e alunos de pós-graduação da FSP; b) verificar a utilização dos periódicos quanto ao ano e idioma de pu-



blicação; c) verificar a utilização dos periódicos quanto a sua existência ou não no acervo da Biblioteca da FSP; d) verificar o grau de correlação existente entre os periódicos emprestados e os citados.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

O universo do estudo realizado está representado por periódicos utilizados por docentes e alunos de pós-graduação da FSP, no período de 1982 a 1984. Considerou-se "periódico utilizado" todo aquele que tenha sido emprestado (existente ou não no acervo da Biblioteca da FSP) e/ou citado em trabalhos elaborados por docentes e alunos de pós-graduação, da FSP.

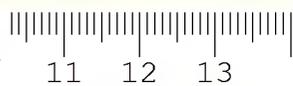
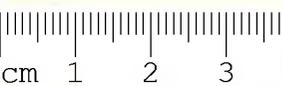
#### 3.1 Periódicos emprestados

Foram considerados os periódicos emprestados, no período de 1982-1983. Não foram considerados os periódicos utilizados por consulta local e por via de reprodução de artigos.

Os dados dos empréstimos dos periódicos do acesso da Biblioteca da FSP foram extraídos dos cartões de empréstimos e registrados em folhas apropriadas.

As variáveis de estudo foram:

- a) título do periódico – cada título emprestado foi registrado de maneira completa, por extenso;
- b) situação do acervo na Biblioteca da FSP – periódicos correntes e periódicos não-correntes;
- c) tipo de aquisição – os títulos correntes foram agrupados em periódicos adquiridos por compra, por doação e por permuta;
- d) ano de publicação – dividida nas categorias: ano a ano para os títulos publicados entre 1980 e 1983; intervalo de 5 anos para os títulos de 1975 a 1979; intervalo de 10 anos para os de 1965 a 1974 e, em uma única, para os títulos publicados anteriormente a 1964;
- e) idioma de publicação – português, inglês, espanhol, francês e



“outros” idiomas;

f) categoria de usuário – docentes e alunos de pós-graduação.

Os dados coletados dos periódicos do acervo de outras bibliotecas foram extraídos das requisições de empréstimos entre biblioteca e das de comutação. Foram consideradas as seguintes variáveis de estudo nos empréstimos dos periódicos existentes no acervo da Biblioteca da FSP: título do periódico, categoria do usuário, ano e idioma de publicação do periódico. Além desses dados, foram categorizadas as bibliotecas que atenderam à demanda de solicitações em bibliotecas da Capital de São Paulo; outras bibliotecas brasileiras e bibliotecas do exterior.

### 3.2 Periódicos citados

Incluem-se, neste grupo, os periódicos citados nas teses e dissertações apresentadas à FSP e nos artigos de periódicos publicados pelos docentes da mesma Faculdade, em 1983 e 1984.

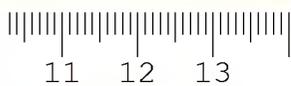
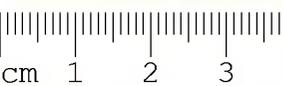
Para os estudos dos periódicos citados consideradas basicamente, as mesmas variáveis selecionadas para o grupo dos periódicos emprestados: título do periódico, ano e idioma de publicação, categoria do usuário que utilizou o documento e a indicação da existência ou não do periódico no acervo da Biblioteca da FSP.

### 3.3 Coleta e tratamento dos dados

Todos os dados de cada título de periódico identificado nos empréstimos e citações foram transcritos em planilhas. Os dados coletados foram apurados por processamento eletrônico de dados, utilizando-se o Computador Central (Burroughs B6930), do Centro de Computação Eletrônica da USP, com o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

### 3.4 Análise estatística

Para a análise dos dados obtidos foi adotada a lei de Bradford



que permite, com os dados agrupados segundo a ordem de frequência de sua utilização, determinar os títulos que compõem as diferentes zonas de produtividade, isto é, os títulos de maior ou menor demanda dos empréstimos, e os de maior ou menor frequência de citação.

O cálculo de coeficiente de correlação de Spearman SIEGEL (29) foi aplicado para se determinar o grau de correlação entre os títulos emprestados e os citados. A correlação foi estabelecida tanto para o universo dos títulos estudados como para os títulos identificados nos núcleos dos mais emprestados e dos mais citados.

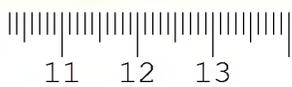
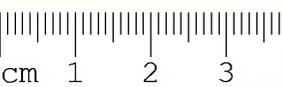
#### 4 RESULTADOS E COMENTÁRIOS

O total de periódicos emprestados no período de 1982-1983 foi de 1.611 títulos, sendo 640 (39,7%) referentes aos existentes no acervo da Biblioteca da FSP e 971 (60,3%) emprestados de outras bibliotecas. Verifica-se que os títulos emprestados do acervo da Biblioteca da FSP, embora sendo em menor número que os demais, apresentam maior frequência de uso (14.303 empréstimos). Assim, a frequência média de empréstimos por título da Biblioteca da FSP é de 22,3 vezes e a de outras bibliotecas é de 2,9.

##### 4.1 Periódicos utilizados por empréstimo

###### 4.1.1 Empréstimos do Acervo da Biblioteca da FSP.

Do total de títulos que compõem a coleção de periódicos da Biblioteca da FPS, 1958 títulos referem-se àqueles dispostos para circulação e empréstimos e que constituem o universo do presente estudo. Deste os, 754 (38,5%) são títulos correntes e 1.204 (61,45%) não correntes (Tabela 1). Esta diferença encontra sua explicação no fato de que a formação da coleção de periódicos de uma Biblioteca sofre, ao longo dos anos, a influência de cancelamento de assinaturas, suspensão de publicação mudanças de títulos, entre outras. Estes aspectos



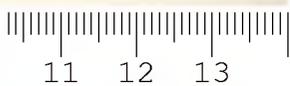
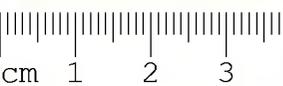
tos refletem, portanto, no aumento da coleção dos periódicos não-correntes.

Tabela 1 – Número e porcentagem de títulos de periódicos emprestados e freqüência de empréstimos, segundo a situação do acervo da Biblioteca da FSP, 1982 – 1983.

Situação do acervo	Títulos da coleção		Títulos emprestados		Freqüência de empréstimo	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Títulos correntes	754 (100%)	38,5	555 (73,6%)	86,7	13.992	97,8
Títulos não-correntes	1.204 (100%)	61,5	85 ( 7,1%)	13,3	311	2,2
TOTAL	1.958 (100%)	100,0	640 (32,7%)	100,0	14.303	100,0

A quantidade de títulos emprestados em dois anos (64, ou 32,7%) pode ser considerada baixa se for levado em conta o total de títulos do acervo (1.958). No entanto, ao se analisar o uso segundo a situação do acervo (corrente e não-corrente) a porcentagem de uso para os periódicos correntes é alta (73,6%). Há que se ponderar ainda que o uso dos não-correntes será sempre representado por uma tendência bem inferior que os correntes, quando se trata de área predominantemente aplicada, como é a saúde pública.

Em trabalho realizado sobre avaliação de uso dos periódicos da coleção da mesma Biblioteca, para um período de seis meses (1973/74), ANDRADE e col. (2) (12978) encontraram também uma porcentagem baixa de uso do acervo, ou seja, 36,5%\$. Destes, 78,7% eram títulos correntes e 21,3% não correntes.



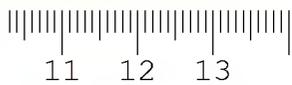
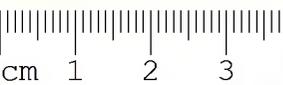
O resultado do presente estudo, mostrando aumento acentuado da porcentagem de uso dos títulos correntes, pode ter várias explicações. Pode estar indicando que a coleção de periódicos da Biblioteca da FSP, ao longo desses 10 anos, tem sido mais cuidadosamente selecionada; que os serviços oferecidos aos usuários, principalmente os de alerta e disseminação seletiva da informação (4,5), tenham propiciado maior utilização de seu acervo, entre outras. Para BRITO e col. (9) a subutilização dos periódicos pode ser decorrente de dois fatores: "desconhecimento da coleção de periódicos por parte do corpo discente e docente, e a falta de maior divulgação da coleção por parte da biblioteca".

Pela Tabela 2, verifica-se que do total dos títulos correntes adquiridos por compra (284), foram emprestados 278 (97,9%); dos adquiridos por doação (215) foram emprestados 95 (44,2%); dos adquiridos por permuta (255) foram emprestados 182 (71,4%).

Ao se analisar o uso do total de títulos correntes emprestados (555), segundo o tipo de aquisição, verifica-se que a maior porcentagem concentra-se nos periódicos correntes recebidos por compra (50,1%), seguidos pelos adquiridos por permuta (32,8%) e por doação (17,1%).

Tabela 2 – Número e porcentagem de títulos de periódicos emprestados e frequência de empréstimos, segundo o tipo de aquisição do acervo da Biblioteca da FSP, 1982 – 1983.

Tipo de aquisição	Títulos da acervo		Títulos emprestados		Frequência de empréstimos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Compra	284 (100%)	37,7	278 (97,9%)	50,1	9.354	66,9
Doação	215 (100%)	28,5	95 (44,2%)	17,1	1.196	8,5
Permuta	255 (100%)	33,8	182 (71,4%)	32,8	3.442	24,6
<b>TOTAL</b>	<b>754 (100%)</b>	<b>100,0</b>	<b>555 (73,6%)</b>	<b>100,0</b>	<b>13.992</b>	<b>100,0</b>



Proporção similar é observada quando se analisa a freqüência de empréstimos dos periódicos correntes, isto é, a maioria dos empréstimos recai sobre os títulos adquiridos por compra (66,9%), seguido dos adquiridos por permuta (24,6%) (e por doação (8,5%)). (Tabela 2).

O alto índice de uso dos títulos adquiridos por compra pode estar refletindo seleção criteriosa, baseada no interesse e necessidades dos usuários. Quanto aos títulos obtidos por permuta e doação, este resultado pode servir de alerta para que estabeleçam critérios mais rígidos na seleção desses títulos. Estes resultados vêm confirmar a opinião de Bourne e Gregor, citados por ANDRADE e col. (2), de que revistas de alto custo têm alto uso e revistas de baixo custo ou gratuitas têm menor uso.

#### 4.1.2 Empréstimos do acervo de outras bibliotecas

Do total de títulos solicitados pelos docentes e alunos de pós-graduação, que não existiam no acervo da Biblioteca da FSP (971), 68,8% foram emprestados de bibliotecas da Capital de São Paulo, equivalendo a 80,2% da freqüência total de empréstimos de outras bibliotecas (Tabela 3).

Para as demais bibliotecas, observa-se que os centros do exterior ocupam o segundo lugar, com 18,5% dos títulos emprestados e 10,6% da demanda total de empréstimos. As outras bibliotecas do país contribuíram com pequena porcentagem (12,7% dos títulos e 9,2% dos empréstimos). Este resultado mostra, portanto, que para as pesquisas e trabalhos realizados na Faculdade de Saúde Pública da USP, o acervo localizado nas bibliotecas de São Paulo (Capital) garantem um alto índice de atendimento (80,2%). Mas também resta um resíduo que se pode considerar alto (10,6%) para os centros do exterior uma vez que, dado seu alto custo, pressupõe-se que estes títulos solicitados foram rigorosamente selecionados. Naturalmente, se houvesse maior facilidade para obtenção do artigo no exterior, pelo seu custo, o número de solicitações àqueles centros aumentaria.

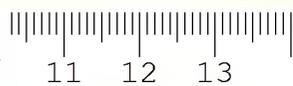


Tabela 3 – Número e porcentagem de títulos de periódicos, não existentes no acervo da Biblioteca da FSP, emprestados e frequência de empréstimos, segundo bibliotecas fornecedoras, 1982–1983.

Bibliotecas fornecedoras	Títulos emprestados		Frequência de empréstimos	
	Nº	%	Nº	%
Capital São Paulo	668	68,8	2.275	80,2
Outras brasileiras	123	12,7	260	9,2
Exterior	180	18,5	300	10,6
<b>TOTAL</b>	<b>971</b>	<b>100,0</b>	<b>2.835</b>	<b>100,0</b>

#### 4.1.3 Empréstimos segundo a Categoria dos Usuários

Ao se observar a Tabela 4, vê-se que o empréstimo de periódicos por parte do corpo docente é seis vezes maior do que do aluno de pós-graduação. Este era o resultado esperado, pelas próprias atividades que os docentes exercem no meio universitário. Esta mesma Tabela mostra que os alunos de pós-graduação utilizam-se, proporcionalmente, mais do acervo de outras bibliotecas que os docentes (33,9% e 12,8%, respectivamente), embora para ambas as categorias a maior demanda tenha sido para o acervo da Biblioteca da FSP (66,1% e 87,2%, respectivamente).

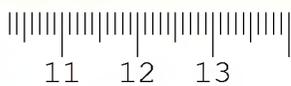
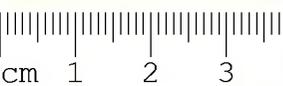


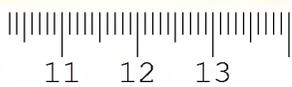
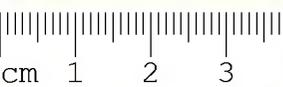
Tabela 4 – Número e porcentagem de empréstimos de periódicos, segundo acervo e categoria de usuários, Faculdade de Saúde Pública da USP, 1982 – 1983.

Acervo Categoria usuário	Biblioteca da FSP		Outras Bibliote- cas		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aluno pós-gra- duação	1.996 (14,0%)	66,1	1.022 (36,0%)	33,9	3.018 (17,6%)	100,0
Docente	12.307 (86,0%)	87,2	1.813 (64,0%)	12,8	14.120 (82,4%)	100,0
<b>TOTAL</b>	<b>14.303 (100%)</b>	<b>83,5</b>	<b>2.835 (100,0%)</b>	<b>16,5</b>	<b>17.138 (100,0%)</b>	<b>100,0</b>

#### 4.1.4 Empréstimos segundo o Ano de Publicação dos Periódicos

Com relação ao ano de publicação do periódico, verifica-se que a maior incidência de empréstimos corresponde aos publicados nos últimos quatro anos (1980-1983), tanto para aqueles emprestados do acervo da Biblioteca da FSP (85,3%) como para os emprestados de outras bibliotecas (80,1%).

A tendência de maior empréstimo de periódicos publicados nos quatro anos mais recentes é observada tanto para os docentes como para os alunos. Apenas no ano de 1983, o mais recente desta pesquisa a porcentagem de uso por parte do aluno foi bem inferior a do docente (3,5% e 18,6%), principalmente para o empréstimo referente ao acervo da Biblioteca da FSP. Esta diferença não era esperada, uma vez que ambos os grupos possuem as mesmas facilidades de acesso à informação recente, por parte da Biblioteca, embora tenham os docentes o hábito de proceder, com mais freqüência, à consulta rápida



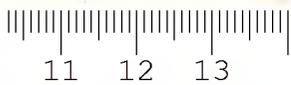
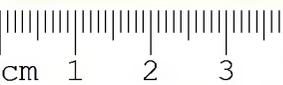
("browsing") das publicações expostas semanalmente, na Biblioteca.

Esta tendência é confirmada em outros estudos, ANDRADE e col. (2) (1978) obtiveram o resultado de 82,6% dos empréstimos concentrados em periódicos publicados nos últimos cinco anos (1969-1973), no campo da saúde pública. Em estudo da circulação e fotocópias do acervo de periódicos de biblioteca biomédicas de Salvador, por um período de seis meses, OLIVEIRA e col. (21) (1980) verificaram que 50,4% dos periódicos tinham sido publicados nos últimos cinco anos, e 77,3% publicados nos últimos 10 anos. PERK e VAN PULIS (24) (1977), em estudo na circulação de periódicos de biblioteca especializada em educação, obtiveram 76,0% de uso para os periódicos publicados nos últimos cinco anos (1968-1972). Esses resultados vêm ao encontro dos achados de CHEN (12) (1972) que, em seu estudo, evidenciou o decréscimo de uso com o aumento da idade dos periódicos, no campo da física.

#### 4.1.5 Empréstimos segundo Idioma de Publicação dos Periódicos

No que se refere ao idioma de publicação dos periódicos analisados, o inglês predomina sobre os demais, tanto em relação aos empréstimos do acervo da Biblioteca da FSP, como de outras bibliotecas, com 75,6% do total dos empréstimos, seguido do português (11,6%), do espanhol (7,7%), francês (3,4%) e outros idiomas (1,6%).

A predominância do inglês era o esperado uma vez que a oferta de periódicos de interesse em saúde, publicados em língua inglesa, prevalece sobre os demais idiomas. Segundo OLIVERA e col. (21), os cursos de pós-graduação "norteiam para uma crescente utilização de artigos científicos em outras línguas, principalmente a inglesa". Estudo de ANDRADE e col. (2) vem confirmar este resultado, onde a predominância do inglês foi identificada em 61,2% do total de empréstimos de periódicos do acervo da Biblioteca da FSP, em 1973/1974 em seis meses de estudo. Do total de empréstimos entre bibliotecas, em estudo realizado por CAMPBELL (10) em biblioteca técnica inglesa, durante seis meses, foi identificado 88,8% dos pedidos referentes ao idioma inglês. GORDON (18) (1982), em estudo de



uso de títulos de ciências sociais e humanas, verificou que títulos publicados em língua não inglesa têm o e mínimo de uso, independentemente do assunto.

Há ainda que se ponderar a produção científica em português, na área da saúde, é baixa, assim como o é para outras áreas, refletindo a situação de países em desenvolvimento, com baixa produção de pesquisas e conseqüentemente, de publicações. Mas de qualquer forma, é incontestável a importância do idioma inglês na transferência da informação.

#### 4.1.6 Distribuição de Frequência dos Empréstimos

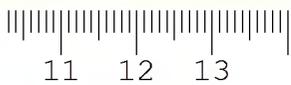
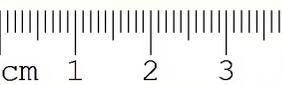
Pela distribuição de frequência dos empréstimos do acervo da Biblioteca da FSP e de outras bibliotecas (17.138) e o número de títulos emprestados (1.611), foi traçado o gráfico segundo a lei de Bradfords, sendo identificadas três zonas de produtividade.

A zona 1 (núcleo) está representada por 46 títulos de periódicos (2,9% do total de títulos emprestados) que detiveram 6.789 empréstimos, ou seja, 39,6% do total da demanda (17.138). Estes 46 títulos foram emprestados até 62 vezes no período.

A média de empréstimos para esta zona de concentração é de 147,6 saídas por título.

É importante assinalar que todos os títulos correspondentes a este núcleo pertencem ao acervo da Biblioteca da FSP. Assim, se se considerar somente os títulos emprestados deste acervo (640) deste núcleo passa a representar 7,2% dos títulos emprestados do acervo da Biblioteca da FSP, equivalendo a 47,5% do total dos empréstimos desse acervo (14.303). Ao se comparar este resultado com trabalho anterior (2), de avaliação desse acervo, onde foi verificado que o núcleo deteve 48,9% do total de empréstimos, pode-se constatar que, praticamente, não houve alteração. Posteriormente, ANDRADE e col. (4), em 1981, avaliando o serviço de DSI para alunos de pós-graduação da FSF, verificaram que um núcleo de 46 títulos (8,3%) detiveram 49,5% dos artigos fornecidos.

Ao se considerar o total de títulos da coleção de periódicos da



Biblioteca da FSP (1.958), o número de títulos desta zona de empréstimo é bastante baixo (2,3%).

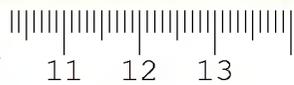
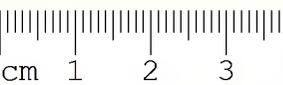
Foram emprestados uma única vez, em dois anos, 37,7% dos títulos. Destes, 88 títulos foram emprestados do acervo da Biblioteca da FSP, correspondendo a 13,7% do total emprestado (640) e 519 títulos foram emprestados de outras bibliotecas, correspondendo a 53,5% do total (971).

Dos 46 títulos componentes do núcleo, 33 foram adquiridos por compra, 4 por doação e 9 por permuta. Posteriormente ao levantamento destes dados, quatro títulos adquiridos por compra foram cancelados em 1985, conseqüente à implantação da aquisição planejada de periódicos, na USP (23). Esta decisão, portanto, não parece ter sido acertada quando do cancelamento desses títulos. De qualquer forma, é importante que se mantenha uma constante revisão no uso de títulos cancelados, em avaliações contínuas para que se reconsidere a sua aquisição, caso venham a manter número representativo de solicitações.

Destaque-se que dentre os títulos que encabeçam a lista dos mais emprestados, um número representativo refere-se a títulos não especializados em saúde pública, que são as revistas médicas gerais como: "Lancet", "New England Journal of Medicine", "British Medical Journal", "Journal of the American Medical Association", e outros títulos equivalentes. Esses títulos, sempre identificados nas listas dos mais utilizados em estudos de periódicos em saúde pública (ANDRADE e col. (1, 2, 4); ASH (6); DANNATT (14)) e em biomedicina em geral (GARFIELD, (16, 17); OLIVEIRA e col. (21)) não podem deixar de serem considerados pela sua importância na divulgação de trabalhos nessas áreas.

#### 4.2 Citação de Periódicos

O total de teses e dissertações analisadas foi de 55, sendo 23 de Mestrado (5 de docentes e 18 de alunos não docentes), 28 de Doutorado (13 de docentes e 15 de alunos não docentes) e 4 de livre docência (docentes) apresentadas na FSP em 1983 e 1984. Foram analisa-



dos ainda 85 artigos de periódicos publicados pelo corpo docente da FSP nesse período.

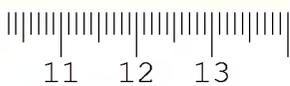
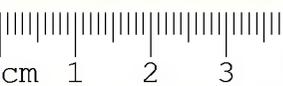
O total de documentos analisados (140 produziu 6.598 referências bibliográficas, somando 4.092 citações de artigos de periódicos. Este total representa 62,0% do total das citações dos trabalhos analisados.

Analisando as referências bibliográficas das teses no campo da Epidemiologia, ANDRADE (1) (1984) encontrou porcentagem semelhante (62,0%) das citações referentes a artigos de periódicos. Anteriormente, neste mesmo campo, ASH. (6), em 1974, verificou que nas citações de teses analisadas, 52,0% eram de artigos de periódicos. Em trabalho de TERADA (33) (1984), no campo da energia nuclear, foi verificado que dentre as citações estudadas nos trabalhos de pesquisadores, 61 a 62% referiram-se a artigos de periódicos.

Pela Tabela 5 pode-se verificar que do total das citações de periódicos, 55,5% referiram-se aos citados nas teses e artigos dos docentes e 44,5% nas teses dos alunos de pós-graduação.

Tabela 5 - Número e porcentagem de citações de periódicos, segundo acervo e documentos analisados, Faculdade de Saúde Pública da USP, 1982 - 1983.

Documentos analisados	Acervo				Total	
	Biblioteca FSP		Outras bibliotecas			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Aluno pós-graduação:</b>	<b>869</b>	<b>35,7</b>	<b>950</b>	<b>57,4</b>	<b>1.819</b>	<b>44,5</b>
Mestrado	372		313		685	16,8
Doutorado	497		637		1.134	27,7
<b>Docente:</b>	<b>1.567</b>	<b>64,3</b>	<b>706</b>	<b>42,6</b>	<b>2.273</b>	<b>55,5</b>
Mestrado	92		59		151	3,7
Doutorado	538		240		778	19,0
Livre-Docência	109		39		148	3,6
Artigo periódico	828		368		1.196	29,2
<b>TOTAL</b>	<b>2.436</b>	<b>100,0</b>	<b>1.656</b>	<b>100,0</b>	<b>4.092</b>	<b>100,0</b>

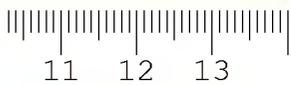
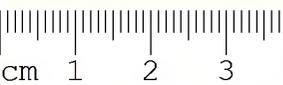


Dos trabalhos analisados, os artigos publicados pelos docentes detiveram o maior número de citações com 29,2% do total (1.196 itens), seguido pelas teses de doutorado de alunos não-docentes (27,7%) e de docentes (19,0%).

Os artigos de periódicos citados nos trabalhos de alunos e docentes são publicados em um total de 1.050 títulos de periódicos, conforme se observa na Tabela 6. A maioria dos títulos citados (63,7%) não consta do acervo da Biblioteca da FSP, embora 59,5% do total das citações refiram-se a periódicos nela existentes. Em trabalho de ANDRADE (1) (1984), foi verificado que 70,8% dos periódicos citados nas teses e dissertações no campo da Epidemiologia, apresentadas à FSP em 1979-1982, existiam no acervo daquela Faculdade. Este resultado pode sugerir que há áreas do acervo da Biblioteca da FSP melhor cobertas pela literatura, ou então, que para as áreas básicas, como a Epidemiologia, o acervo é mais representativo.

Tabela 6 – Número e porcentagem de títulos de periódicos citados, freqüência de citação e número médio de citação por título, segundo acervo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 1983 – 1984.

Acervo	Títulos citados		Freqüência citação		Nº Médio de citação/título
	Nº	%	Nº	%	
Biblioteca FSP	381	36,3	2.436	59,5	6,4
Outras bibliot.	669	63,7	1.656	40,5	2,8
<b>TOTAL</b>	<b>1.050</b>	<b>100,0</b>	<b>4.092</b>	<b>100,0</b>	<b>3,9</b>



#### 4.2.1 Citações segundo o Ano de Publicação dos Periódicos

O resultado encontrado na análise das citações segundo o ano de publicação dos periódicos citados nos trabalhos dos docentes e alunos de pós-graduação, da FSP, mostra que 24,8% das citações referem-se a publicações dos últimos cinco anos – o quadro é praticamente o mesmo para os alunos e docentes onde, respectivamente, 22,2% e 26,9% dos artigos citados foram publicados de 1980 a 1984; 49,3% das citações eram dos últimos 10 anos; apenas 0,5% dos periódicos citados foram publicados no ano mais recente (1984). Este último aspecto pode ser decorrente ao atraso no recebimento das publicações importadas editadas no ano e na produção bibliográfica nacional que costuma ser divulgada com certo atraso. Além disso, deve-se considerar o período dispendido na divulgação dos artigos nas fontes bibliográficas secundárias (índices, *abstracts*).

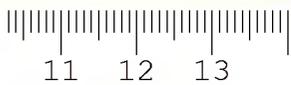
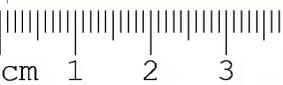
Resultado semelhante foi encontrado por ANDRADE (1) em análise das teses no campo da Epidemiologia, onde 50,0% do total das citações de periódicos referem-se aos 10 anos mais recentes (1973 – 1982); no entanto, para os publicados nos últimos cinco anos (1978 – 1982) a porcentagem caiu para 14,1%. Outros trabalhos realizados sobre análise de citações mostram resultados semelhantes, sob este aspecto (11, 15, 34).

#### 4.2.2 Citações segundo o Idioma de Publicação dos Periódicos

Quanto ao idioma dos periódicos citados, a maior porcentagem recaiu sobre os publicados em inglês (63,5%) seguido do português (23,0%) e espanhol (5,3%), tanto para os trabalhos produzidos pelos docentes como pelos alunos de pós-graduação.

A exemplo dos empréstimos, este era o resultado esperado. Apenas chama a atenção a baixa porcentagem de citações de artigos em língua espanhola, uma vez que se pressupõe a existência de produção científica de países latino-americanos que fosse de interesse para os trabalhos realizados.

A preferência da língua inglesa foi encontrada em outros estu-



dos sobre análise de citações (1, 8, 10, 26).

#### 4.2.3 Distribuição de Freqüência das Citações

Pela distribuição de freqüências, foi traçado o gráfico segundo modelo de Bradford, através do qual foram identificadas quatro zonas de produtividade.

A primeira zona (núcleo) está representada por 32 títulos (3,1% do total citado) perfazendo um total de 1.233 citações (30,1%). Esta zona representa, desta forma, os títulos mais citados nas teses e artigos analisados, com até 19 citações.

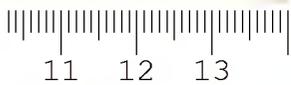
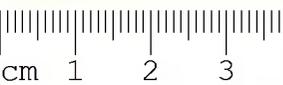
A média de citação por título desta zona é de 38,5 vezes. Em trabalho realizado, em 1984, por ANDRADE (1), na área da Epidemiologia, foi constatado resultado semelhante, onde o núcleo foi constituído de 3,0% dos títulos, detendo os mesmos, 31,5% do total de citações, em até 22 vezes. Em estudo baseado em citações de teses sobre saúde pública, em 1974, ASH (6) definiu uma lista de 60 títulos considerada de máxima eficiência para a saúde pública (31,0% deles constam do núcleo dos mais citados) satisfazendo a 73,4% da demanda.

Do total de títulos identificados no núcleo, seis (18,7%) não existem no acervo da Biblioteca da FSP, mas sim em bibliotecas da Capital de São Paulo. Desta forma, parece não se configurar o caso de aquisição desses títulos para o acervo da Biblioteca da FSP, uma vez serem os mesmos de fácil acesso.

Dos demais títulos citados no núcleo (26), 17 foram adquiridos por compra, 2 por doação e 5 por permuta; 2 deles não pertencem à coleção corrente.

Do total de títulos citados, 50,8% (533) foram citados uma única vez no período de dois anos. Destes, 138 (25,9%) são do acervo da Biblioteca da FSP e 395 (74,1%) do acervo de outras bibliotecas. Resultado semelhante foi encontrado por ANDRADE (1) (1984) onde 50,0% dos títulos tiveram apenas uma citação. Em trabalho de ASH (6) (1974) no campo da saúde pública, essa porcentagem foi de 79,0%.

Estes achados sugerem que o campo da saúde pública, por ser



multidisciplinar, depende em grande parte de variedade de títulos das diferentes áreas do conhecimento. Por outro lado, mostra também a necessidade de as bibliotecas, dessa área, desenvolverem serviços de atendimento ao usuário, extra-muros, como é o caso da Biblioteca da FSP.

A exemplo do que ocorreu no trabalho de ANDRADE (1), a "Revista de Saúde Pública" encabeça a lista dos títulos mais citados, com 5,4% do total das citações e com uma média de 1,8 citações por trabalho analisado. Desta forma, este periódico vem firmando-se cada vez mais como um importante veículo de transferência da informação na área da saúde pública. NORONHA e col. (20) (1978), em análise de dispersão de artigos sobre saúde pública, identificaram a "Revista de Saúde Pública", dentre os títulos brasileiros, como a mais produtiva de artigos sobre esse assunto. Essa mesma revista, em análise de citações no campo da medicina tropical, ocupou o 81º lugar, no período de 1972/1973 (BRENNEN e DAVEY (8), 1978)\*; em outra análise sobre doenças endêmicas, ocupou o 2º lugar, em 1978/1982 (COSTA LIMA e col. (13), 1984).

Destaque-se ainda, a exemplo do resultado obtido nos empréstimos, a presença de títulos de assuntos médicos em geral fazendo parte dos mais citados, como "Journal of The American Medical Association", "Lancet", "British Medical Journal", "New England Journal of Medicine", entre outros.

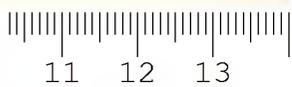
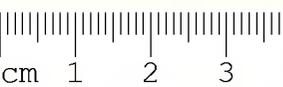
#### 4.3 Correlação entre os Títulos Empréstados e Citados

Para se determinar o grau de correlação entre os títulos emprestados e os citados, foi calculado o coeficiente de correlação, por postos, de Spearman ( $r_s$ ) (29).

O cálculo da correlação foi estabelecido sobre o universo total dos títulos identificados. Destes, 567 títulos estavam presentes nas duas listagens – empréstimo e citação. A correlação encontrada entre

---

\* A lista completa das revistas analisadas neste trabalho foi obtida por comunicação pessoal (carta).



esses títulos foi de 0,34.

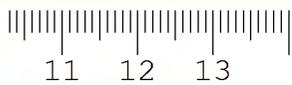
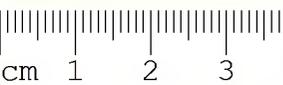
Comparando-se os títulos componentes do núcleo dos empréstimos com o total dos títulos citados, no período do estudo, encontrou-se uma correlação de 0,47. Já a correlação encontrada entre os títulos componentes do núcleo dos citados com o total dos títulos emprestados foi mais baixa (0,28). A correlação entre os 15 títulos comuns nesses dois núcleos foi de 0,17.

Este resultado está bem próximo do encontrado em estudo de SCALES (27) (1976) que, comparando os títulos mais usados na "National Library of Medicine", de Washington, DC, com os mais citados em lista ordenada do "Journal Citation Reports", publicado pelo "Institute for Scientific Information", EUA, obteve correlação entre os 50 mais usados e os 50 mais citados de 0,42 e 0,26, respectivamente. Entre os 16 títulos em comum na lista dos 50 mais consultados e citados, encontrou uma correlação bastante baixa de 0,067. Em estudo realizado por TERADA (33) (1984), com os 176 títulos em comum no universo dos periódicos consultados e citados por pesquisadores do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN), de São Paulo, foi encontrada uma correlação de 0,60, considerada bastante significativa. Este nível tornou-se razoável, para essa autora, quando encontrou uma correlação de 0,47 para os 26 títulos em comum entre os 50 mais citados e consultado.

#### 4.4 Comentários Finais

Os títulos da coleção de periódicos da Biblioteca da FSP, principalmente os correntes adquiridos por compra, foram relevantes para o desenvolvimento do ensino e pesquisa em saúde pública nessa Faculdade. Foram emprestados, no período, 97,9% dos títulos comprados pela Biblioteca.

Vale destacar que dos 284 títulos correntes adquiridos por compra, seis não foram emprestados sequer uma única vez nos dois anos de estudo. Todavia, três destes títulos foram citados nos trabalhos analisados ("Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos", "Revista Internacional del Trabajo" e "Social Biology"). Conclui-se, assim,

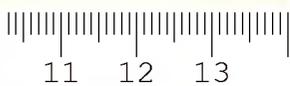
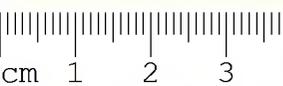


que esses títulos foram obtidos do acervo de outras bibliotecas, não se eliminando, no entanto, a hipótese de os mesmos terem sido conseguidos do acervo da Biblioteca da FSP, em período anterior a este estudo. Apenas três títulos do acervo, adquiridos por compra, não foram emprestados nem citados: "Advances in Protein Chemistry", "Behavioral Ecology Sociobiology" e "Solid Wastes Management", sendo que um deles, o primeiro mencionado, teve sua assinatura cancelada posteriormente a este levantamento (1985), o que parece ter sido uma decisão acertada. Os outros dois títulos possivelmente sejam candidados a um futuro cancelamento de suas assinaturas, caso seja confirmado o desinteresse dos usuários da Biblioteca, por eles.

Dos 46 títulos componentes do núcleo dos empréstimos (todos do acervo da Biblioteca da FSP) dois não foram citados uma única vez nos trabalhos dos docentes e alunos de pós-graduação. São eles: "World Health" cuja edição em idioma português, "Saúde do Mundo", consta dos núcleos dos títulos mais emprestados e citados) e "Scientific American", que é um periódico de divulgação científica, cuja natureza, com informações de cultura geral para os pesquisadores, não induz à citação.

Os empréstimos efetuados de outras bibliotecas (60,3% do total de títulos emprestados) apresentaram uma variedade bastante grande de títulos, com requência de empréstimo baixa para a grande maioria desses títulos (53,5% dos títulos de outras bibliotecas tiveram apenas um empréstimo, em dois anos). O número médio de empréstimo desses títulos foi de 2,9. Destaque-se também, que o acervo da Biblioteca da FSP em conjunto com os de outras bibliotecas da Capital de São Paulo cobriram 96,8% do total da demanda dos empréstimos realizados.

Dos títulos que figuram no núcleo dos mais citados, (81,3% pertencentes ao acervo da FSP) apenas o periódico "Journal of the American Veterinary Medical Association" (26 citações) não foi emprestado, no período; trata-se de periódico específico da área da medicina veterinária, citado apenas por alunos de pós-graduação, não docentes da FSP, e que por esse motivo, provavelmente, se utilizaram diretamente do acervo de outras bibliotecas, dispensando os serviços de



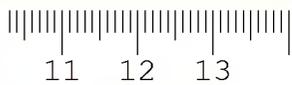
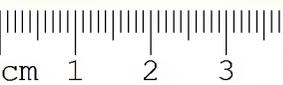
comutação da Biblioteca da FSP.

A tendência de uso de periódicos publicados mais recentemente é maior para os empréstimos do que citações. A maior utilização recaiu sobre os títulos publicados nos últimos quatro anos (1980 – 1983) para os empréstimos (84,5%) e nos últimos 10 anos (1975 – 1984) para os títulos citados (49,3%).

Tanto os docentes como os alunos de pós-graduação, em uma instituição acadêmica especializada em saúde pública, não podem prescindir de periódicos publicados no idioma inglês. São publicados nesse idioma, 75,6% dos títulos emprestados e 63,5% dos títulos citados.

A correlação encontrada revelou que os títulos mais demandados por empréstimo são os mais citados nos trabalhos analisados; os títulos mais citados apresentaram menor correlação com os emprestados.

Os 567 títulos coincidentes nas duas variáveis estudadas representam 35,2% dos títulos emprestados (1.611) e 54,0% do total de títulos citados (1.050). Vale ressaltar que desses títulos, 309 (54,5%) pertencem ao acervo da Biblioteca da FSP representando 41,0% dos títulos correntes e 258 (45,5%) são de outras bibliotecas. Com relação a estes últimos (258), a maioria deles existe em acervos de bibliotecas da Capital de São Paulo (213); 26 títulos existem em outras bibliotecas brasileiras. Em princípio, não se deve estimular a aquisição desses títulos por parte da Biblioteca da FSP, uma vez que são de fácil acesso. Dos títulos solicitados ao exterior, num total de 19, vale chamar a atenção dos seguintes por terem sido os mais utilizados e serem de áreas mais estreitamente relacionadas à saúde pública: "Developments in Biological Standardization", "Environmental Pollution – B", "Journal of Human Ergology", "Journal of Ambulatory Care Management", "Risk Analysis", além de um título em japonês especailizado em leprologia ("Nippon Rai Gakkai Zasshi"). Os três primeiros, embora tenham sido solicitados ao exterior, constam do acervo de bibliotecas brasileiras, conforme se verifica no Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas (CCN), mas que, na época da solicitação, os fascículos de interesse não foram localizados. Apenas um



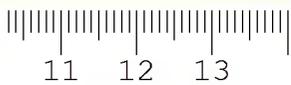
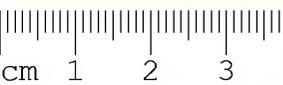
deles ("Environmental Pollution - B") é título atualmente corrente em bibliotecas brasileiras, e os outros dois estão com aquisição cancelada há algum tempo, segundo o CCN. Desta forma, com exceção desse título e do publicado em japonês (barreira lingüística), os demais podem ser considerados candidatos a aquisição, desde que não mantenham nível inferior de utilização, nos anos seguintes a este estudo.

Resta ainda considerar a necessidade da continuação da realização de estudos desta natureza, comparativos, anualmente ou a cada dois ou três anos, para que sejam averiguadas as possíveis mudanças nas necessidades de informação dos usuários de uma biblioteca, levando a decisões de cancelamento ou de novas aquisições de títulos de periódicos, com segurança a partir dos dados mais consistentes. Assim, quanto mais constância tiver um título na lista dos mais utilizados, mais indicada a sua manutenção ou aquisição. Se, durante alguns anos de avaliação, alguns títulos nunca forem utilizados, é melhor contar com o acervo de outras bibliotecas e, cancelando-os, ter oportunidade para aquisição de novos títulos demandados e não existentes.

Os estudos de avaliação de periódicos de uma biblioteca especializada em saúde pública parecem ser mais precisos quando envolvem mais de um método de estudo, onde a comparação ou combinação dos dados obtidos possa permitir identificar uma coleção efetivamente utilizada para o desenvolvimento de estudos e pesquisas nessa área. Os resultados desses estudos, mesmo não se considerando algumas características dos periódicos, tais como, sua periodicidade, produtividade de artigos, atraso na publicação ou as mudanças ocorridas durante a sua existência, são capazes de fornecer subsídios para tomadas de decisões na política de manutenção da coleção de periódicos de uma biblioteca especializada nesse campo.

**ABSTRACT:** Deals with a descriptive analysis on the use of periodicals by faculty and graduate students belonging to the School of Public Health, University of S. Paulo (FSP) worked out from 1982 to 1984. It was considered the loaned (belonged to the FSP's library and others libraries) and cited titles. To the study of citations, theses and monographs presented to the FSP and articles written by its faculty members, were analysed. Correlation coefficient among the loaned and cited titles was estimated.

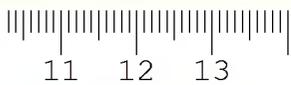
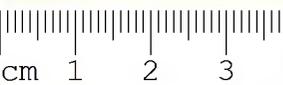
**KEY-WORDS:** Use. Periodicals. Descriptive analysis. Graduate students. Library. School of Public Health, University of São Paulo, Brazil.



## QUADRO 1:

Relação dos títulos componentes do núcleo dos empréstimos, em ordem decrescente de empréstimo

Títulos	Nº de empréstimo
Lancet	446
New England Journal of Medicine	427
British Medical Journal	414
Journal of the American Medical Association	338
American Journal of Public Health	312
Social Science and Medicine	301
American Journal of Clinical Nutrition	264
Boletim de la Oficina Sanitaria Panamericana	234
Science	225
American Journal of Epidemiology	220
American Journal of Obstetrics and Gynecology	203
Nature	172
Medical Journal of Australia	155
Journal of the American Dietetic Association	154
Pediatrics	154
Médecine & Hygiene	145
Morbidity and Mortality Weekly Report	118
Journal of Chronic Diseases	111
Medical Care	111
American Journal of Tropical Medicine and Hygiene	107
Obstetrics and Gynecology	107
Public Health Reports	106
Revista de Saúde Pública (S. Paulo)	106
Ciência e Cultura	104
Bulletin of World Health Organization	103
American Review of Respiratory Diseases	99
American Journal of Diseases of Children	96
American Journal of Medicine	95
International Journal of Epidemiology	90
World Health	85
Scientific American	83
Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene	81
Gaceta Medica de Mexico	80
Salud Publica de Mexico	80
Canadian Journal of Public Health	79
Cuadernos Médico-Sociales (Rosario)	77
Preventive Medicine	77
Journal of Epidemiology and Community Health	76
Journal of School Health	76
Public Health	76
Saúde do Mundo	76
Leprosy Review	75
Journal of Infectious Diseases	65
Chest	62
Israel Journal of Medical Sciences	62
Problemas Brasileiros	62



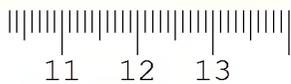
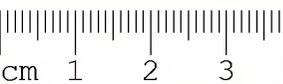
## QUADRO 2

Relação dos títulos componentes do núcleo das citações, em ordem decrescente de citação

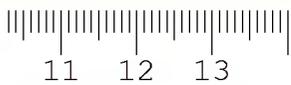
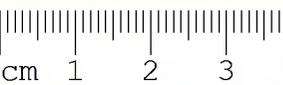
Titulos	Nº de citação
Revista de Saúde Pública	221
International Journal of Leprosy	78
Journal of the American Dental Association	61
American Journal of Public Health	60
Journal of the American Medical Association	47
American Journal of Obstetrics & Gynecology	45
Pediatrics	44
Veterinary Record	41
Lancet	40
Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana	37
British Dental Journal	36
Journal of Dairy Science	36
British Journal of Venereal Diseases	35
Journal of Dental Research	35
Science	33
American Journal of Clinical Nutrition	28
Leprosy Review	27
Journal of the American Veterinary Medical Association	26
Public Health Reports	26
British Medical Journal	25
Journal of Bacteriology	25
New England Journal of Medicine	25
Applied Microbiology	24
Revista Brasileira de Enfermagem	21
Revista DAE	21
American Journal of Tropical Medicine and Hygiene	20
Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública USP	20
Saúde do Mundo	20
American Industrial Hygiene Association Journal	19
International Journal of Health Education	19
Journal of Water Pollution Control Federation	19
Revista do Instituto Adolfo Lutz	19

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

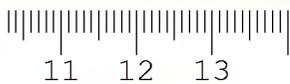
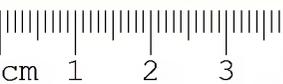
- ( 1) ANDRADE, M.T.D. de Literatura citada em dissertações de teses no campo da epidemiologia, apresentadas à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no período de 1979-1982. São Paulo, 1984. [Dissertação de Mestrado - Faculdade de Saúde Pública da USP]
- ( 2) ANDRADE, M.T.D. de; ELEUTÉRIO, I.L. & NORONHA, D.P. Avaliação do uso de pe-



- riódicos em biblioteca especializada em saúde pública. *Rev. Saúde públ.*, S. Paulo, 12(3):388-402, 1978.
- ( 3) ANDRADE, M.T.D. de; NORONHA, D.P.; CAMARGO, L.C.P. de C.; ULHOA CINTRA, M.I. & ROCHA, M.I.V. da Disseminação seletiva da informação para alunos de pós-graduação em saúde pública e administração hospitalar. *Rev. Bibliotecon. Brasília*, 6(2):202-16, 1978.
- ( 4) ANDRADE, M.T.D. de; NORONHA, D.P.; CAMARGO, L.C.P. de C.; ULHOA CINTRA, M.I. & ROCHA, M.I.V. da Avaliação do serviço de Disseminação Seletiva da Informação (SDI) para alunos de pós-graduação em saúde pública. *Rev. lat.-amer. Doc.*, 1(1/2):8-13, 1981.
- ( 5) ANDRADE, M.T.D. de; NORONHA, D.P. & FERREIRA, M.C.G. Programa de Disseminação Seletiva da Informação (DSI) como apoio às pesquisas em saúde pública: relato de caso. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 4º, Campinas, 1985. *Anais*. Campinas, UNICAMP, 1985. p. 316-26.
- ( 6) ASH, J. Library user of public health materials: description and analysis. *Bull. med. Libr. Ass.*, 62(2):95-104, 1974.
- ( 7) BRAGA, G.M. Informação, ciência, política científica: o pensamento de Derek de Solla Price. *Cienc. Inf.*, 3(2):155-77, 1974.
- ( 8) BRENNEN, P.W. & DAVEY, W.P. Citation analysis in the literature of tropical medicine. *Bull. med. Libr. Ass.*, 66(1):24-30, 1978.
- ( 9) BRITO, E.M.T.; SOUZA, S. de & RAMALHO, W. da C. Avaliação da coleção de periódicos da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba na área de ciências sociais aplicadas. *Rev. Bibliotecon. Brasília*, 12(2):211-28, 1984.
- (10) CAMPBELL, M.B.M. A survey of the use of science periodicals in Wolverhampton Polytechnic Library. *Res. Librshp*, 5(26):39-72, 1974.
- (11) CARVALHO, M.M. de Análises bibliométricas da literatura de química no Brasil. Rio de Janeiro, 1975. [Dissertação de Mestrado - IBICT/UFRJ]
- (12) CHEN, C.C. the use patterns of physics journals in a large academic research library. *J. Amer. Soc. Inf. Sci.*, 23(4):254-63, 1972.
- (13) COSTA LIMA, J.A.; ROSA, C.M.S.; PIEGAS, M.H.; PEIXINHO, A.; SCHMIDT, A.; BRIQUET, A.A. & SOUZA, C.A.M. de Análise da informação científica em saúde no Brasil: 1ª parte. Brasília, CNPq. Superintendência de Desenvolvimento Social, 1984. p. 223-55. [Fotocópia]
- (14) DANNATT, R.J. Primary sources of information. In: Morton, L.T. & Godbolt, S. *Information sources in the medical sciences*. 3rd ed. London, Butterworths, 1984. p. 17-43.
- (15) EMERSON, W.L. Adequacy of engineering resources for doctoral research in a university library. *Coll. Res. Libr.*, 18(6):455-60, 504, 1957.
- (16) GARFIELD, E. Significant journals of science. *Nature*, 264(5587):609-15, 1976.
- (17) GARFIELD, E. Which medical journals have the greatest impact? *Curr. Cont.: Soc. behav. Sci.*, 19(2):3-9, 1987.
- (18) GORDON, M. Periodical use at a small college library. *Ser. Librn.*, 6(4):63-73, 1982.
- (19) LIMA, R.C.M. de Bibliometria: análise quantitativa da literatura como instrumento de administração em sistemas de informação. *Cienc. Inf.*, 15(2):127-33, 1986.
- (20) NORONHA, D.P.; FIGUEIREDO, M.C.F. & ROCHA, M.I.V. da Análise bibliométrica da dispersão de artigos sobre saúde pública em periódicos brasileiros. *Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG*, 7(1):69-89, 1978.
- (21) OLIVEIRA, M.P.; CAMPOS, A.C.C. de; FIXINA, A.M.; SANTANA, C.M.; FONSECA, E.M.C.; BORBA, G.L.G.; FONTES, H.S.; ARAGÃO, I.R.; BULCÃO, L.A.; BARROS, M.A.; SOUZA, M.C.B.P. e; ROCHA, M.L.P. da; MOREIRA, N.P.; MELO, N.T.; MIRANDA, S.G. & PIEDADE, T.F. utilização de periódicos em algumas bibliotecas biomédicas de Salvador: uma avaliação. In: Congresso Latino Americano de Biblioteconomia e Documentação, 1º, Salvador, 1980. *Anais*. Salvador, 1980. v. 1, p. 435-63.



- (22) PASQUARELLI, M.L.R.; KRZYZANOWSKI, R.F.; IMPERATRIZ, I.M. de M.; NORONHA, D.P.; ANDRADE, E.; ZAPPAROLI, M.C. de M.; BONESIO, M.C.M.; LOBO, M.P.; ALMEIDA, M. dos S.; TOLOI, N.; ARRUDA, R.M.A. & PLAZA, R.T.T. Avaliação de uso das coleções da Universidade de São Paulo. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 5<sup>o</sup>, Porto Alegre, 1987. *Anais*. Porto Alegre, 1987. v. 1, p. 27-36.
- (23) PASQUARELLI, M.L.R.; KRZYZANOWSKI, R.F. & KUAE, L.K. Programa de aquisição planejada de periódicos na Universidade de São Paulo. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 5<sup>o</sup>, Porto Alegre, 1987. *Anais*. Porto Alegre, 1987. v. 1, p. 313-23.
- (24) PERK, L.J. & VAN PULIS, N. Periodical usage in a education-psychology library. *Coll. Res. Libr.*, 38(4):304-8, 1977.
- (25) PRITCHARD, A. Citation analysis vs use data. *J. Doc.*, 36(3):268-9, 1980.
- (26) SANTOS, M.C.P. Os pesquisadores brasileiros em química e a divulgação de sua produção científica. *Rev. Bibliotecon. Brasília*, 12(1):99-104, 1984.
- (27) SCALES, P.A. Citation analysis as indicators of the use of serials: a comparison of ranked title lists produced by citation counting and from use data. *J. Doc.*, 32(1):17-25, 1976.
- (28) SCHWARTMAN, S. A política brasileira de publicações científicas e técnicas: reflexões. *Rev. bras. Tecnol.*, 15(3):25-32, 1984.
- (29) SIEGEL, S. *Estatística não-paramétrica: para as ciências do comportamento*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975.
- (30) SINGLETON, A. Journal ranking and selection: a review in physics. *J. Doc.*, 32(4):258-89, 1976.
- (31) SMITH, T.E. The "Journal Citation Reports" as a deselection tool. *Bull. med. Libr. Ass.*, 73(4):387-9, 1985.
- (32) STANKUS, T. & RICE, B. Handle with care: use and citation data for science journal management. *Collect. Manag.*, 4(112):95-110, 1982.
- (33) TERADA, E. Uso da informação e adequação da coleção de periódicos: estudo aplicado ao Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. São Paulo, 1984. [Dissertação de Mestrado – IBICT/UFRJ]
- (34) VELHO, L.M.L.S. A contemporaneidade da pesquisa agrícola brasileira como reflexo da distribuição da idade das citações. *Cienc. Inf.*, 15(1):3-9, 1986.



# PROGRAMA DE ATUALIZAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DO CATÁLOGO REGIONAL DE LIVROS DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Maria Helena Di Francisco\***  
**Rosaly Favero Krzyzanowski\***  
**Jandira Neves Moraes\***  
**Elaine Nucci\***  
**Ines M. Morais Imperatriz\***  
**Maria Luiza Rigo Pasquarelli\***

**RESUMO:** Apresenta o Catálogo Coletivo Regional de Livros do Estado de São Paulo – CCL e descreve o seu "Programa de Atualização e Dinamização", que foi implantado em junho de 87, visando um diagnóstico da situação atual das bibliotecas cooperantes e sua implementação. O estudo foi pautado nos dados estatísticos levantados através de questionários enviados às bibliotecas e, também, nos dados de atendimento do CCL.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catálogo coletivo. Livros. Estado de São Paulo, Brasil.

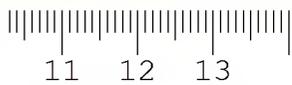
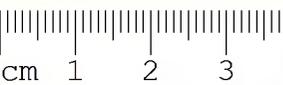
## INTRODUÇÃO

O catálogo Coletivo Regional de Livros do Estado de São Paulo (CCL), sediado na Universidade de São Paulo desde 1954, abrange os acervos de 37 bibliotecas da Universidade e de 58 bibliotecas do Estado de São Paulo, pertencentes às entidades governamentais ou privadas, que cooperam com o Catálogo através do envio de fichas catalográficas, divulgando os seus acervos e tornando-os acessíveis a outros pesquisadores que não são da própria instituição.

Bem antes de sua implantação na USP como Catálogo Regional, houve tentativas em 1937 e 1943, no sentido da criação, a nível nacional, de um Catálogo Coletivo de Livros em São Paulo, porém sem

---

\* Do Sistema Integrado de Bibliotecas – Departamento Técnico Universidade de São Paulo



resultados imediatos.

Em 1942, o então Reitor da Universidade de São Paulo sugeriu que a Biblioteca "Mário de Andrade" sediasse esse Catálogo, que seria formado a partir da colaboração das bibliotecas paulistas, através do envio de fichas de seus acervos. Infelizmente, por motivos vários, essa sugestão também não foi concretizada e a idéia da criação do Catálogo Coletivo voltou à Universidade, por ocasião da criação da Biblioteca Central da Universidade de São Paulo em 1947.

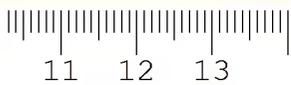
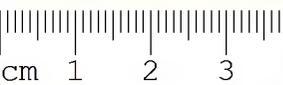
Em 1949, com a mudança de Direção da Biblioteca Central, decidiu-se que o catálogo seria implantado e abrangeria, primeiramente, as Bibliotecas da Universidade de São Paulo, e a sua organização seria de acordo com os recursos disponíveis na Biblioteca Central e nas Bibliotecas das Unidades. Assim, teve início o Catálogo Coletivo da Universidade de São Paulo.

Em 1954, segundo recomendação do I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, realizado em Recife e que teve como tema "Bibliotecas Universitárias", a Biblioteca Central da Universidade de São Paulo foi designada, mediante ato do Reitor, devidamente autorizado pelo Governador do Estado (D.O. de 31/10/54), como sede dos Catálogos Coletivos de Livros e de Publicações Periódicas do Estado de São Paulo (1).

Os órgãos oficiais do Estado de São Paulo tiveram, através da Resolução n. 678/56 do Governador do Estado (2), regulamentadas suas contribuições ao CCL. Esta Resolução foi modificada posteriormente pela Resolução n. 897/58 de 10/02/58 (3).

Com o decorrer dos anos o CCL cresceu em quantidade de fichas, dando atendimento, no entanto, aos seus objetivos de forma irregular, em vista:

- a) da fraca divulgação referente a sua existência;
- b) da falta de controle sobre a cooperação das bibliotecas que se diziam colaboradoras. (A colaboração das bibliotecas não era constante);



- c) da infra-estrutura insuficiente (pessoal, área física, linhas telefônicas, mobiliário), prejudicando a organização e o crescimento do próprio CCL e, conseqüentemente, de sua divulgação e de seu bom atendimento.

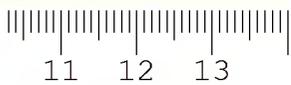
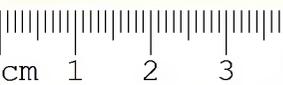
Desta feita em junho de 1987, no intuito de atualizar o cadastro das bibliotecas cooperantes, assim como rever sua manutenção e proceder ampla divulgação do CCL, foi desenvolvido um "programa de atualização e dinamização do Catálogo Coletivo Regional de Livros do Estado de São Paulo". Para tanto, foram distribuídos formulários às Bibliotecas, consideradas cooperantes e, através da análise do material respondido, foi possível obter-se a lista efetiva de 95 bibliotecas que realmente tinham interesse em cooperar com o Catálogo Coletivo. Ainda, através do levantamento das informações do questionário, vem sendo possível adotar-se atitudes para sanar as deficiências dos serviços prestados.

## 2 IMPLEMENTAÇÃO DO CCL

Em junho de 1987, teve início o "programa de atualização e dinamização do CCL" com os seguintes objetivos:

- a) recadastrar as bibliotecas cooperantes;
- b) sanar deficiências de infra-estrutura (tais como: número de pessoal, linhas telefônicas, espaço físico, *lay-out* etc.)
- c) editar e publicar o "Guia das Bibliotecas Cooperantes";
- d) proceder divulgação do CCL;
- e) convidar novas Bibliotecas a cooperar com o CCL;
- f) programar visitas orientadas ao CCL.

Para se proceder a implantação foi necessário *a priori* definir os objetivos do Catálogo Coletivo e proceder o diagnóstico da situação das bibliotecas cooperantes, tais como: quantidade, especialidade, tamanho do acervo, serviços prestados, entre outros.



## 2.1 Objetivo do Catálogo Coletivo de Livros

O catálogo Coletivo de Livros objetiva auxiliar os usuários na localização de obras em diferentes acervos, contribuindo, assim, para o aumento da satisfação dos mesmos.

Segundo OBERHOFER (4), "freqüentemente, grande parte dos usuários não consegue obter a informação desejada. Numerosos estudos indicam que 40 a 50% dos leitores são frustrados na tentativa de obter o livro que procuram."

Daí a importância do Catálogo Coletivo informar o usuário onde encontrar o material bibliográfico desejado em outros acervos que não o da sua própria instituição.

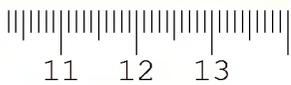
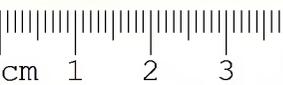
Além desse objetivo principal, o Catálogo Coletivo pode também ser consultado para:

- a) "estimular e facilitar o empréstimo entre bibliotecas;
- b) evitar a aquisição, em duplicata, de obras que se destinam às bibliotecas da mesma instituição e estão localizadas próximas umas das outras;
- c) sugerir às bibliotecas contribuintes a aquisição de obras que ainda não possuem e são, todavia, solicitadas;
- d) servir de fonte de referência para identificação de edições, informações bibliográficas etc.;
- e) incrementar a permuta de publicações e
- f) facilitar a aquisição planejada" (5).

## 2.2 Diagnóstico

Para o diagnóstico das bibliotecas pertencentes às Instituições da USP e fora da USP, foi detectado através da estatística mensal de recebimento de fichas em 1986, que das 121 bibliotecas cadastradas como colaboradoras do CCL, na realidade, apenas 66 colaboravam efetivamente (quadro I), tendo sido recebido nesse ano um volume de 46.635 fichas para serem inseridas no CCL.

Em vista disso, foram enviados formulários para 66 bibliotecas



que cooperavam efetivamente, solicitando atualização do cadastro e demais dados necessários à dinamização do CCL, e para as outras 55 foram enviadas circulares, questionando sobre o interesse em prosseguir participando do Catálogo.

Com relação às bibliotecas da USP houve uma redução no número de bibliotecas cooperantes (de 41 para 37). Isso não quer dizer que algumas bibliotecas deixaram de cooperar, mas é resultado da reestruturação administrativa das bibliotecas compreendidas pelo Sistema Integrado de Bibliotecas, implantado, a partir de 1985, que viabilizou a centralização de 4 bibliotecas.

O CCL conta hoje com a estimativa de 1.202.800 referências de obras, com atendimento de 32,32 solicitações diárias, das quais são positivas 61,72%.

## 2.3 Resultados

### 2.3.1 Recadastramento

Do total de questionários enviados obtve-se 100% de resposta, sendo que 100% da USP permanecem contribuindo com o CCL. Das instituições fora USP 72,5% responderam afirmativamente e 27,5 negativamente.

As bibliotecas que se propuseram a continuar cooperando com o CCL foram agrupadas segundo as categorias a que pertencem e a sua localização física (gráfico 1 e 2).

Como pode-se observar através do resultado de recadastramento, hoje o CCL conta com 95 bibliotecas efetivamente cooperantes.

Com relação as bibliotecas que não desejam continuar a cooperar com o CCL, o motivo principal é a falta de pessoal e a desatualização do acervo.

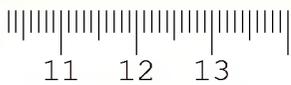
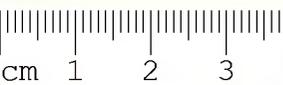




GRÁFICO I  
DISTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS COOPERANTES DO CCL  
QUANTO À SUA LOCALIZAÇÃO FÍSICA

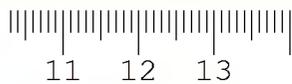
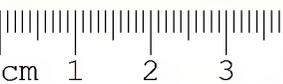
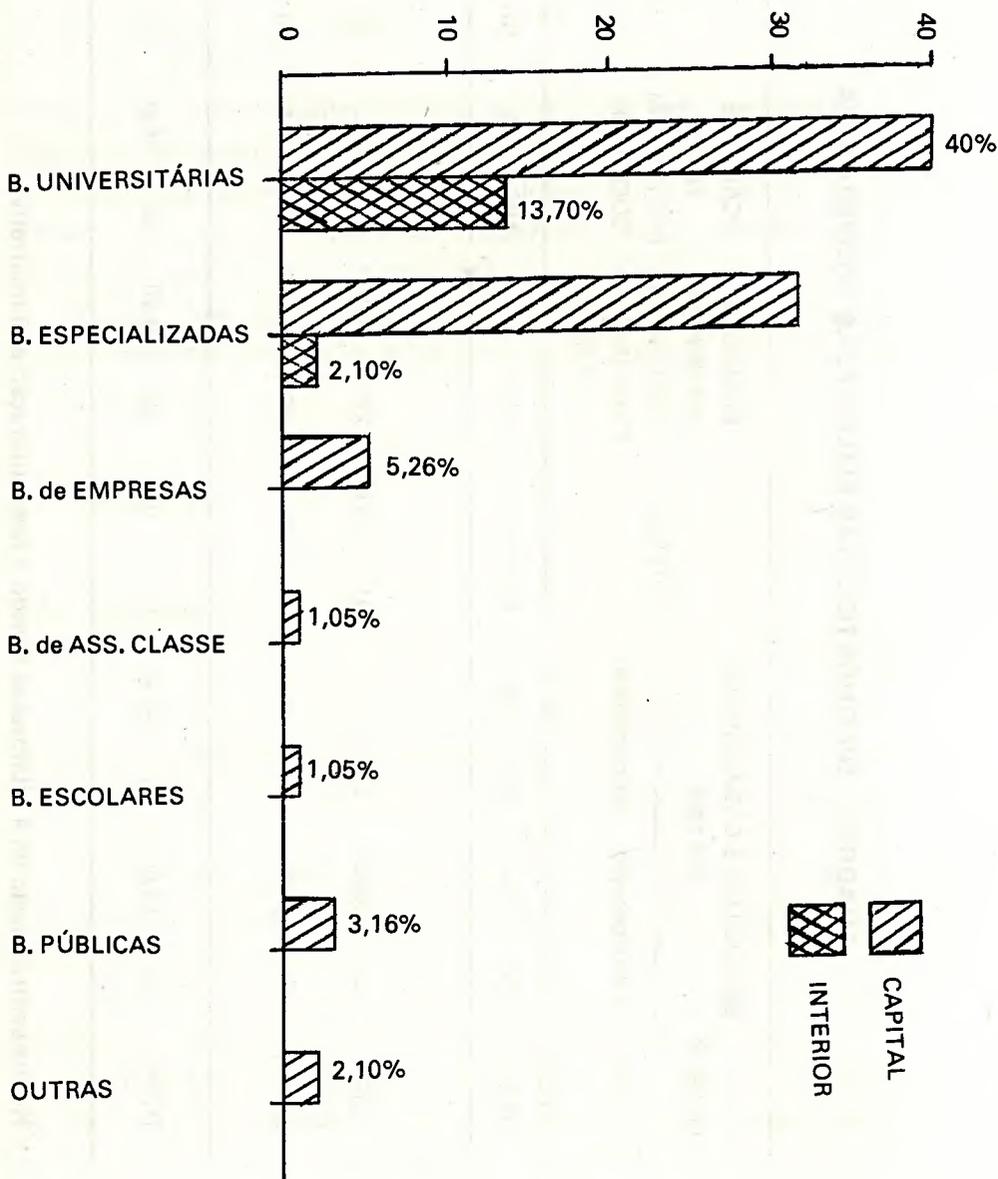
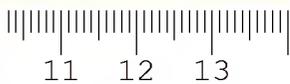
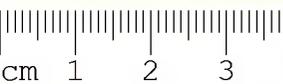
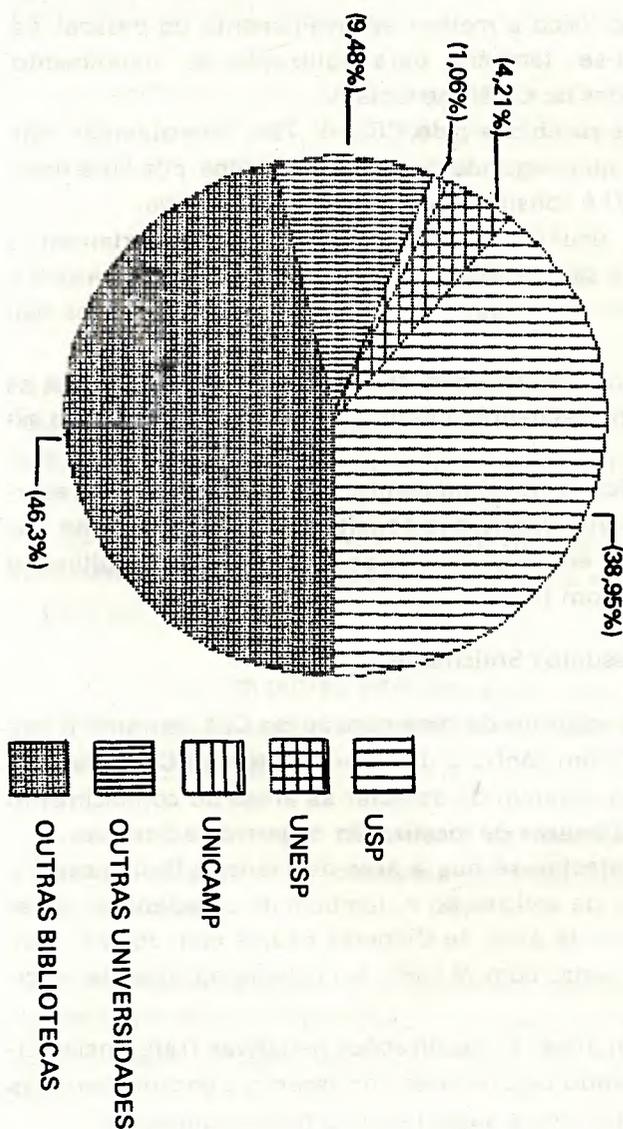


GRÁFICO II

DISTRIBUIÇÃO POR CATEGORIA DAS BIBLIOTECAS COOPERANTES COM O CCL



### 2.3.2 Atendimento

Com o recadastramento do CCL foi possível justificar junto a Reitoria da Universidade melhoria da infra-estrutura do CCL, permitindo a aquisição de maior número de linhas telefônicas (ramais), ampliação do espaço físico e melhor aproveitamento do pessoal disponível. Reformulou-se, também, para agilização do atendimento, o *lay-out* das instalações do Catálogo Coletivo.

Das solicitações recebidas pelo CCL, 61,72% vem obtendo atendimento positivo, o que segundo estudos realizados por Oberhofer (4) e Krzyzanowski (7) é considerado um índice satisfatório.

No tocante ao usuário do Catálogo 73,25% não pertencem a USP. Em sua maioria são usuários de outras instituições de ensino e pesquisa, órgãos governamentais, empresas privadas e pessoas físicas.

Grande parte dos usuários são do Estado de São Paulo, mas se atende solicitações provenientes de outros Estados e também do exterior.

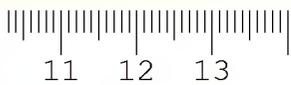
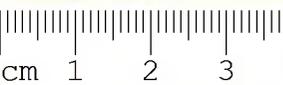
Com relação a forma de atendimento, o telefone ainda é o recurso mais utilizado, com 70,50% das solicitações. O atendimento por correspondência vem em segundo lugar com 17% e por último o atendimento pessoal com 12,40%.

### 2.3.3 Controle de Assuntos Solicitados

Ainda dentro do espírito de dinamização do CCL, durante o ano de 1987, foi realizado um controle de atendimento do CCL por assuntos solicitados, com o objetivo de detectar as áreas do conhecimento solicitadas e quais os índices de localização negativas e positivas.

Após análise, detectou-se que a área de Ciências Biológicas é a que tem maior índice de solicitação e, também de atendimento negativo (40,53%), seguida da área de Ciências Exatas com 36,32% e da área de Ciências Humanas com 28,60%, em relação ao total de solicitações de cada área.

A partir dessa análise, as localizações negativas (referências bibliográficas) estão sendo organizadas por assunto e encaminhadas às bibliotecas cooperantes, como sugestão para novas aquisições.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 O programa de atualização e dinamização do CCL permitiu:

3.1.1 A elaboração da lista efetiva das bibliotecas participantes do CCL num total de 95 bibliotecas.

3.1.2 Levantamento de dados estatísticos que possibilitaram a realização de estudos para verificação do nível de atendimento do CCL, inclusive com identificação das áreas do conhecimento humano mais falhas.

3.1.3 Atualização do cadastro de controle das bibliotecas contribuintes.

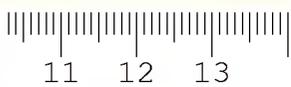
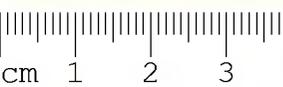
3.1.4 Levantamento de dados informacionais para elaboração do "Guia das Bibliotecas Cooperantes com o CCL", que juntamente com *folders*, farão parte da campanha de divulgação do CCL.

3.2 Com vistas aos objetivos do CCL (item 2.1) pretende-se manter incrementadas as atividades de atualização e dinamização do CCL através de:

3.2.1 Contatos com outras bibliotecas para que participem como colaboradoras do CCL, principalmente com as das áreas cujos assuntos são menos localizados;

3.2.2 Acompanhamentos trimestrais da manutenção do CCL pelas bibliotecas cooperantes, baseados na estatística mensal de recebimento de fichas;

3.2.3 Agilização da busca da informação, usando como recurso a recuperação *on line* (por autor, título, assunto e palavras do título) do acervo das bibliotecas da USP, através do "Banco de Dados Bibliográficos" da USP.



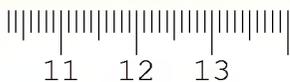
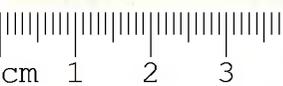
O CCL, apesar de ser em fichas, está sediado na USP desde 1954, e tem cumprido, dentro do possível, seu objetivo primeiro que é o de auxiliar a comunidade em geral na localização do documento.

**ABSTRACT:** Describes the Union Catalog of Books from the State of São Paulo which is settled at the University of São Paulo. Presents its program of dynamization and implementation which began in June 1987. Data obtained from forms filled in by the participating libraries and from the requests received from the users were considered as the basis for planning this program.

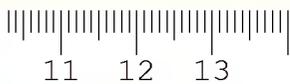
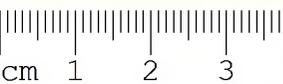
**KEY WORDS:** Union catalog Books. São Paulo, State, Brazil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

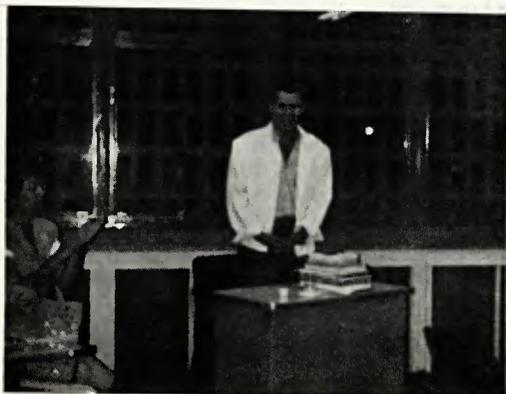
- ( 1 ) SÃO PAULO(Estado). Leis etc. Ato do Governador de 28.10.54. Autorizado pelo Governo do Estado, conforme recomendação do primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia realizado em Recife, que a Biblioteca Central da Universidade de São Paulo seja sede do Catálogo Coletivo Regional de Livros, Periódicos do Estado de São Paulo. *Diário Oficial do Estado*. São Paulo, 31 out. 1954.
- ( 2 ) SÃO PAULO(Estado). Leis, etc. Resolução n. 678, de 20 de nov. de 1956, Recomenda às repartições públicas estaduais que contribuam regularmente para atualização dos Catálogos Coletivos da Biblioteca Central da Universidade de São Paulo e dá outras providências. *Leis e decretos do Estado de São Paulo*, 66:96C, 1956.
- ( 3 ) SÃO PAULO(Estado). Leis etc. Resolução n. 897, de 10 de fev. 1958. Modifica a Resolução n. 678, de 20.11.56. *Leis e Decretos do Estado de São Paulo* 687:966, 1958.
- ( 4 ) OBERHOFER, C. A. Disponibilidade de documentos: um modelo de avaliação da satisfação da demanda em bibliotecas universitárias. *Ci. Inf.*, 10(1):47-58, 1981.



- ( 5) CUNHA, M. L. M. da. *Catálogos coletivos*. São Paulo, Biblioteca Central da USP, 1958. 43p.
- ( 6) UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. Departamento Técnico. *Estudo de estrutura organizacional para as bibliotecas da USP*. Organizado por Maria Luiza Rigo Pasquarelli, Idelma Freitas, Rosaly Favero Krzyzanowski. São Paulo, 1985, 69p. (Cadernos de Estudos, 1)
- ( 7) KRZYZANOWSKI, R. F. & MONTEIRO, A. M. C. C. Avaliação de uso da coleção de livros didáticos existentes na Biblioteca da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, 15(2):270-98, set. 1986.



## ENTREVISTA

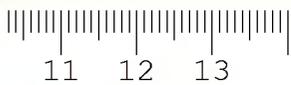
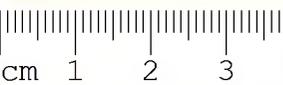


*Nascido no Maranhão, criado no Rio de Janeiro e atuando como professor em Brasília, Antonio Miranda é um elemento atuante em nível nacional. Muito tem contribuído, com sua larga experiência, em vários setores: movimento associativo, consultorias, ensino e pesquisa, de modo que entrevistá-lo é uma forma de conhecê-lo melhor.*

**RBBB** – Biblioteconomia, pelo que se depreende de sua dedicação à área, é uma opção de vida. Estamos certas?

**Antonio** – Em verdade, é a oportunidade que, na maioria das vezes, nos leva a uma opção de vida. Até a idade de 26 anos dediquei-me exclusivamente, à literatura, à poesia, à pintura, ao teatro, ao jornalismo literário. Participei de exposições e movimentos literários no Brasil e Argentina, escrevi artigos para os céleres suplementos literários do *Jornal do Brasil* e de *La Nación*. Apostei em que a Biblioteconomia seria uma extensão dessa vertente cultural. Ainda estou convencido disso mas, na prática, o ensino e a prática profissionais no campo biblioteconômico continuam privilegiando aspectos tecnicistas e administrativos.

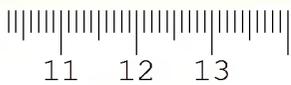
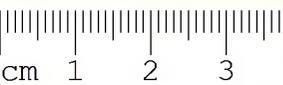
**RBBB** – Para muitos, parece estranho você ter ido buscar a formação inicial de graduação na área, na Venezuela. O porquê disso: a Venezuela, na década de 60, era mais adiantada do que o Brasil?



Antonio – Não deixei o Brasil por causa disso mas para escapar do bitolamento da Ditadura. Com a Revolução de 64, a Biblioteconomia do Brasil, que consolidara a Lei n. 4.084 e o currículo mínimo em anos recentes, refugiou-se no tecnicismo para garantir o amparo oficial. E optou pelo crescimento em áreas privilegiadas como a dos serviços para elites, descuidando do setor de bibliotecas públicas e escolares, situação que ainda não conseguimos reverter. A Venezuela, àquela época um país emergente, oferecia um curso de uma universidade autônoma, com 4 anos de duração, com professores recrutados na Argentina, no México, no Chile, na Colômbia, na Espanha. O clima era de absoluta liberdade. Na universidade central de Venezuela já tínhamos uma Biblioteca central moderna, equipada, para servir de laboratório aos estudantes e o que faltava em experiência nacional era compensado pelas possibilidades de contatos externos e pela abundante literatura. Foi uma experiência decisiva em minha carreira.

RBBB – Nada se conhece a seu respeito como profissional. Qual foi sua atuação na prática bibliotecária?

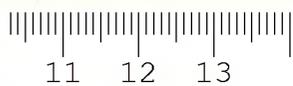
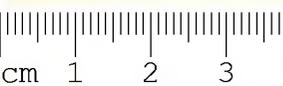
Antonio – Passei quase 8 anos na Venezuela e trabalhei, em regime de estágio, desde o primeiro ano. Primeiro na Biblioteca do Consulado do Brasil (não tínhamos Embaixada porque o Governo Venezuelano rompera relações diplomáticas com o Brasil, com o Golpe de 64), na Biblioteca da Casa Thomas Jefferson, no Instituto Venezuelano de Pesquisas Científicas. Como Profissional fui catalogador/classificador na Biblioteca Pública Paul Harris. Depois fui organizar a Biblioteca Popular Rômulo Gallegos, na Central Sindical. Fui também chefe do Centro Bibliográfico da Biblioteca Nacional, responsável pela edição do Anuário Bibliográfico. Foi uma experiência concreta, prática. Depois trabalhei na Embrapa, na montagem dos serviços da rede.



**RBBB** – A EMBRAPA tem sido uma das molas propulsoras do crescimento da informação no Brasil e, nos parece que você teve alguma influência nisso. Pode-nos explicar sua atuação nesse Sistema de Informação?

**Antonio** – Ingressei no DIP (Depto de Informação e Documentação da Embrapa) no momento de sua implantação, no início de 1974. Havia um plano geral que foi sendo trazido à realidade através de um planejamento contínuo. Contamos com o apoio de vários consultores internacionais, com os quais aprendemos muito. Meu primeiro plano foi no campo da Disseminação Seletiva da Informação (à época não tínhamos um único exemplo prático no Brasil) e tivemos a orientação de um técnico do Commonwealth Agriculture Bureau. Depois desenvolvi um plano de Aquisição, com a orientação de um bibliotecário canadense. Por último, projetei o Serviço de Comunicação Bibliográfica, por conta e risco pessoais. Foi um grande desafio pois os que ali trabalhávamos – entre os quais meu companheiro Milton Nocetti – não tínhamos maiores exemplos no tocante à montagem de um sistema de informação tão complexo. Saí da Embrapa em 1975. A fase áurea veio depois, na gestão de Ubaldino Dantas Machado que abriu mais horizontes à nossa profissão do que muitos bibliotecários encastelados no poder. É certo que Ubaldino tinha dinheiro mas ele era extremamente empreendedor e sabia ouvir a suas assessorias.

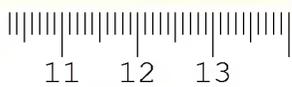
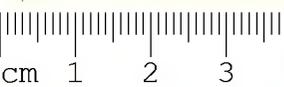
**RBBB** – Há fama de que você tem sido um bibliotecário-empresário, constatada pela eficiente gestão como Presidente da ABDF em duas gestões consecutivas (entre 1978 e 1981). Pode-nos dar a fórmula do sucesso financeiro dessa Associação sob sua direção?



Antonio – Recebi a ABDF com um déficit de caixa mas com um patrimônio consolidado (já tinha sua sede própria) e um potencial extraordinário. A diretoria era idealista, acreditava no nosso plano de trabalho e a conjuntura era mais favorável. Conseguimos colocar a revista em dia, criar um novo boletim, ampliar a linha editorial, reconquistar os associados e conquistar adesões em todo o país. Aí sim entrou uma estratégia de marketing, que deu certo. A Revista de Biblioteconomia de Brasília tinha 63 assinantes . . . O depósito de encalhes era imenso. Fizemos "pacotes" e distribuímos os estoques a mais de 500 bibliotecas, inclusive às escolas de biblioteconomia. Transformamos a anuidade (quase ninguém pagava) em assinatura de nossas publicações periódicas (boletim e revista) e montamos estandes nos econtros profissionais. Foi um sucesso. Partimos depois para a área de cursos e seminários e, por último, para a prestação de serviços a outras entidades, inclusive ao Governo. Devo dizer que jamais tirei proveito da situação. Nem sequer uma passagem aérea, nada. Não pretendo que a ABDF mantenha esta economia de guerra para sempre mas naquele momento era importante. A fórmula foi, portanto, o trabalho de uma equipe e um elenco de boas idéias, adequadas para as circunstâncias.

RBBB – Você foi presidente da FID/CLA ente 1981-1984, o que me diz desse organismo e de sua experiência?

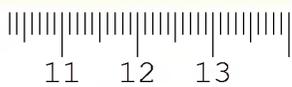
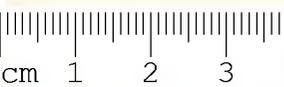
Antonio – Aceitei a Presidência da FID/CLA porque acreditei poder realizar um trabalho regional interessante. Conhecia muitas das lideranças latino-americanas e o IBICT dava um apoio decisivo. Além dos trabalhos rotineiros de divulgação e troca de experiências através de encontros e de publicações, promovemos seminários e cursos específicos sobre a questão do Acesso ao Documento Primário. Foi



este o tema gravitacional de nossa gestão. O IBICT promoveu um curso regional em Brasília, e mais dois outros cursos foram oferecidos na Colômbia (ministrado por Leila Marcadante) e na Venezuela (por mim). Como resultado dessa ação tivemos a criação de serviços de comutação na Colômbia, no Chile e planos para a Venezuela. O saldo parece ter sido positivo na medida em que plantou as sementes de uma integração regional através de serviços, o que acabará por impor-se.

**RBBB** – Dentro do acúmulo de suas experiências acadêmicas, como docente, tanto a nível de graduação como de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, quais os pontos que identifica como os mais representativos?

**Antonio** – Em primeiro lugar, a renovação e titulação do corpo docente. Não há como transformar currículos e adequar o ensino às realidades regional, nacional e internacional sem o concurso de bons e melhores professores. Quando trabalhamos na Assessoria de Planejamento Bibliotecário da CAPES/MEC demos absoluta prioridade à capacitação docente, seja mandando bolsistas ao Exterior, seja patrocinando novos cursos de mestrado na área (ajudamos a criar vários deles na década de 70), cursos de especialização e outras atividades relacionadas com a questão do currículo, ao melhoramento das escolas, etc. No sistema de ensino brasileiro, com a liberdade de cátedra, o professor é o ponto central e é nele que devemos investir prioritariamente. Outra questão fundamental é a da interdisciplinariedade. Não podemos ficar isolados do contexto universitário, precisamos do concurso criativo de outros profissionais (não apenas os das áreas tecnológicas mas também, e sobretudo, das áreas humanísticas e culturais). Muitos professores e alunos ainda não reconheceram que

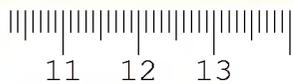
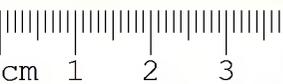


a redemocratização tem que ser consolidada por uma nova postura e por um novo aprendizado permanente, uma renúncia ao pior dos autoritarismos que é a auto-suficiência acadêmica e profissional.

Acredito também na pesquisa. Uma escola em que os professores não fazem pesquisa (a nível de equipe, se possível, não pode gerar ou adaptar os conhecimentos necessários para abalizar um bom programa de ensino, esteriliza-se no repasse de idéias alheias, livrescas, ou em preconceitos arraigados pela ignorância.

**RBBB** – A propósito da questão anterior, no Encontro da ABEBD dos professores e alunos de graduação e de pós-graduação, em junho de 89 em Brasília, discutiu-se muito sobre a busca do perfil do Aluno de Graduação, no presente. Que pensa disso?

**Antonio** – Não consigo ver a graduação isolada de um contexto maior. A profissão, através de seus órgãos representativos, deveria fazer uma análise mais ampla da questão da formação de recursos humanos, a exemplo de outros países. Quais as atividades que eles deverão desenvolver, em que tipo de instituições, quantos serão necessários e em que níveis eles deverão ser formados? Será que vale a pena continuar pensando na formação de um "super-bibliotecário" a nível de graduação, engordando o currículo a cada período, na tentativa vã de equipá-lo para voos cada vez mais amplos e diversificados, como desejam algumas lideranças conservadoras? O Brasil exige desde o auxiliar até o pós-doutor, passando pelos técnicos, pelos graduados, pelos especialistas, pelos mestres e doutores. O perfil do graduado deve conter a fatia que caberia a esse segmento cumprir na estrutura social. O CFB deveria retomar essa discussão, o quanto antes, através de pesqui-

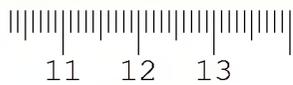
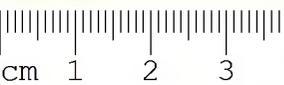


sas e debates mais científicos, para aportarmos a terreno mais frutífero. Em vez de preocupar-se apenas com questões corporativistas deveria, a exemplo de agremiações profissionais com a ALA, a ASLIB e a LA, sedimentar o desenvolvimento da profissão, de forma participativa e construtiva, extensiva a outros segmentos profissionais afins.

**RBBD** – A propósito de corporativismo, queremos aproveitar a sua "veia crítica", para conhecer seu posicionamento sobre o tema

**Antonio** – Quando da elaboração da Carta Magna tivemos a esperança de uma abertura maior para a questão profissional no Brasil, não apenas no campo da Biblioteconomia. Infelizmente, voltamos ao modelo neo-fascista, da inspiração no Estado Novo. Queríamos os Conselhos Federais livres da tutela do Estado. Ao contrário, eles continuam atrelados ao Ministério do Trabalho, gozando da prerrogativa da contribuição obrigatória, desenvolvendo atividades mais cartoriais do que sindicais ou profissionais. Alguns presidentes de conselhos são verdadeiros interventores. As pessoas acham que ganham com leis corporativistas mas, na prática, todo mundo perde e mais perde a sociedade que é obrigada a pagar por serviços estanques, quando não os ignora completamente. Sei que existem muitos prós e contras e que, à primeira vista, parece que o corporativismo favorece a consolidação de profissões menos estruturadas. Na prática, pode ser um retrocesso.

O corporativismo obriga ao ensino profissionalizante a nível de terceiro grau, na medida em que a lei só permite a formação de médicos, dentistas, e bibliotecários, etc., a nível de graduação enquanto a realidade está a exigir técnicos e pós-graduados também, (que a lei não reconhece

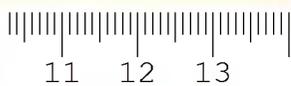
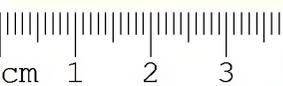


como profissionais). Além de constituir um desserviço à sociedade em (pseudo) benefício corporativo, impede o surgimento de novas profissões, impostas estas pela dinâmica do crescimento. A longo prazo, com corporativismo ou sem ele, o que vai prevalecer mesmo é o pragmatismo da sociedade. Profissões desaparecem, outras evoluem e outras surgem, independentemente das leis que pretendem cristalizá-las.

**RBBD** – Nas suas andanças pelo Brasil, quer participando de encontros de classe quer como consultor, quais têm sido suas observações a respeito do amadurecimento da área?

**Antonio** – Acho que estamos amadurecendo muito em termos gerais. A profissão tem novos líderes, a literatura cresceu muito em quantidade embora nem sempre em qualidade, a crise econômica vem impondo desafios e soluções mais criativas e próprias a nível nacional. Temos uns poucos bons administradores e a própria crise parece ter impelido estas lideranças para um diálogo com as autoridades responsáveis pelo processo decisório, em busca de saídas para os problemas. A negociação tem sido a tônica da administração bibliotecária, na busca de apoio político e econômico, fora do recinto das bibliotecas. É bom lembrar que a maioria de nossas bibliotecas são de criação recente, com administradores jovens e que ainda não tiveram condições adequadas de institucionalização mas, não obstante tais dificuldades, muitas lideranças estão encontrando soluções não apenas de sobrevivência mas até mesmo de crescimento relativo.

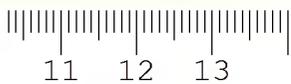
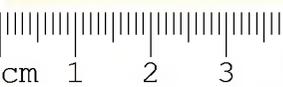
**RBBD** – E das viagens feitas no Exterior, o que pode ter levado ao seu próprio amadurecimento acadêmico-profissional?



**Antonio** – As viagens oxigenam a nossa postura crítica, alargando os nossos horizontes ideológicos. O mais terrível é o parochialismo no sentido estrito. Dizem que Kant nunca viajou mais que 10 km fora das fronteiras de sua cidade natal mas tinha uma perspectiva universal dos problemas filosóficos. Viajem não é, portanto, necessário para permitir o distanciamento crítico de nossa própria realidade mas favorece, na medida em que permite a confrontação e a comparação de experiências, sobretudo para quem não viaja com seus próprios preconceitos. Estou regressando de uma longa viagem aos Estados Unidos da América onde visitei instituições ligadas à questão do acesso ao documento primário. Comprovei que não estamos tão mal no campo, a despeito da extraordinária supremacia tecnológica deles. As soluções deles não são necessariamente boas nem ruins, mas apenas subsídios para a busca de nossas próprias soluções. Há também que considerar que os sistemas de informação colocam questões internacionais básicas que não podem ser ignoradas, sem perder a busca de soluções adequadas ao nosso desenvolvimento tecnológico. A crise e a barreira linguística vêm impedindo uma participação mais ampla de nossa profissão no cenário internacional mas estou convencido que viajar ainda é uma das mais adequadas formas de educação contínua, sobretudo para quem tem uma fundamentação teórica e uma experiência prática que conformem o entendimento e a avaliação de situações novas.

**RBBB** – A sua contribuição para a literatura especializada tem sido expressiva e versátil. Como explica as suas linhas de interesse e de divulgação?

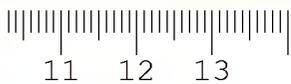
**Antonio** – Sempre estive ligado à área de planejamento bibliotecário, a nível macro, decorrente de minha experiência pro-



fissional. Sempre fui um agitador de idéias, um experimentador. Gosto de lançar idéias, passá-las adiante através de sua incorporação em planos e projetos, cabendo a outros a sua operacionalização e aprofundamento. As idéias que difundo não são necessariamente minhas. Tomo-as emprestadas muitas vezes da literatura ou mesmo das pessoas que buscam a minha consultoria. Creio que o meu relativo sucesso como consultor baseou-se na capacidade de interpretar o que as pessoas queriam, de ouvi-las e de dar forma a idéias que elas perseguiram mas nem sempre estavam em condição de projetá-las (ou de vendê-las a seus chefes superiores, funcionando o consultor como intermediário). Comutação bibliográfica, Desenvolvimento de Coleções, Biblioteconomia Comparada e agora Empréstimo – entre – Bibliotecas fazem parte de uma única estratégia de planejamento de serviços.

**RBBD** – Como editora de uma revista, também preocupada com o papel do “filtro de qualidade” do período especializado, gostaria de ter sua opinião sobre o assunto.

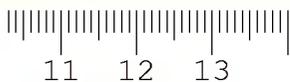
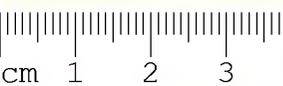
**Antonio** – Participei de reuniões do grupo de editoração de revistas de biblioteconomia da IFLA (em Montreal e em Chicago). Discuti-se muito a questão do nível científico dos trabalhos a serem divulgados em nossas revistas e nunca chegamos a uma conclusão definitiva quanto à disputa de espaço entre trabalhos baseados em pesquisas e trabalhos oriundos da experiência profissional (estudos de casos, depoimentos, entrevistas, etc.) Cada revista deve descobrir sua vocação de acordo com o seu público-alvo. No caso do Brasil, orientei dissertação de mestrado sobre o perfil de nossas revistas e chegou-se à conclusão que elas vão mudando com o tempo, ao sabor dos modismos e das influências de seus diretores, mas tentando serem o mais



abrangentes possível. Ainda não temos revistas verdadeiramente especializadas (em catalogação, em bibliotecas públicas ou biblioteconomia comparada, para citar alguns exemplos). No entanto, seja qual for a vocação da revista, as contribuições literárias, de qualquer nível ou tipo, deveriam ser antes revisadas por especialistas nas respectivas áreas, para garantir uma qualidade essencial. Temos gente disponível para este trabalho e, pelo que eu sei, ele é quase sempre feito. Os autores nem sempre vêm com muita simpatia as sugestões que são encaminhadas pedindo sua revisão e rerepresentação. Eu já tive trabalho rejeitado por uma revista e compreendi os motivos da rejeição, sem constrangimento. Deve ser assim. Uma revista é um produto como outro qualquer no mercado e tem que passar por algum controle de qualidade, em defesa do consumidor. Doa a quem doer. Se houver injustiça, pior para o Editor que verá o trabalho aceito mais adiante. Tanto os autores como o público acabam identificando a linha editorial da revista, seja ela consciente ou espontânea.

**RBBD** – Saindo, agora da nossa área, gostaríamos de conhecer seus *hobbies* e suas fugas biblioteconômicas. Sabemos que tem uma veia literária e um aficionismo pela Cartofilia. Diga-nos algo sobre suas fugas.

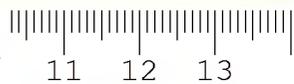
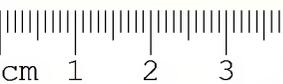
**Antonio** – Não encaro a literatura e a cartofilia como atividades marginais. Já publiquei livros de poesia, de ensaios, crônicas, teatro e sobre cartofilia, dentro de uma mesma linha de ação investigativa. Um de meus livros “Tu País Está Feliz?” – já teve 7 edições em língua espanhola e a peça musical homônima já ganhou vários prêmios internacionais sem jamais terem sido lançados no Brasil, por razões alheias à minha vontade. Mas continuo produzindo



e já tenho dois novos livros à espera de tempo para os retoques finais antes de irem para a gráfica (um sobre Acesso ao documento primário, a partir de minha tese de doutorado, e um de poesias). Quanto à cartofilia, vejo-a periférica à própria biblioteconomia, como material de informação que só agora começa a ter o reconhecimento de nossos bibliotecários. Museus, bibliotecas e centros de documentação de todo o mundo estão organizando acervos de postais que resgatam a memória social de suas comunidades. O cartão postal, a despeito de opiniões desavisadas, é uma fonte de pesquisa histórica, arquitetônica, antropológica e cultural exponencial seja ele fotográfico ou ilustrado. Muitas das imagens que os cartões do início do século mostram de nossas cidades, arrasadas pelo progresso indiscriminado, são únicas, pois as revistas da época eram parcas em ilustrações. Só o imediatismo de nossas bibliotecas não compreende o valor dos cartões no seu acervo de materiais especiais ou de obras raras, situação que já desfruta nas grandes bibliotecas dos países mais avançados.

**RBBB** – Tivemos conhecimento que um dos pontos mais altos do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, realizado recentemente no Pará, foi um Seminário sobre Arquitetura de Bibliotecas Universitárias, por você coordenado. Quais os pontos essenciais dessa linha de atuação?

**Antonio** – Foi o segundo simpósio sobre o assunto. O primeiro eu o organizei com o arquiteto Cláudio Mafra, no 2º SNBU (que eu tive a honra de presidir). Queríamos avaliar a experiência brasileira no campo do projetamento e construção de prédios de bibliotecas universitárias e orientar, através de recomendações, os projetos futuros. Apesar da crise, construímos muitos prédios nos últimos anos. Tive

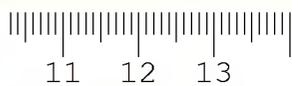
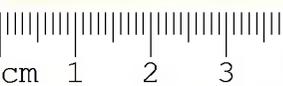


a sorte de participar da maioria dos projetos, na condição de consultor, e creio ter acumulado uma experiência interessante. Discuti justamente a questão do relacionamento e contribuição do consultor-bibliotecário junto aos arquitetos, aos bibliotecários locais, às autoridades e às fontes financiadoras dos projetos, matéria de extrema complexidade. Meu relacionamento com os arquitetos sempre foi muito enriquecedor na medida em que, além de técnicos, são também artistas. O simpósio pretendeu também despertar o interesse para este campo de atuação ainda restrito a pouquíssimos profissionais da biblioteconomia.

**RBBD** – E, finalmente, gostaríamos de conhecer, após o doutorado feito na USP, quais têm sido seus principais interesses e realizações biblioteconômicas?

**Antonio** – Estou dando continuidade ao trabalho do doutoramento na medida em que realizo pesquisas tendentes ao aprimoramento do COMUT e para a implantação de um serviço nacional de empréstimo-entre-bibliotecas universitárias, no âmbito do PNB. Estou convencido de que a afirmação de nossa biblioteconomia está na montagem de serviços locais e cooperativos aos usuários, visando a maximização no uso dos acervos acumulados. Nada é mais importante do que isso. Toda a teoria e a tecnologia têm que estar a serviço do usuário e o reconhecimento de nossa profissão não virá pela força de uma lei profissional mas através de sua utilidade social, mediante serviços mais abrangentes do que os atuais.

(Entrevista concedida à Neusa Dias de Macedo, em agosto de 1989)



## ANÁLISE DOCUMENTÁRIA: DO TEXTO À REPRESENTAÇÃO\*

Isabel M. R. Ferin Cunha\*\*

**RESUMO:** A Documentação enquanto atividade de seleção, tratamento e disseminação da informação, em uma "corrente de elos indissociáveis" (fluxo da informação). A etapa de tratamento da informação envolvendo dois procedimentos interdependentes: análise documental, abordada sob o aspecto metodológico, com especial enfoque às formas de linguagens documentárias, e à recuperação da informação, abordada em seu conceito e nos problemas intervenientes no processo tais como "ruídos" e "silêncios". Análise dos fatores especificidade e expressividade como características das linguagens documentárias, mostrando sua direta influência no processo de recuperação temática da informação, através de exemplos na área de Direito do Trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise documental; Indexação; Linguagens de indexação; Recuperação da Informação; Representação temática da informação.

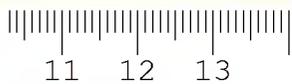
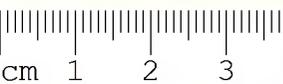
Para melhor compreensão do que entendemos por AD, organizamos o nosso texto nos seguintes itens: Definição de Análise Documentária; o Texto; Leitura; Análises de texto; Levantamento de vocabulário e sua organização; Representação.

### 1 O QUE É ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

A AD é definida como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação (CUNHA, I. Análise Do-

\* Palestra apresentada numa reunião de lançamento dos dois fascículos do volume 21 da *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, em 20 de maio de 1989, na Biblioteca Municipal "Mário de Andrade".

\*\* Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP.



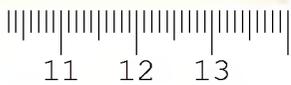
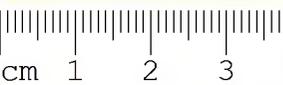
cumentária In: *Análise Documentária: a análise da síntese*, Brasília, IBICT, 1987). Tradicionalmente, estas atividades são realizadas com base no bom-senso e em algumas regras estipuladas por manuais de indexação e de resumo. Essas regras detêm-se tanto na forma de apresentação como no conteúdo, contemplando todos os tipos de documentos, incluindo os científicos.

## 2 O TEXTO

A AD tem como objeto específico o texto científico no sentido de descobrir o processo de produção e transferência do saber, a passagem de um estado do *não saber* para o *saber* (MACEDO, Neusa Dias de & TÁLAMO, Fátima M. Resumos: subsídios para a sua elaboração *R. Bras. Bibliot. Doc.* 11(1/2):65-72, jan. jun. 1978). Nesse sentido, a AD, não é apenas um processo pelo qual se sintetiza o conteúdo de um documento após a leitura e a análise, através de palavras-chaves, descritores, termos ou parafrases, mas um processo mais completo que envolve o próprio processo de leitura, análise de texto, mecanismos mentais e psicológicos de atribuição de um conceito ou conceitos que possam simbolizar o conjunto do texto.

## 3 LEITURA

Dada estas questões teremos de considerar que a leitura, sendo um processo interativo leitor-texto, inclui três fatores básicos – qualidade do texto (manutenção do tema, correção gramatical, adequação lexical e estruturação do texto), conhecimento prévio do leitor (informação do profissional e “esquemas” de conhecimento armazenados na memória) e tipo de estratégias que o texto exige (as cognitivas que compreendem comportamentos automáticos e inconscientes e as metacognitivas que supõem comportamentos desautomatizados, na medida em que o leitor tem consciência de como está lendo) (CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em Documentação In: *Análise Documentária: a análise da síntese*. Brasília, IBICT, 1987).



## 4 ANÁLISES DE TEXTO

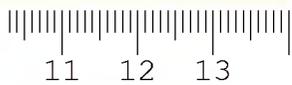
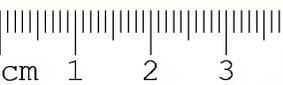
Simultâneo ao processo de leitura é o de análise o qual se encontra amplamente trabalhado em áreas como Lingüística, Semiótica, Teoria do Comportamento, Psicologia, Inteligência Artificial etc.

Na busca por um corpo teórico e operacional que lhe dê sustentação, a Análise Documentária tem-se socorrido de conceitos e propostas advindas de várias ciências o que lhe exige tanto um esforço de compatibilização interdisciplinar como consciência dos riscos ocorridos ao se truncarem teorias.

Nesta perspectiva, temos tido como matriz teórica os trabalhos de J.C. Gardin, nomeadamente no que se refere às suas propostas de análise do discurso científico em Ciências Humanas e o pressuposto de que este tipo de discurso deve comportar uma construção epistemológica prática, envolvendo elementos lógico-lingüísticos. Segundo o mesmo autor, este processo de análise levaria a identificação de segmentos portadores de características que individualizam e singularizam o texto, resultando numa metalinguagem possível tanto de simular como de reproduzir o texto original (GARDIN, J.C. *Les analyses de discours*. Neuchâtel, Delachax et Niestlé, 1974).

Esta matriz teórica inicial ao ser testada demonstrou alguns problemas básicos como o que determina um discurso científico e quais as suas condições de produção. Como se identifica as construções epistemológicas através dos elementos lógico-lingüísticos e como se passa dos segmentos portadores de elementos que caracterizam, individualizam e singularizam o texto a uma metalinguagem (GARDIN, J.C. et alii. *La Logique du Plausible* – essais d'epistemologie pratique. paris, Ed. Maison des Sciences de l'Homme, 1981).

Na busca de soluções teóricas para essas questões e dentro do espírito pragmático anteriormente enunciado, trabalhamos com alguns conceitos básicos e categorias Greimasianas, tentando basicamente resolver dois problemas: a explicitação das formas discursivas e a sua tipologia (GREIMAS, A.J. *Semiótica do discurso científico: das modalidades*. São Paulo. DIFEL, 1976). Este autor traz-nos como vantagem trabalhar com o texto não já ao nível da frase mas do discurso,

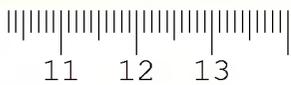
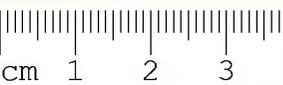


percurso que envolve por sua vez três níveis (fundamental, narrativo e discursivo) com gramáticas próprias. Nestas gramáticas, principalmente na narrativa, dada a sintaxe regulamentadora do fazer e sua semântica atribuidora do estatuto de valor aos objetos do fazer (BARROS, D.L.P.; de *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual, 1988) ter-se-ia como hipótese a existência de indicadores lógico-semânticos capazes de levar à identificação dos segmentos que singularizam o texto.

Mas as propostas Greimasianas apesar de contribuírem para a identificação do que "faz-ser" um discurso científico e como "são" identificadas as construções epistemológicas através de elementos lógico-lingüísticos também nos trouxeram problemas na medida em que se referem a "textos ideais" ou seja a textos previamente selecionados, sendo que a AD tem como tarefa a análise de qualquer tipo de texto científico.

No prosseguimento de cercar o texto, analisando-o, tornou-se-nos óbvia a necessidade de levantar tanto as condições de produção dos discursos científicos como da produção de um novo discurso pelo leitor/analista da documentação (questão intrinsecamente ligada com os mecanismos de leitura anteriormente referidos).

Estas exigência de análise levaram-nos a buscar subsídios em autores como Bronckart, Charaudeau e Eco entre outros. Nos dois primeiros, buscaram-se subsídios para a identificação de tipologias de discurso (mesmo que formais) e gramáticas de articulação do texto. Em Eco, a inter-relação ATUOR/MODELO/LEITOR MODELO apresentou-nos alguns conceitos importantes para compreender e explicar o processo de passagem do texto/documento à sua representação, quer em forma de resumo quer de palavra-chave. São eles os conceitos de "enciclopédia", "frame", "topic" e "isotopias". " 'Enciclopédia' é uma representação potencialmente infinita de todos os interpretantes" e "uma boa representação enciclopédica, potencialmente infinita já é um texto *in nuce*, um texto incoativo, um texto pronto para expandir-se" (ECO, U. *Conceito de texto*. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1984). Ao mesmo tempo, insere-se na enciclopédia "encenações" ou como outros autores chamam "frames" ou "quadros"

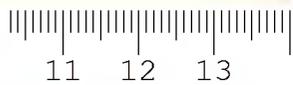
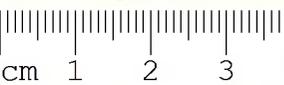


que são ampliações enciclopédicas de uma representação semântica na forma de casos.

Estes dois conceitos trazem à Análise Documentária tanto a possibilidade de justificar a necessidade de conhecimento da área como permitem montar "esquemas" de leitura embasados em elementos que atribuem coerência a um texto e dependem de uma hipótese pragmática do leitor (topic), assim como de elementos que constituem propriedades semânticas do texto de acordo com as possibilidades fornecidas pela enciclopédia (isotopias). Os conceitos "topic" e "isotopias" articulados ao de enciclopédia e ao de "frames" permitem pensar na passagem da análise de texto para a sua representação, na medida em que se visualiza a possibilidade de construção de redes lógico-semânticas.

A necessidade de aprofundar os mecanismos de representação e síntese de conteúdos direcionou as nossas pesquisas para a Psicolinguística, Lógica e mais especificamente para a Linguística Textual, considerando esta como "o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras de produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais" (MARCUSCHI, L.A. Linguística de texto. O que é como se faz. Recife. *Série Debates*, 1:12-3, 1983). Ao entrar nestas ciências, pretendeu-se esclarecer quais são os procedimentos mentais que levam à retenção de determinados elementos de um texto e ao apagamento de outros; como se condensa o conteúdo de um texto/documento em conceitos ou paráfrases e finalmente como são gerados os novos textos através da memória e do processo de compreensão. Esses procedimentos envolvem estruturas de conhecimento, isto é relações lógico-psicológicas (indução, dedução, procedimentos de análise e síntese) e "modelos" cognitivos globais ("frames", planos, macroproposições) os quais permitiriam a compreensão do texto e a identificação do seu "conteúdo" através de macroregras.

São quatro as macroregras identificadas por VAN DIJK (VAN DIJK citado por BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: about ness analysis intertextuality and the cognitive act of classifying documents. *Journal of documentation*, 42(2):84-113):

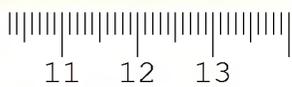
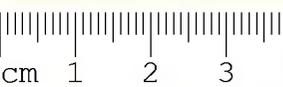


regra de apagamento – o leitor esquece partes do texto sem prejuízo do conjunto; regra de cópia – o leitor realça partes do texto sem resumir ou sumarizar; regra de generalização – o leitor superordena classes de forma a reduzir os detalhes e facilitar a memorização; regra de construção – o leitor com base em microproposições do texto constrói uma outra situação.

Na realidade estas regras e o conjunto dos trabalhos desenvolvidos por este autor (VAN DIJK, T. Gramáticas textuais e Estruturas Narrativas. In: *Semiótica Narrativa e Textual*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977) apontam para uma gramática de texto, a qual contribuiria para a explicitação do nosso problema: como organizar em redes lógico-semânticas a representação do texto e qual a possibilidade de um modelo de representação em Análise Documentária.

## 5 LEVANTAMENTO DE VOCABULÁRIO E SUA ORGANIZAÇÃO

Paralelamente a estas incursões, trabalhou-se com vocabulário, no intuito de cercar o mesmo problema por caminhos diferentes. Assim, partindo da proposta apresentada no artigo Estruturação de vocabulário (CUNHA, I.M.R.F. Estruturação de vocabulário. In: *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília, IBICT, 1988) que tinha, como base, os casos conceptuais de Pottier e Fillmore e o pressuposto de que "não interessaria a determinação dos casos numa língua, mas sim a possibilidade de organizar os termos 'significativos', o vocabulário base levantado em categorias formais que possibilitem a sua estruturação sem referência a uma língua particular" (CUNHA, I.M.R.F. op. cit., p. 66) passou-se a experimentá-los não já ao nível de estruturação de vocabulário mas sim de organização do texto. Estas experiências resultaram por um lado na necessidade de desenvolver estudos de terminologia teórica e prática, como já tinha aconselhado Ulf Baranow em 1983 (BARANOW, U.G. Perspectivas na contribuição da Lingüística e de áreas afins da informação. *C. Inf.*, Brasília, 12(1):23-35, 1983), considerando que neste se inclui o vocabulário especializado, e por outro, reafirmar a necessidade de determinar os procedimentos mentais e lingüísticos que levam à compreensão de um texto.



## 6 REPRESENTAÇÃO

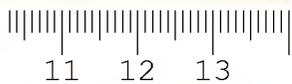
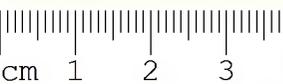
Os dois caminhos percorridos, o da análise de texto e o da construção de vocabulários, conduziram-nos ao mesmo problema. Como se representa o texto/documento?

Independentemente dos manuais e dos seus princípios gerais que aconselham o indexador a se comportar perante o documento (ter em consideração os aspectos mais importantes, dados significativos e relevantes - quais são? quais os critérios de significância e relevância?) e a filosofia a adaptar (concordância, coerência, especificidade, imparcialidade, multiplicidade, fidelidade, bom-senso etc.) fica-nos a dúvida de como se representa e o que se representa.

Em busca de subsídios e de respostas a estas interrogações, temos vindo a nos aproximar da I.A. tanto em função dos seus instrumentais teóricos como de ferramentas capazes de discriminar e simular etapas que vão da análise de texto à sua representação. Mas talvez este caminho seja apenas, hoje em dia o da pesquisa e ao usuário/documentalista satisfaz os sofisticados "pacotes" de recuperação de informação oferecidos pela informática os quais manipulam tanto dados estatísticos como redes lógico-semânticas no tratamento da documentação.

**ABSTRACT:** Documentation as an information selection, treatment and dissemination activity, in an "inseparable links'string" (information flow). The step of information involving two interdependent procedures: document analysis, in its methodological aspect, with special emphasis to the documentary languages' forms and information retrieval, in its concept and problems occurring in the process, like "noises" and "silences". Analysis of the factors specificity and expressivity as characteristics of documentary languages, showing their direct influence in the subject information retrieval process, through some examples in the Labor Law area.

**KEY WORDS:** Document analysis; Indexing; Indexing languages; Information retrieval; Subject analysis.



## EXPERIÊNCIA VIVIDA COM A MINISTRAÇÃO DA DISCIPLINA “REFERÊNCIA” (1968-1988) \*

Neusa Dias de Macedo \*\*

### 1 À GUIA DE EXPLICAÇÕES

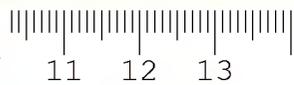
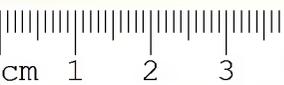
Para que se evidencie que a disciplina Referência – neste estudo de caso – pode alcançar alguma maturidade, por força da gradual fundamentação de ensino aliado à pesquisa e da persistência de sua ministradora em constante linha de interesse, é preciso traçar o lastro acadêmico de sua vida docente.

Embora o depoimento seja apresentado para um evento de avaliação de ensino de graduação, uma série de intervenções de ensino de pós-graduação ocorrerem nestes vinte anos, influenciando na evolução da disciplina “Referência” que, inevitavelmente, leva-nos a relatá-las.

Temos a contar, pois, que terminado o curso de graduação e licenciatura em Letras, fomos convidadas por Abner Vicentini – Diretor da Biblioteca Central da UnB - a realizar o mestrado nos Estados Unidos para, ao voltar, dirigirmos o Departamento de Auxílio aos Leitores, na Biblioteca Central da UnB e lecionar disciplinas de Bibliografia Especializada em Ciências Sociais na então Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica dessa universidade. Foi um

\* Tema apresentado ao 2º Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação, promovido pela ABEED, em Brasília, de 19 a 20 de junho de 1989.

\*\* Docente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP da área de Bibliografia e Serviço de Referência e Informação.



convênio realizado entre a UnB e a Ford Foundation em 1966.

A nossa formação, no Mestrado, foi dirigida a estudos sobre Biblioteca Universitária e Bibliografia Especializada em Humanidades e Ciências Sociais e, para a dissertação de Mestrado, foi escolhido tema na área da Bibliografia porque, no Instituto de Estudos Portugueses da USP, onde estávamos sediada como bibliotecária, já havíamos colaborado em duas de suas publicações: o Ideário Crítico de Fidelino de Figueiredo e a Bibliografia Crítica da Literatura Portuguesa. Desta feita, trabalhamos com a Bibliografia de Oliveira Lima, por força da existência de notável documentação desse intelectual brasileiro na Biblioteca da Universidade Católica, localizada em Washington DC..

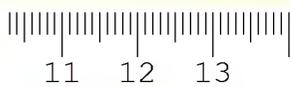
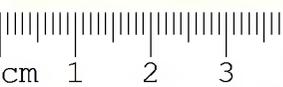
Tivemos condições excepcionais na Unb porque, além de criar o conteúdo programático da disciplina Bibliografia Especializada em Ciências Sociais, o fizemos também para a Referência e, pudemos, com a maior facilidade, cumprir atividades práticas e estágios no Setor de Referência de Biblioteca Central, do qual éramos o Diretor de Departamento.

Terminado o comissionamento na UnB em 1969, voltamos para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, indo lecionar também no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA, para o qual fomos contratada para lecionar Bibliografia Geral e Bibliografia Especializada aos alunos do curso de Biblioteconomia e Documentação, e assim pudemos criar a disciplina Biblioteconomia – Bibliografia – Documentação (hoje Orientação Bibliográfica), oferecida a todos os departamentos da ECA (1969-1972).

O acúmulo de observações de todo tipo na ministração dos cursos de Orientação Bibliográfica para alunos de diferentes áreas, incentivou-nos a pesquisar o problema da "falta de instrumentalização à pesquisa de alunos de ensino superior" e foi o tópico de nossa tese de doutorado (1975-80).

Tivemos, na ECA, várias experiências didáticas, entre elas, Documentação Jornalística, Laboratório em Biblioteconomia, Estágio, mas a partir de 1973 ficou sob nossa responsabilidade a disciplina "Referência", para a qual fomos efetivada, por concurso.

A disciplina "Referência" no decorrer dos anos sofreu uma série



de modificações. Atividades discentes, nos mais diversos enfoques, foram desenvolvidas, até que foi objeto de uma disciplina específica em nível de pós-graduação.

Defendemos tese de doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1980, porque não existia ainda, na ECA, programas de pós-graduação de doutorado. Imediatamente, propusemos a disciplina para o curso de pós-graduação da ECA, em 1981. Era preciso não só criar linhas de estudo e pesquisa, especificamente para Biblioteconomia, como atender demanda de interessados brasileiros na pós-graduação stricto sensu, na USP.

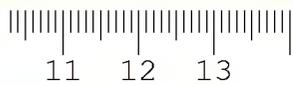
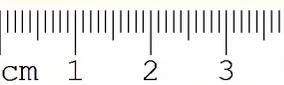
A primeira disciplina a ser oferecida teve de ser baseada na problemática vivenciada com a nossa tese, recentemente defendida, e que teve o mesmo nome "Biblioteca Universitária, o estudante e o trabalho de pesquisa" (1981).

O amadurecimento obtido com o programa da disciplina Referência, na época, em nível de graduação, inspirou a formulação do conteúdo dessa disciplina em nível de pós-graduação. Deveriam ser enfocados os temas, agora, com ótica crítica e estimuladora para que alguns temas fossem objeto de pesquisa pelos participantes do curso.

Essa disciplina evoluiu depois para outra intitulada "Biblioteca Universitária e os Serviços aos Usuários" (1982, 83-).

Para conhecimento, revelamos o conteúdo desta disciplina a nível de mestrado:

- a) Biblioteca Universitária e o trabalho de Pesquisa (1981); com temas: Serviço de Referência em Bibliotecas Universitárias; Estudo de Usuário e Orientação Bibliográfica.
- b) A Biblioteca Universitária e os Serviços aos Usuários (1982 a 84), destacando-se alguns temas do programa e dos seminários:
  - \* Visão Sistêmica da Biblioteca Universitária. Comparação da Biblioteca Universitária à Biblioteca Especializada.
  - \* Visão histórico-crítica do Serviço de Referência e Informação. Caracterização geral dos Serviços aos Usuários nas Bibliotecas Universitárias.

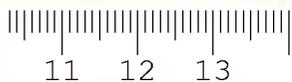
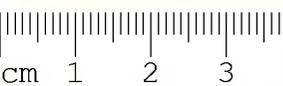


- \* Diretrizes Básicas para o estabelecimento do Serviço de Referência e Informação na Biblioteca Universitária.
- \* Usuários na Biblioteca Universitária: tipologia, necessidades e interesses, diferenças nas áreas de conhecimento conforme resultados de estudos de usuários existentes. Princípios de Marketing transferidos para a Biblioteca Universitária.
- \* Disseminação Seletiva da Informação: experiência em análise de sistema.
- \* Processo de Referência/Negociação da Questão.
- \* Avaliação do Serviço de Referência

A importância da ministração desses primeiros cursos residiu no fato de eles terem tido como participantes pessoas com grande amadurecimento intelectual e com preocupações relevantes de pesquisa. Nos seminários apresentando à classe e agora, na realização de dissertações e teses, estão sendo passadas idéias novas e sistematizados conhecimentos, que serão então consumidos por estudantes de todos os níveis, professores e profissionais da área.

Sendo alguns desses participantes nossos orientandos, temos sob controle suas teses que divulgamos, para efeito de registro:

- 1) Antonio Miranda: Acesso ao Documento Primário. Doutorado, 1987.
- 2) Graça Maria Simões Luz: Bibliotecas Universitárias: modelo de avaliação de desempenho, Doutorado, 1989.
- 3) Cecília M. Alves Oberhofer: Uso da Informação Científica: obsolescência do objeto versus absolescência do conteúdo. Doutorado, 1989.
- 4) Regina Célia B. Belluzzo: Educação de Usuários de Bibliotecas Universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes. Mestrado, 1989.
- 5) Sueli Mara Soares Pinto Ferreira: Serviço Referencial: caracterização e conceituação. Mestrado, 1989.
- 6) Em fase final de redação: Amélia Silveira: Marketing em Bibliotecas Universitárias: evolução, transferência de princípios



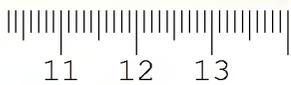
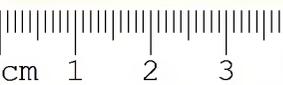
e estudo de aplicação no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.

Quanto à pesquisa particular, agora para a tese de livre-docência, foi ela influenciada tanto pela disciplina de graduação como de pós-graduação. Desde 1983, idealizamos novo projeto de pesquisa sobre a "Busca de Diretrizes para o Estabelecimento do Serviço de Referência". Inúmeras vezes a pesquisa foi interrompida, mas terá, agora, a sua continuação. Com a preocupação de passar atitudes de pesquisas aos alunos de graduação, temos sempre discutido pontos relacionados com a pesquisa de nossos orientandos e de nossa própria pesquisa. Temos encarecido sobre a necessidade de os trabalhos finais de graduação terem posicionamentos críticos, mormente, agora, que existe estágio supervisionado e o trabalho final de curso.

Conseguimos interessar uma aluna de graduação a trabalhar conosco, no estudo de campo realizado em bibliotecas da USP, para levantar o *status quo* do Serviço de Referência nesse contexto. Um projeto de iniciação científica (o Primeiro em nosso Departamento) foi apresentado ao CNPq e, hoje, contamos com uma jovem aluna despertando para a pesquisa e entusiasmadíssima na colaboração do processamento e interpretação dos dados desse diagnóstico. Já apresentou um seminário, com muita segurança, aos alunos da disciplina "Referência". Pelo que foi observado, receberam muito atentamente as explanações sobre a pesquisa realizada e debateram o assunto.

Relativo a essa pesquisa, é oportuno chamar atenção para dois cursos de extensão universitária, por nós organizado e coordenado, sob o nome "Serviço de Referência, temas representativos", o primeiro em 1986, dirigido a bibliotecários em geral, e, o segundo, em 1987, patrocinado pelo SIBI/USP, especialmente endereçado a bibliotecários de referência da USP. Para nós, como professora – qualquer que seja o nível – e como interessada em pesquisa, esses cursos, pelo *feedback* recebido, foram muito importantes.

Projetados em módulos, tiveram como fonte de sugestão os temas da disciplina de graduação. Agora, ministrados por elementos que dominam os temas e que trazem dados novos, a matéria foi enri-



quecida. Grande parte dos nossos colaboradores eram nossos orientandos. Para efeito de registro, os temas abordados nesses cursos e os respectivos colaboradores foram:

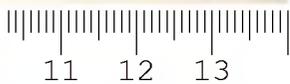
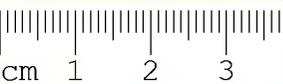
- Evolução e Tendências do Serviço de Referência (SR) (Neusa Dias de Macedo e Regina C. B. Belluzzo)
- Conceitos e Caracterização do SR em Bibliotecas Universitárias (Neusa Dias de Macedo)
- Processo de Referência/Negociação da Questão (Nice Figueiredo; Graça M. Simões Luz)
- Serviço de Referência Especializado/Disseminação da Informação (Antonio Miranda)
- Comunicação Visual/Sinalização de Bibliotecas (Maria Cristina Gomes Gil; Eliodoro Bastos)
- Marketing em Bibliotecas Universitárias (Amélia Silveira)
- Educação de Usuários (Regina C. B. Belluzzo)
- Avaliação do Serviço de Referência (Cecília M. Alves Oberhofer)

Como reflexo final, queremos ressaltar que o docente que se interessa por pesquisa, aproveita qualquer oportunidade para obter dados que possam beneficiar a reformulação dos conteúdos e metodologia de ensino, a atualização da bibliografia e a proposição de novas atividades discentes.

Nesses dois cursos de extensão universitária, aproveitando a presença de elementos que se interessavam em reciclar conhecimentos e tinham uma notável experiência na prática da Biblioteconomia, quisemos perscrutar qual o conceito existente na mente dos bibliotecários; quais atribuições eram tidas como peculiares nessas bibliotecas; enfim, qual era o quadro do Serviço de Referência existente nas bibliotecas de São Paulo, e mais especialmente na USP.

Aplicamos questionários nos dois cursos, sendo que, o segundo, está sendo objeto de processamento de dados e interpretação para servir como referencial para a pesquisa particular já citada.

Para terminar este depoimento, declaramos que a nossa in-



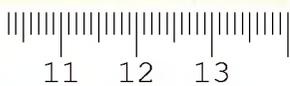
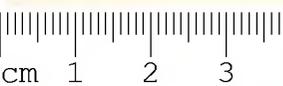
tenção não foi fazer uma auto-biografia, mas relatar uma longa experiência que evidencia que o trabalho de um professor universitário não se limita a passar conhecimentos acumulados ao aluno. Não adianta currículo novo, nomes chamativos para disciplinas, se não houver mudança da própria mentalidade dos mestres, seguida de uma árdua luta de estudos. Não adianta realizar mestrados e doutorados e ficar passivamente ditando conteúdos que devem ser copiados pelos alunos. Deve-se passar atitudes críticas e incentivos aos alunos para a busca de dados novos aos temas em estudo. O professor que realiza pesquisas, que tem contatos com profissionais, que participa de congressos, que tem escritos para oferecer a alunos e/ou domina a bibliografia da sua especialidade, subsidiando-os no momento de realização dos trabalhos finais; enfim, que tem o que contar de novo aos seus alunos, por certo terá um seguidor e multiplicador de suas idéias e de suas atitudes acadêmicas e, com isso, progresso do conhecimento da área.

## 2 A DISCIPLINA "REFERÊNCIA" E SUA EVOLUÇÃO EM 20 ANOS, SOB A EXPERIÊNCIA DE NEUSA DIAS DE MACEDO

### 2.1 Preliminares

Não tendo sido possível coletar dados sobre o ensino da "Referência" nos cursos de Biblioteconomia brasileiros, iremos, primeiro, relatar a experiência do contexto pernambucano, por meio do Informe da Profa. Myriam Gusmão de Martins, apresentado no "I Encontro de Professores Brasileiros de Bibliografia e Referência", realizado de 22 a 24 de fevereiro de 1967, sob o patrocínio da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Minas Gerais. Cremos que os dados apresentados naquele informe podem ser extrapolados para o contexto brasileiro em geral.

Desde 1930 a preocupação biblioteconômica era para "Processos Técnicos", em detrimento dos "Serviços aos Leitores". O enfoque deste último tema era raro nos congressos da classe e na Litera-



tura especializada nacional. Em grande parte das bibliotecas, quando havia serviço ao público, era feito pelos atendentes do empréstimo (pesquisa feita em 1966, citada por Myriam Gusmão).

No curso de Recife, de 1950 a 1960, Bibliografia e Referência constituíam uma única disciplina, com ênfase maior no estudo de obras de referência. De 1961 a 64 a disciplina "Referência" tornou-se independente, mas ensinada aos alunos do primeiro ano.

Sentindo que os alunos de primeiro ano não tinham nem conhecimento técnico nem vivência para assimilar um conteúdo relacionado com o Serviço de Referência em si, a disciplina foi desmembrada para o terceiro ano, em 1965. Considerando essa experiência, cremos que muitas escolas transferiram o enfoque do "Serviço de Referência" para os últimos semestres. Foi o caso da USP.

Pelo programa através do qual tivemos conhecimento do curso de Recife, desenvolvido pela profa. Myriam Gusmão de Martins, e depois consolidado em livro (Serviço de Referência e Assistência aos Leitores, Porto Alegre, UFRGS, 1972, em colaboração com M.L.C. Ribeiro) e, pode-se aquilatar do amadurecimento da referida docente em questões de Referência. Vejamos os itens principais do programa:

#### 1. Introdução

– Terminologia da matéria. – Teoria do Serviço de Referência. – Objetivo do SR. – Comunicação / SR / Referência / Informação / Pesquisa.

#### 2. Suporte Administrativo

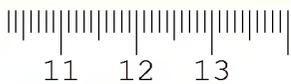
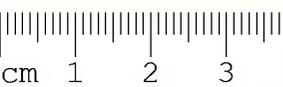
– A biblioteca como fonte de informação – O SR dentro da biblioteca. – O SR e sua dependência com relação aos demais órgãos da biblioteca.

#### 3. O Bibliotecário

– Seleção. – Os auxiliares do Bibliotecário de Referência. – Atribuições do Bibliotecário de Referência. – Treinamento. – Responsabilidade e controle do SR.

#### 4. A Coleção

– Disponibilidades financeiras. – Decisões quanto às coleções. – As fontes de referência como fontes primárias de in-



formação. – Princípios de seleção. – Obras de referência propriamente dita: dicionários, enciclopédias, atlas, guias, bibliografias, anuários, listas, cadastros, índices, catálogos; outras fontes bibliográficas e audiovisuais.

5. O Cliente
  - A clientela como determinadora da coleção. – Formas de atendimento.
6. Métodos e técnicas para atender questões de referência.
  - A questão de referência. – A entrevista de referência. – Solução da questão de referência.
7. Serviços
8. Opinião da comunidade sobre os Serviços de Referência prestados pela biblioteca.

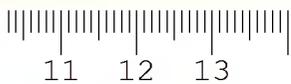
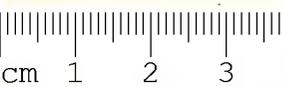
Pesquisas devem ser feitas, comparando programas das escolas de Biblioteconomia brasileiras a fim de se verificar o enfoque de cada uma delas.

Em nosso caso particular, com uma experiência preliminar em, 1967, na UnB, e outras na USP, e como pôde ser observado no item 1 deste relato, a disciplina "Referência" teve uma evolução significativa em vista de ter sido intercalada com estudos, pesquisas e amadurecimento de vinte anos de docência.

Para exemplificar esta experiência particular, selecionamos três anos de ministração da disciplina: 1968, 1978 e 1988, com intuito de evidenciar mudanças ocorridas no conteúdo programático.

## 2.2 A disciplina "Referência" 1968 /UnB

Antes, tivéramos uma experiência didática no curso de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Escola Sociologia e Política de São Paulo (1963) com a disciplina Documentação, substituindo Abner Vicentini. Mas, somente em 1968, enfrentamos uma situação nova: criar o conteúdo de uma disciplina bi-partida: metade Bibliografia, metade Serviço de Referência. Embora não tivesse sido publicado o livro de Myriam Gusmão, tínhamos o seu programa em mãos e



baseamo-nos na sua vivência para projetar a disciplina, tendo como ela a preocupação com a assistência ao "leitor". Com o futuro bibliotecário, preocupava-nos prepará-lo para assistir a esse "leitor", sempre solto no ar, nas bibliotecas!

### Objetivos

Tendo em vista capacitar o estudante para, em futuro próximo, exercer a função do profissional que agiria face a face com o leitor para assisti-lo nas suas consultas e pedidos de informação, no uso dos recursos da biblioteca e na localização de materiais extra-muros, formulamos dois primeiros objetivos, de ordem profissionalizante:

- 1 - Introduzir o estudante no conhecimento do Serviço de Referência, desde conceituação, funções às técnicas do trabalho.
- 2 - Familiarizá-los com fonte de informação de tipos diversos.

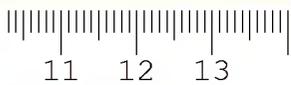
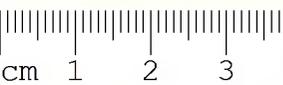
Não esquecemos também de explicitar um terceiro objetivo, agora de teor humanizante:

- 3 - Levar o estudante a compreender a necessidade de ter sólida cultura geral e manter-se sempre atualizado.

### Metodologia / Consecução dos Objetivos

Lembrando o que aprendemos no curso de "Licenciatura em Letras", formulamos os seguintes princípios:

"Ênfase será dada nos conceitos mais do que nos pormenores e na memorização. Exercitar a classe na avaliação das obras de referência, em relação ao tempo, campo geográfico ou lingüístico e assunto a que estão circunscritas, bem como quanto a seus méritos e falhas. Proporcionar vivência no Serviço de Referência através de situações hipotéticas e reais. Fazer com que o futuro profissional desenvolva linguagem oral".



### Conteúdo programático

Dividido em dois segmentos por configurar matéria "Referência e Bibliografia", a disciplina focalizou os seguintes tópicos:

#### REFERÊNCIA

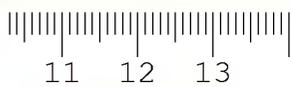
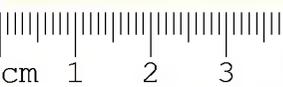
- Conceito: Referência como uma Divisão em um Sistema. Sua correlação com outras Divisões. Fontes de Informação, segundo a forma e propósito, constantes em um Setor de Referência.
- O Serviço de Referência: funções e principais atribuições; técnicas de trabalho; interação bibliotecário-leitor; a questão de referência: tipos, interpretação e classificação das perguntas.
- O Bibliotecário de Referência.
- A organização e administração do Departamento de Referência.

#### BIBLIOGRAFIA

- A obra de referência: definição, tipos; outros tipos de publicações; critérios de avaliação.
  - Obras de referência: estudo e manuseio dos guias bibliográficos, enciclopédias, dicionários, repertórios bibliográficos, anuários, almanaques, diretórios, atlas.
- Obs.: Bibliografias, Índices e obras de referência especializadas eram estudadas em Bibliografia I e II.

#### Aproveitamento escolar

Além de sermos o professor da disciplina, exercíamos o cargo de Diretor do Departamento de Auxílio aos Leitores e éramos o supervisor da Divisão de Referência da Biblioteca Central. Com isso, tudo propiciou que o atendimento aos alunos fosse facilitado, tendo como consequência resultados de aproveitamento acadêmico extremamente satisfatório, a saber:



- Avaliava-se o aluno pela consulta constante à bibliografia recomendada, participação em classe e observação do Setor de Referência na Biblioteca Central, testes regulares sobre a matéria dada seminários de avaliação das obras de referência.
- Exigia-se relatório sobre estágio de 15 horas feitos em bibliotecas de Brasília, o qual devia consistir em três partes:

- a) introdução sobre o Serviço de Referência estagiado;
- b) descrição do que foi observado nesse estágio;
- c) apreciação crítica

- Solicitava-se o fichamento de obras de referência estudadas e manuseadas em classe. Cada ficha constava dos seguintes itens:

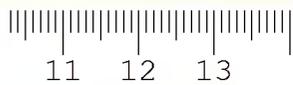
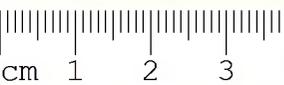
- a) escopo
- b) autoridade;
- c) período;
- d) arranjo;
- e) características principais;
- f) limitações / parcialidades;
- g) apresentação gráfica.

A menção final (de A a E) era computada pelo balanço de todos os itens e o progresso do aluno no decorrer do curso.

Era um regime massacrante de atividade discente, impossível de ser realizado hoje em dia.

### Bibliografia e material Didático

Autores clássicos de manuais de referência e guias bibliográficos eram consultados pelos alunos. Na Seção "Livros em Reserva", eram deixadas pastas da disciplina "Referência", sendo nelas incorporados periodicamente materiais e roteiros elaborados pela professora. Para exercícios com obras de referência, eram fornecidos aos alunos *Syllabus* e folhas mimeografadas com questões de referência.



Sendo localizado o Departamento de Biblioteconomia junto à Biblioteca Central da UnB, fácil era levar o material para as classes, bem como sendo a professora a Diretora da Divisão de Referência em regime de tempo integral, fácil era encontrá-la no recinto (dia e noite) para qualquer tipo de assessoramento.

Como depoimento pessoal, foi a experiência didática mais positiva obtida ao longo de 20 anos de nossa carreira universitária.

1978 / USP

### Objetivos

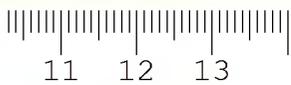
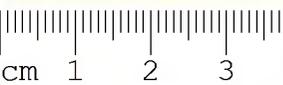
Para USP, agora, após ter tido grande experiência em ensino de disciplinas com "Orientação Bibliográfica" a alunos de diversos cursos da escola de Comunicações e Artes e "Bibliografia Geral" e "Bibliografia Especializada", "Laboratório de Biblioteconomia" (hoje extinto) no período de 1969 a 1977, passamos a lecionar novamente "Referência". Era uma disciplina autônoma, desvinculada de Bibliografia.

Nessa ocasião, foram formulados dois objetivos profissionalizantes:

- 1 - dar conhecimento, ao aluno, da terminologia da matéria e dos princípios teóricos e operações do Serviço de Referência;
- 2 - aplicar conhecimentos adquiridos em Bibliografia e Serviço de Referência em situação real.

Um objetivo de teor humanizante era uma constante a ser levada em conta no desenvolvimento do curso:

- 3 - conscientizar o estudante sobre o importante papel do Bibliotecário de Referência como interface entre a informação e a comunidade usuária.



### Conteúdo programático

Levando em conta a carga horária de duas horas, o programa detinha-se nos seguintes pontos:

- REFERÊNCIA: do conceito aos elementos que se relacionam com o setor. Referência em relação à Comunicação / Informação / Pesquisa. A literatura especializada na área.
- O SERVIÇO DE REFERÊNCIA: Posição no contexto da biblioteca, correlação com outros serviços; funções e atribuições. A orientação ao usuário; o guia da biblioteca. O bibliotecário e o usuário: identificação e caracterização; interação; estudo da comunidade e do usuário. Processo de referência: da entrevista às táticas da informação.

### Métodos utilizados

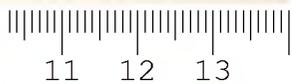
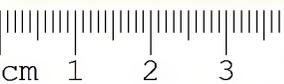
- 1 - Aulas expositivas, com diálogos entre professor e aluno.
- 2 - Leituras e discussão em classe.
- 3 - Observação dos alunos em biblioteca.
- 4 - Avaliação de questões de referência registradas.

### Atividades discentes

Participação ativa em classe, dialogando com o professor ou discutindo leituras. Apresentação de estudos de caso sobre questões de referência (escritas e/ou gravadas). Relatórios ou comunicações escritas sobre experiências em bibliotecas.

### Avaliação de aprendizagem

Cumprimento de atividades discentes, em forma regular (em classe e em campo). Trabalho final: comunicação escrita de experiência em Serviço de Referência.



## Bibliografia

Manuais básicos sobre Serviço de Referência, como o de Myriam Gusmão Martins, tradução de Margareth Hutchins, Katz e artigos de revistas especializadas deram-nos apoio bibliográfico para trabalharmos o conteúdo programático.

1980 / 88 – USP

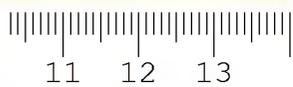
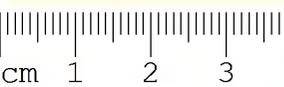
A década de 80 foi muito representativa em vista do próprio progresso da área e pelo desafio que impunha a aprovação do novo currículo mínimo de Biblioteconomia. A meta a ser atingida pelos conteúdos pedagógicos dos Seminários, que foram promovidos pela ABEED em 1982, era que as mudanças não se limitassem a trocar títulos de disciplinas, mas consistissem em mudança de atitudes e metodologia de ensino.

Em nosso caso particular, cremos que houve amadurecimento, primeiro por força do término de um duro programa de doutorado (1975-80) e início de nova pesquisa tendo em vista perseguir o tópico de "Conceituação e caracterização do serviço de referência e busca de diretrizes para seu adequado estabelecimento".

Experimentando, com alunos de graduação e pós-graduação, novos conteúdos programáticos e novas atividades discentes, empenhamo-nos, também, em divulgar nossos estudos.

A nossa primeira investida foi obter uma tradução das Diretrizes da ALA, solicitando a Inês Imperatriz essa tarefa, da qual fomos a revisora (*Rev. Bibliotecon. e Doc.*, 17 3/4:71-9, 1984). Publicamos, depois, um artigo denominado "Em busca de diretrizes para o Serviço de Referência e Informação para Bibliotecas Brasileiras" (Op. cit., p. 61-70) e defendemos essas idéias em um trabalho apresentado no IV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, em Campinas, em 1985 (Cf. *Anais*, 1985, p. 239-53, denominado "Conceitos e diretrizes para o Serviço de Referência: primeiros passos para a sua discussão").

Em 1981, tivemos como observadora acompanhando a reformu-



lação do programa, Miriam Gonçalves, pós-graduanda da PUC-Campinas, a fim de aplicar um modelo pedagógico à disciplina. Havia uma série de fichas de controle do aluno, materiais de ensino e avaliações, folhas de orientação etc., tendo havido grande dificuldade de aceitação por parte dos alunos da ECA.

O programa consta do que se segue:

1981 / USP

**1 – Introdução ao curso**

Identificação do professor e alunos, Fichas de controle. Metodologia do curso, materiais de ensino e avaliações. Análise sistêmica da disciplina de Referência no currículo de Biblioteconomia e sondagem de pré-requisitos.

**2 – Introdução à Referência**

Evolução do Serviço de Referência. Conceitos, ruídos terminológicos e particularidades do serviço de referência em diversos tipos de biblioteca.

**3 – Informação e usuário da biblioteca.**

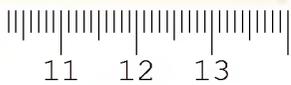
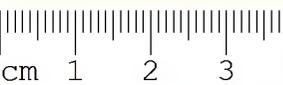
Transferência da informação através do serviço de Referência. Usuários da biblioteca e suas necessidades interesses nos diversos tipos de biblioteca e áreas do conhecimento. Causas e efeitos do desconhecimento do usuário na biblioteca brasileira. Estudo do usuário nos aspectos histórico e metodológico.

**4 – Organização administrativa do setor de Referência**

Unidades típicas do Setor de Referência. Relação entre organização administrativa da biblioteca e funcionamento do Setor. Entrosamento com os demais setores da biblioteca. Comunicação administrativo-normalizadora do setor de Referência. Pessoal administrativo e profissional do Setor. Perfil do bibliotecário. Avaliação do Serviço de Referência.

**5 – Atividades gerais do Setor de Referência**

Funções de Referência e atividades de rotina. Comunicação visual e gráfica. Supervisão dos Setores de Consulta. Ativi-



dades disseminativas da Informação. Treinamento e orientação do usuário.

6 – Consultas de Referência e estratégias de busca da informação

Conceito, classificação e análise da questão de Referência. A entrevista de Referência e o controle da informação prestada. Estratégia de busca da informação nas diversas abordagens.

7 – Avaliação geral do curso

Revisão geral. Esclarecimento de dúvidas. Avaliação do curso quanto à adequação das estratégias de ensino, Sugestões dos alunos julgadas convenientes.

1982 / USP

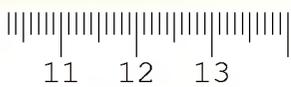
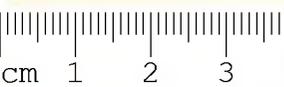
Em 1982, incicia-se a mudança substancial do conteúdo programático da disciplina e que, de um modo mais temático, passou a constituir o programa atual de 1988.

Várias experiências ocorreram no Departamento de Biblioteconomia da ECA, tendo em vista programações semestrais conjuntas. Por exemplo, em 1987 essa disciplina ministrada em dois semestres, teve, no sétimo semestre, uma compactação para se acoplar com estágio supervisionado e palestras de especialistas. Outro professor ficou com a disciplina do oitavo semestre, a fim de que ministrassemos, pela primeira vez, o "Projeto Experimental em Biblioteconomia e Documentação".

Embora tivesse havido um aproveitamento válido, a experiência não foi repetida porque deu-se outra orientação aos estágios.

Veja, por exemplo, o conteúdo programático em 4 horas semanais, em 1982:

- Evolução do Serviço e conceitos de Referência. Perspectivas modernas.



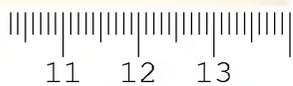
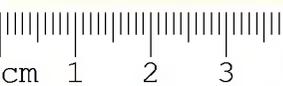
- Caracterização do Serviço de Referência, sob uma visão sistêmica da biblioteca e apoiada nas diretrizes da ALA.
- Funções do Serviço de Referência. A função administrativa e os problemas de supervisão. Entrosamento com os demais setores. Rotinas.
- Comunicação gráfica e visual. O guia de biblioteca.
- Equipe de Referência.
- Função da informação e suas implicações. Interação humana, biblioteca e usuário. A questão de referência. A entrevista de referência e a técnica da negociação da questão. Os formulários como suporte para controle da informação. Estratégias de busca em sistema de informação computadorizado.
- Atividades de disseminação da informação. Serviço de Alerta. SDI: caracterização.
- Usuário e uso da informação: introdução, caracterização. Estudo de usuário: histórico, revisão, metodologia, estudos de caso.

1988 / USP

No momento, a disciplina voltou a ser ministrada em um só semestre, com quatro horas de carga horária, em vista de novos remanejamentos curriculares. Está seriada no sétimo semestre, tendo em vista a ênfase de carga horária dedicada ao TCC no oitavo semestre, ou seja, o Projeto Experimental em Biblioteconomia e Documentação (TCC).

Na época atual, por força de toda a vivência na disciplina e observando os pontos críticos existentes no contexto de grande parte das bibliotecas brasileiras quanto à falta de diretivas e linhas básicas que servissem de parâmetros para uma estruturação mais adequada aos serviços – fim das mesmas, foi delineado o seguinte plano de curso para "Referência":

CBD 129 – Serviço de Referência e Informação  
 Programa de Curso – 7º sem. 1989  
 Profa. Neusa Dias de Macedo



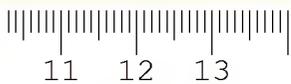
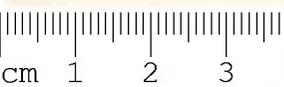
Tendo em vista questões críticas no terreno do Serviço de Referência e Informação (SR), foram delineados os objetivos e estratégias de ensino para preparar o futuro bibliotecário a estruturar o SR, em vários tipos de bibliotecas, e delinear diretrizes para o mesmo.

## OBJETIVOS

- Levar o aluno a compreender claramente o que deve ser considerado serviço-fim da biblioteca, distinguindo o papel do bibliotecário de referência de outras atividades da biblioteca;
- Desenvolver a percepção do aluno, por meio de conceituações, visualização histórica e discussão crítica do que seja Serviço de Referência e Informação e quais os pontos críticos existentes no contexto brasileiro;
- Familiarizar o estudante com os principais temas que envolvem o SR, por meio de conhecimento da literatura existente e de discussões teórico-práticas sobre o assunto;
- Capacitar os futuros bibliotecários a planejar diretrizes para determinado tipo de biblioteca, a sua escolha.

## TEMAS DO PROGRAMA

- Evolução e tendências do Serviço de Referência e Informação.
- Conceituação e caracterização do Serviço de Referência e Informação.
- Diferenças nos diversos tipos de bibliotecas;
- Diretrizes e demarcações para o Serviço de Referência e Informação;
- Processo de Referência: interação entre o bibliotecário e o usuário. Entrevista de Referência. Negociação da questão de Referência. Formulários;
- Educação do usuário. Diferenças conceituais: educação, orientação, instrução; treinamento;
- Serviço de Alerta e Disseminação da Informação. DSI.



- Marketing em bibliotecas. Instrumentos de divulgação e promoção da biblioteca.
- Comunicação visual e sinalização na biblioteca.
- Avaliação do Serviço de Referência.

#### ESTRATÉGIAS DE ENSINO – ATIVIDADES DISCENTES:

- leitura programada – conhecimento da bibliografia especializada, distribuída anteriormente – pastas de textos na Seção de Reserva.
- Diálogo com a classe – participação ativa dos alunos, com base na leitura;
- Seminários de alguns temas – equipes. Seminário do aluno de Iniciação Científica. Estudo de campo realizado com as bibliotecas da USP para verificar o *status quo* do Serviço de Referência.
- Resumos de alguns textos – prática de interpretação e redação;
- Exercícios práticos – preparo de formulários; caracterizações do Serviço de Referência em tipos de bibliotecas; roteiros de visitas orientadas; identificação de pictogramas;
- Dramatizações com “estudos de caso” de Referência

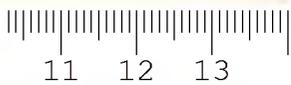
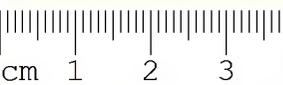
Trabalho final – diretrizes para o Serviço de Referência e Informação para um determinado tipo de biblioteca (pública, escolar, universitária, especializada) ou temas à escolha do aluno.

#### BIBLIOGRAFIA

(Ver Anexo 1)

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tivéssemos sentido que a disciplina, ora denominada “Serviço de Referência e Informação”, possa ter evoluído nesses vin-



te anos (1968 - 1988), ela foi uma experiência particular. Cada caso é um caso! De outro lado, relatamos a experiência unilateralmente, sem tê-la situado junto às disciplinas da mesma seriação e nem de uma forma vertical, ou seja, dentro de um conjunto de matérias afins e que tivessem sido coordenadas sob um fio condutor. Este, cremos nós, é o grande pecado do ensino da Biblioteconomia. Outro, é o descaso às avaliações e relatos de experiências e à divulgação das mesmas.

Desta forma, para suscitar discussões neste encontro de professores e alunos de Biblioteconomia, apontaremos algumas questões críticas relacionadas com a nossa experiência particular:

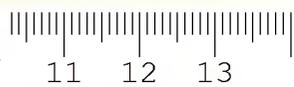
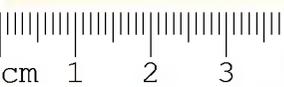
1 – A área de ensino, de modo geral, carece de estudos e avaliações em vários sentidos. Entre eles, citamos análises de conteúdos programáticos em relação aos objetivos e estratégias de ensino de disciplinas similares, comparando-as com análises de outras escolas.

Para isso, a ABEBD precisaria contar com um Banco de Planos de Curso e fomentar essas análises.

2 – Periodicamente, professores que ministram as mesmas disciplinas e/ou as de conteúdo programático similares deveriam reunir-se para discutir questões de ensino e intercambiar experiências e materiais.

A ABEBD deveria se encarregar de tal iniciativa, coordenando os trabalhos e publicando os resultados.

3 – No caso particular da "Referência" (podendo o mesmo ocorrer com qualquer outra disciplina), seria necessário, também, proceder a um tipo de estudo que confrontasse seus objetivos com os de disciplina da mesma natureza, ou grupo de materiais afins, ministradas em semestres anteriores (por exemplo: Orientação Bibliográfica, Fontes Bibliográficas,



Administração de Bibliotecas, Informática) para compatibilizar conteúdos, reforçar temas comuns, projetar atividades discentes etc.

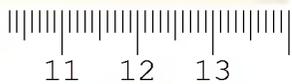
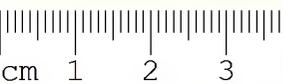
Da mesma forma, professores de outras disciplinas, ministradas no mesmo semestre ou em semestres posteriores (por exemplo: Projetos, Trabalho Final de Curso, Administração e Estágio), deveriam projetar trabalhos comuns para melhor aproveitamento didático dos alunos.

Experiências de outras escolas, nesse particular, deveriam ser divulgadas no sentido de propiciar adoção de novas idéias por outros professores. Caberia também à ABEED veicular esse tipo de assunto em seus boletins.

- 4 - O último ponto a ser destacado para refletir e serem tomadas iniciativas a respeito, é quanto aos óbices ao ensino não só da Referência como de qualquer disciplina, pela falta de "estudos de caso", "divulgação de experiências profissionais", enfim, de manuais didáticos, instruções programadas, guias de referências etc.

É preciso que se inicie linha de editoração para textos didáticos a fim de facilitar o ensino e aprendizagem de certos módulos de programas de cursos brasileiros de Biblioteconomia.

Providenciar diagnóstico destas questões e preparar projetos para execução desses textos, é uma incumbência que recairia, necessariamente, à ABEED resolver.



ANEXO 1

CBD 129 – SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO –  
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Organização: Neusa Dias de Macedo – CBD/ECA/USP – 1989

**1. Manuais**

- 1.1 HUTCHINS, M. *Introdução ao trabalho de referência em bibliotecas*. Trad. M. A. Coaracy. Rio de Janeiro, FGV, 1973.
- 1.2 KATZ, W. *Introduction to reference work*. New York, McGraw-Hill, 1959. v. 2: Reference services and reference processes.
- 1.3 MARTINS, M. G. de & RIBEIRO, M. de L. G. *Serviço de referência e assistência aos leitores*. 2. ed., Porto Alegre, UFRS, 1981.
- 1.4 THOMAS, D. M. et al. *The effective reference librarian*. New York, Academic Press, 1981.

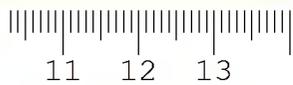
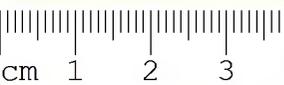
**2. Periódicos Especializados em Serviço de Referência**

- 2.1 *Reference Librarian*. New York, The Harwold Press, 1981-
- 2.2 *RQ(Reference Quarterly)*. Chicago, ALA, 1960-

**3. Serviço de Referência: Evolução, Conceitos e Caracterização. Diretrizes**

**A) Evolução do Serviço de Referência**

- 3.1 FIGUEIREDO, N. Evolução e avaliação do serviço de referência. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 2(2):175-96, jul./dez. 1974.



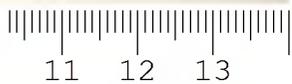
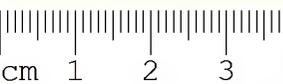
- 3.2 ————. *Tendências dos serviços de referência/informação*. Brasília, IBICT, 1986.
- 3.3 FONSECA, E. N. da *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/INL, 1974.
- 3.4 GALVIN, F. J. Reference services and libraries., In: *Encyclopaedia of Library and Information Science*. New York, Marcel Deaker, 1978. v. 25, p. 210-26.
- 3.5 ————. ————. *Resumo*, por Neusa Dias de Macedo, ECA/USO, 1987, Mimeogr.
- 3.6 GOMES, S. de C. *Bibliotecas e sociedades na primeira República*. São Paulo/Brasília, Pioneira/INL, 1983.
- 3.7 NEVES, F. I. & MELO, M. de L. O *Status quo* do serviço de referência em bibliotecas. *Ciência da Informação*, Brasília 15(1):39-44, jan./jul. 1986.

#### B) Conceituação:

- 3.8 MACEDO, N. D. de Conceitos e diretrizes para o serviço de referência: primeiros passos para sua discussão. In: *Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 4.*, Campinas, fev. 1985. *Anais*. Campinas, UNICAMP, 1985. p. 239-53.
- 3.9 ————. *Conceituação e caracterização do Serviço de Referência: roteiro para discussão*. São Paulo, ECA/USP, 1985. Mimeogr.

#### C) Diretrizes:

- 3.10 BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias*. Brasília, 1986.



3.11 ALA. Reference and Adult Services Division. A Commitment to information services: development guideline, 1979. *RQ*, 18:275-8, 1979.

3.12 ————. Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação. Trad. I. M. de M. Imperatriz. Rev. Neusa Dias de Macedo. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 17(3/4):71-89, jul./dez.. 1984.

#### 4 Comportamento Psicológico Bibliotecário/Usuário

4.1 ARGYLE, M. *A interação social: relações interpessoais e comportamento social*. Trad. M. B. de M. Nuns. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

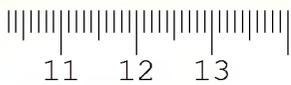
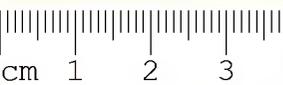
4.2 WITTER, G. Aspectos psicológicos no relacionamento bibliotecário/usuário. *Ciência da Informação*, Brasília, 15(1):33-7, jan./jun. 1986.

4.3 ————. *A interação bibliotecário/usuário no serviço de referência*. São Paulo, ECA/USP, 1986. Mimeogr.

#### 5 Processo de Referência/Negociação da Questão

5.1 BELLUZZO, R. C. B. & MACEDO, N. D. de. *Negociação da questão de referência: sistematização para fins didáticos*. São Paulo, Datilogr., 1987.

5.2 FIGUEIREDO, N. M. Metodologia conceitual para a prevenção de erros no serviço de referência. *Ciência da Informação*, Brasília, 6(2):87-98, 1977.



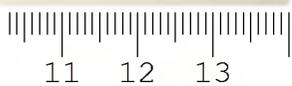
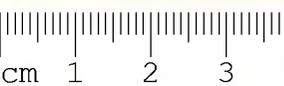
- 5.3 ————. Recomendações práticas para o aperfeiçoamento do serviço de referência/informação nas bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 11(1):35-44, jan./jun. 1983.
- 5.4 ————. O usuário e o processo de referência. In: *Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Brasília, ABDF, 1983. v. 2, p. 19-59.
- 5.5 JAHODA, G. & BRAUNAGEL, J. *The librarian and reference queries: a systematic approach*. New York, Academic Press, 1980.
- 5.6 PARANHOS, W. M. O processo de comunicação e a entrevista de referência. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 3(2):150-64, set. 1974.

## 6. Formulários para o Serviço de Referência

- 6.1 SOUZA, C. L. M. V. Estudo da viabilidade para o estabelecimento de um padrão na elaboração de formulários para pedidos de pesquisa bibliográfica para bibliotecas especializadas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 12(1):43-64, jan./jul. 1984.

## 7 Comunicação Visual / Sinalização da Biblioteca

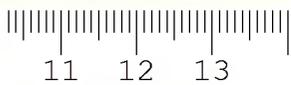
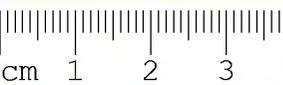
- 7.1 BASTOS FILHO, E. T. *Comunicação visual em biblioteca: um sistema de sinalização para a Biblioteca de Comunicações e Artes da USP*. São Paulo, 1984, Tese (Mestrado) – ECA/USP.
- 7.2 MALLERY, M. S. & DEVORE, R. E. *A sign system for library*. Chicago, Ill., American Library Association, 1982.



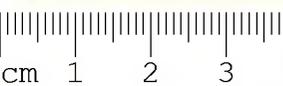
- 7.3 POPE, L. G. *Library signs and guiding*. Loughborough, 1982. Thesis Loughborough University of Technology.
- 7.4 RICHARDS, V. A sign system for the University of Auckland Library. *New Zealand Libraries*, 44(1):12-5, March 1983.
- 7.5 VAN ALLEN, P. R. A. A good library sign systems: is it possible? *Reference Services Review*, 12(2):102-6, Summer, 1984.

## 8. Treinamento de Usuário

- 8.1 AH-TON, A.-T. & VALERIO, D. H. A formação dos usuários no meio universitário: uma revisão bibliográfica (1974-1978). In: *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 10*. Curitiba, 22-27 jul. 1979. *Anais*. Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1979, v. 1, p. 177-200.
- 8.2 Associação Brasileira de Treinamento de Desenvolvimento. *Manual do treinamento e desenvolvimento*. Coord. G. G. Boog. São Paulo, MacGraw-Hill, 1980.
- 8.3 ANDRADE, M. T. D. & SZARFAC, S. C. Orientação bibliográfica no processo ensino/aprendizado para alunos de graduação: uma experiência didática. In: *Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 5.*, Porto Alegre, 12-16 jan. 1987. *Anais*. Porto Alegre, Biblioteca Central da UFRGS, 1987, v. 2, p. 615-27.
- 8.4 BELLUZZO, R. C. B. et al. Desenvolvimento de um programa de orientação bibliográfica para pesquisa destinada aos alunos dos cursos de pós-graduação da FOB/USP *Estomat. & Cult.*, 15(3):44-7, 1985.



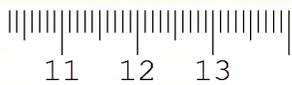
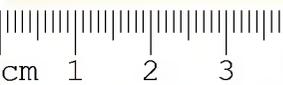
- 8.5 BRUNETTI, M. I. S. *Proposta de uma metodologia para integrar os programas de educação de usuários aos objetivos educacionais da universidade*. Campinas, 1983. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- 8.6 FIGUEIREDO, N. M. de. Treinamento de usuário. *Angulo*,(30):2-3, abr./jun. 1986.
- 8.7 LUBANS, J., ed. *Educating the library user*. New York, Browker, 1974.
- 8.8 MACEDO, N. D. de. *A biblioteca universitária: o estudante e o trabalho de pesquisa*. São Paulo, 1980. Tese(Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. p. 74-111.
- 8.9 MARSHALL, A. P. Current library user instruction. *Library Trends* 29(1):1-172, 1980.
- 8.10 MILANESI., L. A. Orientação bibliográfica: uma experiência. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 11(1/2):47-64, jan./jun. 1978.
- 8.11 MIRANDA, A. Treinamento no uso da biblioteca com recursos audiovisuais: revisão de literatura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFG*, 5(2):245-64, 1976.
- 8.12 NOCETTI, M. A. & SCHLEYER, J. R. Educação de usuários em bibliotecas universitárias. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2. Brasília, 1981. *Anais*. Brasília, CAPES, 1981. p. 219-38.
- 8.13 OLIVEIRA, S. C. P. et al. O treinamento de usuários universitários com base na relação biblioteca/corpo docente. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(1):139-46, jan./jun. 1980.



- 8.14 ROMANELLI, M. de L. C. et al. Conheça sua biblioteca: audiovisual e aulas para treinamento de usuários. In: Congresso Latino-americano de Biblioteconomia e Documentação, 1. Salvador, 1980. *Anais*, Salvador, FEBAB, 1980, v. 1. p. 197-204.
- 8.15 SCHREINER, H. B. Estudo e treinamento de usuários no Sistema de Bibliotecas da UFRGS. In: Jornada Sul-Riograndense de Biblioteconomia e Documentação, 6. Porto Alegre, 22-25, jul. 1980. *Anais*. Porto Alegre, UFRGS, 1980.

## 9 Marketing em Bibliotecas Universitárias

- 9.1 FRAYNE, L. J. The marketing of an information and referral service. *Information and Referral*, 2(2/3):63-72, Winter 1980.
- 9.2 KLOTTER, P. *Marketing para organizações que não visam o lucro*. São Paulo, Atlas, 1978.
- 9.3 SACCHI, N. Marketing para a reestruturação dos setores de referência de um sistema de bibliotecas: estudo de caso. In: Jornada Sul-Riograndense de Biblioteconomia e Documentação, 7. Porto Alegre., 1982. *Anais*. Porto Alegre, Associação Rio-grandense de Bibliotecários, 1982, p. 330-49.
- 9.4 SILVEIRA, A. Marketing em bibliotecas universitárias brasileiras. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias 5., Porto Alegre, 12-16 jan. 1987. *Anais*. Porto Alegre, Biblioteca Central UFRGS, 1987. v. 1, p. 517-26.
- 9.5 STANTON, W. J. *Fundamentos de marketing*. São Paulo, Pioneira, 1980.
- 9.6 WASSERMAN, P. & FORD, G. T. Marketing and marketing research: what the library manager should learn. *Journal of Library Administration*, 1(1):19-29, Spring 1980.

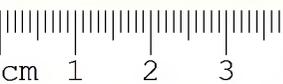


- 9.7 WOOD, E. J. Strategic planning and the marketing process. Library applications. *Journal of Academic Librarianship*, 9 (1):15-20, March, 1983.

## 10 Avaliação do Serviço de Referência

- 10.1 BUNGE, C. A. Approaches to the evaluation of reference services. In: *Evaluation and scientific management of libraries and information centers*. Ed. F. W. Lancaster and C. W. Cleverdon. Leyden, Nordhof Publ., 1977. p. 41-67.
- 10.2 GRANDI, M. E. G. de. Avaliação do serviço de referência: revisão e tendências. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 15(1/2):7-19, jan./jul. 1982.
- 10.3 LANCASTER, F. W. The evaluation of reference services. In: ————. *The measurement and evaluation of library services*. Washington D. C., Information Research Press, 1977. p. 73-139.
- 10.4 OBERHOFER, C. A. Conceitos e princípios de avaliação. *Ciência da Informação*, 12(1):45-51, 1983.
- 10.5 ————. Disponibilidade de serviços de referência: uma análise crítica. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 16(1/2):7-23, 1983.
- 10.6 WEECH, T. L. Evaluation of adult reference services. *Library Trends*, 22:315-45, 1974.

NOTA: Complementação e atualização da bibliografia pelo aluno.



## **BIBLIOGRAFIA SOBRE SERVIÇOS REFERENCIAIS\***

**Sueli Mara Soares Pinto Ferreira\*\***

SERVIÇO REFERENCIAL é a organização que encaminha o usuário após diagnóstico preliminar a recursos informacionais mais apropriados às suas necessidades, fornecendo-lhe a informação referencial; mantém inventários atualizados dos recursos informacionais para possibilitar o cruzamento da questão real e a busca da resposta; orienta o usuário apresentando uma série de alternativas e/ou pistas a serem escolhidas segundo a sua conveniência: acompanha o usuário em todo o processo de obtenção da informação; avalia o atendimento tendo em vista a retroalimentação do serviço e/ou do sistema; elabora, publica e distribui produtos de informação manuais e/ou automatizados.

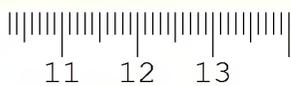
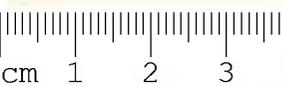
Esse serviço iniciado nos Estados Unidos na década de 60, com aplicação tanto em bibliotecas públicas como em bibliotecas especializadas em C&T, tem como objetivo básico o estabelecimento do contato inicial entre o usuário e o recurso informacional adequado, capacitado e disposto a fornecer a informação utilitária, científica e/ou tecnológica necessária.

O tema "Serviço Referencial", que ainda se encontra pouco discutido na literatura brasileira, foi objeto de dissertação de mestrado apresentada à ECA/USP, em maio de 1989.

Com o intuito de conceituar e caracterizar esse particular serviço

\* Parte da dissertação de mestrado apresentada à ECA/USP, sob orientação da Profa. Neusa Dias de Macedo.

\*\* Doutoranda em Ciência da Comunicação pela ECA/USP.



empreendeu-se a sistematização da matéria, o que possibilitou o esclarecimento de alguns pontos até então inexplorados.

Evidenciando as diferenças e semelhanças e apontando os atributos específicos que compõem os serviços referenciais quando aplicados a bibliotecas públicas (conhecidos como "Information and Referral Service - I&R") e as bibliotecas especializadas em C&T ("Referral Center"), foi possível identificar-se as características comuns e básicas desses serviços, seu fundamento, objetivos, operações básicas, especificidades. Obteve-se ainda a categorização do mesmo em diferentes níveis organizacionais.

O primeiro passo na execução da sistematização proposta foi o levantamento da literatura internacional existente sobre o tema, o que deu origem à "Bibliografia sobre Serviços Referenciais". Arrolando esses serviços tanto nas bibliotecas públicas como nas especializadas em C&T, essa bibliografia cobre um período de cerca de 17 anos (1970-1987), incluindo todos os aspectos do assunto em questão (conceitos, metodologias, revisões, marketing, estudos de caso, automação etc.).

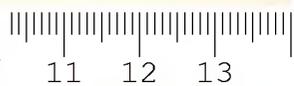
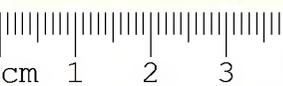
De modo a servir de apoio a outros interessados no tema, divulga-se agora tal bibliografia, porém, sem resumos.

### SERVIÇOS REFERENCIAIS: BIBLIOGRAFIA

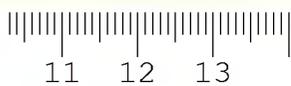
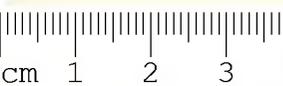
ADVISING I and R services on computer-assisted automation. *Information and Referral*, 5(1):1-36, Summer 1983.

ALLIANCE OF INFORMATION AND REFERRAL SERVICES. *National standards for information and referral services*. Phoenix, Arizona, 1974.

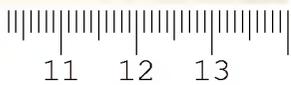
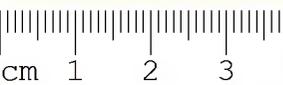
AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - Public Library Association (ALA-PLA). Draft guidelines for establishing I&R services in public libraries. *Public Libraries*, 18:63-5, 1979.



- . Guidelines for establishing I&R services in public libraries. *Public Libraries*, 25(1):11-5, Spring 1986.
- ANTHONY, C. I&R for librarians: the role of the American Library Association. *Information and Referral*, 4(2):7-15, Winter 1982.
- APPLICATIONS of computerized informations systems. *Information and Referral*, 5(1):37-77, Summer 1983.
- AUSTIN, D.M. New roles of information and referral in social services networks. *Information and Referral*, 1(1):25-38, Spring 1979.
- BAIRD-ADAMS, J. Doing more with less: a practical approach to cooperation. *Information and Referral*, 4(2):21-5, Winter 1982.
- BALL, J. N. & LUCE, R. J. *Model Cities Community Information Center (MCCIG)*. Philadelphia, Office of Education/Library Services and Construction Act, 1970.
- BARCLAY, R. L. Access to information with a genealogy and history referral file. *Reference Quarterly*, 18(2):153-5, Winter 1978.
- BEAGLE, D. & LACY, D. Outreach services for public libraries I&R: measuring effectiveness. *Public Library Quarterly*, 3(4):, 33-47, Winter 1982.
- BECKER, C. A. *Community information service: a directory of public library involvement*. s.l., University of Maryland/School of Library and Information Services, 1974. 92p. (Student Contribution Series, 5).
- BELLAMY, D. F. *A study of information and referral services for metropolitan Toronto*. Toronto, Social Planning Council, 1968.
- BERRY, J. A TIP from Detroit. *Library Journal*, 100(13): 1287-90, July 1975.



- BLAKE, F. M. & IRBY, J. The selling of the public library. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 149-58, Jan-Apr. 1976.
- BLOKSBERG, L. M. & CASO, E. K. *Survey of information and referral services existing within the United States: final report*. Waltham, Mass., Brandeis University, Florence Heller Graduate School for Advanced Studies in Social Welfare, 1967. (Public Health Services, Contract PH 108-65-198(P)).
- BOLCH, E. et alii. *Information and referral services: an annotated bibliography*. Minneapolis, American Rehabilitation Foundation/Institute for Interdisciplinary Studies, 1972.
- BOVAY, S. Community information service in the Monroe County Library System: a model. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 93-109, Jan-Apr. 1976.
- BOWEN, J. Referral and self-help. *Information and Library Manager*, 2(2): 44, Sept. 1982.
- BOYLE, J. M. Urban information systems : a social science perspective on their design and implementation. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 27-47, Jan.-Apr. 1976.
- BRAVERMAN, M., ed. Information and referral services in the public library. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 1-179, Jan.-Apr. 1976.
- BROEHL, D. R. Incorporation of an Ombudsman model into I&R programs. *Information and Referral*, 2(2-3):47-62, Winter 1980.
- BROWNE, M. Librarians, social workers and community information: the territorial stake-out. *Australian Library Journal*, 25(16):383-7, Nov. 1976.
- BUCARO, T.A. I&R: a link to health care delivery for the elderly. *Information and Referral*, 3(1):48-68, Spring 1981.



BURNETT, A. Model information and referral systems: a bridge to the future-executive summary. *Information and Referral*, 5(2): 51-65., Winter 1983.

CALIPPE, C. *La fonction d'orientation vers des sources de références*. France, CNAM, 1981. 94p.

CHILDERS, T. *Information and referral: public libraries*. Norwood, Ablex Publishing, s.d. 307p.

———. The Neighborhood Information Center Project. *Library Quarterly*, 46(3): 271-89, July 1979.

———. Trends in public library I&R services. *Library Journal*, 104(17): 2035-9, Oct. 1979.

CLEMENTS, C. J. & KYLE, S. L. Can anybody out there help me? A look at I&R services and their relationship to local libraries. *Reference Quarterly*, 15 (1): 19-24, Fall 1975.

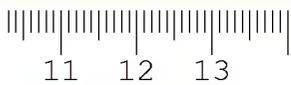
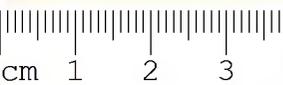
COMMUNITY INFORMATION AND REFERRAL SERVICE. *Computerization of the Minneapolis Community Information and Referral Service resource file*. Minneapolis, 1975. 104p.

CONROY, B & CHILDERS, T. *Institute on cooperative approaches to I&R services*. Toledo/Ohio, Toledo University, Department of Library and Information Services, 1978. 64p. (Report nº SHR-0002844)

COX, A.L. *Defense Documentation Center Referral Data Bank Directory*. 7.ed. Alexandria, Defense Documentation Center, 1978. 424p.

CRONEBERGER, R. I&R: introspection and recollection. *Information and Referral*, 4(2): 1-6, Winter 1982.

———. Systems organization and data collection. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 81-92, Jan.-Apr. 1976.



CRONEBERGER JR, R. & LUCK, C. Defining information and referral service. *Library Journal*, 100(19): 1984-7, Nov. 1, 1975.

———. Information and referral equals reference. *Library Journal*, 318-9, Jan. 1976.

———. Space planning for community information services. In: NYREN, K., ed. *Library space planning*. New York, Library Journal R.R. Bowker Co., 1976. p. 9-11.

CROWLEY, T. I&R: a librarian's impression. *Information and Referral*, 4(2): 65-72, Winter 1982.

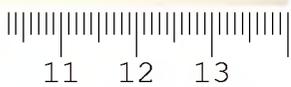
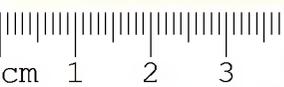
CURLEY, A. Information from the people to the people. *American Library*, 10(6): 316-7, 319-20, 1979.

DEAHL, T. F. User behavior in an automated information and referral program. In: ANNUAL INFORMATION RETRIEVAL COLLOQUIUM. 10., 1974. *Changing Patterns in Information retrieval*. Ed. C. Fenichel. Washington, American Society for Information Science, 1974. p.39-43.

———. Users and the human services directory: some technical aspects. In: ASIS ANNUAL MEETING, 39. San Francisco, California, Oct 4-9, 1976. *Information politics – proceedings*. Ed. S.K. Martin. Washington, American Society for Information Science, 1976. v.13, pt. 2, fiche 8, frame E6.

DEHNER, J. A. The network concept in information and referral. *Information and referral*, 1(3):25-31, Winter 1979.

DEWATH, N.V.H. *California statewide reference referral service: analysis and recommendations*. Rockville, King Research, 1981.



DONOHUE, J.C. The Library of Congress; a proposed role in a national information and referral network. *Journal of the American Society for Information Science*, 30(4): 202-4, July 1979.

DOWLIN, K. E. The public library and I&R. *Information and Referral*, 4(2): 26-31, Winter 1982.

DRAGIC, D. Information Referral System for Technical Cooperation among Developing Countries (TCDC/INRES) of United Nations Development Programme. In: INTERNATIONAL COOPERATIVE INFORMATION SYSTEM, Vienna/Austria, 9-13, Jul. 1979. *Proceedings*. Ottawa/Ontario, International Development Research Centre, 1980. p.41-6.

DURRANCE, J. C. Education for the practice of community information service. *Public Library*, 22(4):136-7, Winter 1983.

———. Education for the practice of community information service. *Information and Referral*, 4(2):61-4, Winter 1982.

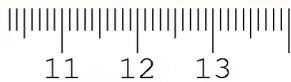
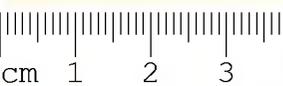
D'URSO, L. A. The application of microcomputer to new I&R files: a beginners experience. *Reference Quarterly*, 21(2): 143-6, Winter 1981.

ELLSWORTH, S.M. Hotlines Libraries: a coalitions? *Top of the News*, 35(1): 47-51, Fall 1978.

ELLSWORTH, S. M. Hotlines libraries: a coalition? *Top of the News*, 35(1):47-51, Fall 1978.

EMBER, G. *Caribbean network of national referral centres*. Paris. UNESCO. 1984. 50p.

ESTEVA-DOYLE, C. ed. *Directory of Information and Referral Services in the United States and Canada*. Phoenix-Arizona, Alliance of Information and Referral Services, 1978.



EUA. Department of Health, Education and Welfare, Institute for Interdisciplinary Studies of the American Rehabilitation Institute. *Information and referral services: evaluation design for a network demonstration*. Washington, DC, 1973.

———. *Information and referral services: follow-up*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: information-giving and referral*. Washington, DC, 1974.

———. *Information and referral services: interviewing and information-giving*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: reaching out*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: referral procedure*. Washington, DC, 1971.

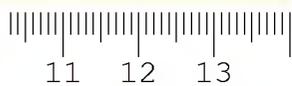
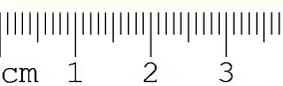
———. *Information and referral services: the resource file*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: the role of advocacy*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: a training syllabus*. Washington, DC, 1971.

———. *Information and referral services: volunteer escort service*. Washington, DC, 1971.

EUA, Detroit Public Library. TIP Service. *Community Information and Referral: file development*. Detroit, 1982.



EWART, G.S. Endeavoring to reach the information poor. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2):171-6, Jan.-Apr. 1976.

FID. *National referral services for industry: worldwide directory*. 4.ed. Netherlands, 1974. 87p.

FIGUEIREDO, N. Serviço de Informação para a comunidade como um instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 18(3/4):7-19, ago./dez. 1985.

FINER, R. *Referral centers and services: a review*. London, ASLIB, 1979. 59p. (Aslib Occasional Publication, 22).

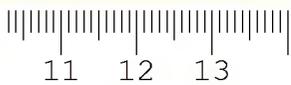
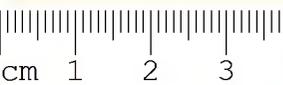
FISHER, J. Canada's system of scientific and technical information services: an Enquiry Service. In: OPEN CONFERENCE ON INFORMATION SCIENCE IN CANADA, 3., Quebec, 8-10 May, 1975. *Proceedings...* Ed. E. Marshall and M. Paré. Ottawa, Canadian Association for Information Science/L'Association Canadienne des Sciences de l'Information, 1975. p. 200-6.

FRAYNE, L. J. The marketing of an information and referral service. *Information and Referral*, 2(2/3):63-72, Winter 1980.

GAFFNEY, I. M. Users, uses and suppliers of STI services: a research project. *Canadian Journal of Information Science*. 1(1): 35-42, May 1976.

GARGAN, J. J. The distribution of local I and R systems; a study of diversity. *Information and Referral*, 3(2): 34-66, Winter 1981.

———. Strategic issues for I&R in a period of fiscal and political constraints. *Information and Referral*, 6(1&2):1-13, Summer/Winter, 1984.



GARNER, M. & HAYNES, K. S. Statewide information and referral; a conceptual model. *Information and Referral*, 2(2/3):22-35, Winter, 1980.

GARRISON, G. The changing role of the public library as information agency. *South African Libraries*, 46(1): 11-8, July 1978.

GEBHARD, P. et alii. Networking in the microcosm; or reference referral. *Reference Quarterly*, 17(3): 197-201, Spring, 1978.

GILBERT, F. B. A generic I and R center serves specialized needs. *Information and Referral*, 3(2): 1-14, Winter 1981.

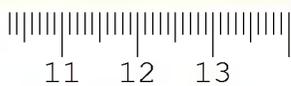
———. *Information and referral: how to do it*. Norfolk, Va., Health/Welfare Recreation Planning Council of the United Communities, 1975.

GILLESPIE, R. A. & WALLACE, M. The Mitchell Library and GRIN Refer, 2(1): 3-5, Spring 1982.

GOLDMAN, P. & FULFORD, J. Link information and referral service. *Ontario Library Review*, 60(3): 116-71, Sept. 1976.

GROSE, J. H. & KRALL JUNIOR, G. F. *The conceptual framework for a comprehensive and continuing STI resource inventory*. Radnor - Pennsylvania, Krall Management Inc.; Franklin Institute Laboratories, 1978. 117p. (Research supported by the National Science Foundation. Grant n. DSI 76-05484).

HABER, L. D. et alii. *Information and referral services in SSA district offices: a pilot study*. Washington, D.C., U.S Department of Health, Education and Welfare Social Security Administration, Office of Research and Statistics, 1971. (Social Security Publication 34-71 (4-71)).



HAYES, K. S. & SALLEE, A. L. Information and referral; a data base for social planners. *Information and Referral*, 1(1): 64-72, Spring 1979.

HEAD, P. A. Clarion Country Information and Referral: a rural information center. *Rural Libraries*, 2(1): 27-36, Winter 1982.

HEALTH AND WELFARE COUNCIL OF CENTRAL MARYLAND, Inc. *Information and referral services in SSA district and branch offices: the information resource file: compilation indexing, and updating.* Baltimore, 1972. 27p. (SS-PUB-25-72).

HERNON, P. & McCLURE, C. R. Referral services in U.S. academic depository libraries; findings, implications and research needs. *Reference Quarterly*, 22(2): 152-62, Winter 1982.

HJERPPE, R. EUSIREF – European Scientific Information Referral. *Tidskrift for Dokumentation*, 33(3): 37-8, 1977. In Swedish.

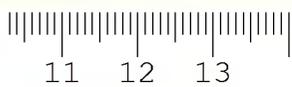
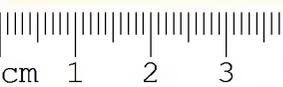
———. The role of EUSIREF centers. In: EURIM 3; a European Conference on the contribution of users to planning and policy making for information system and networks, Munich, Germany, Apr. 25-27, 1978. *Proceedings*. Ed. A. Dewe and J. Deunette. London, Aslib, 1980. p.25-5.

HOFF, L. F. Interagency coordination for people in crisis. *Information and Referral*, 5(1): 79-89, Summer 1983.

HOW to prove public libraries are really necessary: an interview with Clara Jones. *Australian Library Journal*, 25(16): 377-82, Nov. 1976.

HOWARD, E. N. Community information and the public library. *Reference Quarterly*, 15(1): 5-7, Fall 1975.

HUBER, W. Referral, a tool to increase the use of available information resources. *On-line Review*, 1(4): 289-94, Dec. 1977.



HUGHES, J. A. News and other four-letter words. *Reference Quarterly*, 15(1): 29-31, Fall 1975.

I-CHIN, HU. Information and referral services should be offered in the public library. *Journal of Educational Media & Library Science*, 21(3): 266-76, Spring 1984.

IGBINOSA, I. O. The public library services in Nigeria: need for informations and referral (I&R) service. *Public Library Quarterly*, 7(1&2): 63-71, Spring/Summer 1986.

———. The public library services in Nigeria: need for information and referral services. *Bendel Library Journal*, 7(2): 34-42, Dec. 1984.

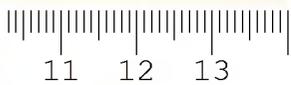
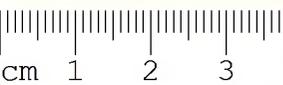
JACKAMAN, P. Public libraries, information and the community. *Assistant. Librn.*, 66(2): 18-21, Feb. 1973.

JEWELL, J. Automating I&R files; word processing, a first step (Fresno Country Information & Referral Network). *Reference Quarterly*, 21(2): 135-40, Winter, 1981.

JONES, C. S. The public library as the comprehensive community information center, In: ROBBINS-CARTER, J. ed. *Public librarianship a reader*. Littleton, Colo, Libraries Unlimited, 1982. p. 127-36.

———. *Public Library Information and referral services*. New York, Gaylord Professional Publications, 1978. 265p.

JONES, S. G. Evolving strategies for scientific and technical information in Canada. In: ASIS ANNUAL MEETING, 38., Massachusetts, Oct. 26-30, 1975. *Information revolution: proceedings*. Ed. C. W. Husbands and R. L. Tighe. Washington, DC, American Society for Information Science, 1975. v.12, p.84-5.



KAHN, A. J. et alii. *Neighborhood Information Centers: a study and some proposals*. New York, Columbia University, School of Social Work, 1966.

KELBRICK, N. Community information and the reference librarian. *Refer*, 1(1): 8-9, Spring 1980.

KENNEY, B. L. *Consultancy for a referral system; interim report*. Brasília, IBICT, 1984. 111p. Relatório de Consultoria

———. *Suggested format for entry in published RS directories*. Brasília, IBICT, 1984. 8p. Relatório de Consultoria.

———. *Terms of reference and work plan: consultant for referral information*. Brasília, IBICT, 1984. 6p. Relatório de Consultoria.

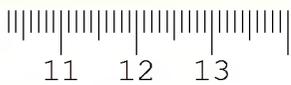
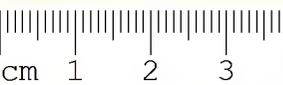
———. *Types of information sources: discussion paper*. Brasília, IBICT, 1984. 10p. Relatório de Consultoria.

LARSON, N. Collaboration between OASDI and Central Information and Referral Services. Paper present in the NATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL WELFARE, May 1961, Minneapolis.

LAYNE, E. N. *Neighborhood information service centers. "Public library" information service and referral – provides significant new personal service to the individual library user*. New York, National Citizens Emergency Committee to Save Our Libraries, 1979. 48p. (Eric Report ED-184573).

LAZOVIÉ, M. Referral activity in libraries and information centers, *Informatika*, 16(3-4): 157-9, 1982.

LEKIS, L. Using I&R data for planning; the process, problems and potentials. *Information and Referral*, 2(1): 15-29, Fall 1980.



LEVISON, R. W. Towards a human resources, information and referral systems; health and social services. *Information and Referral*, 1(1): 51-63, Spring 1979.

THE LIBRARY as community switch board. San Francisco, Bay Area Reference Center/BARC, [1973?]

LICHT, H. A. The information professional and the neighborhood information service. *Special Library*, 67(3): 121-6, Mar. 1976.

LIGHT, J. I. & YAMAMOTO, C. An online information and referral file: Penninsula Library System's Community Information Program. *Reference Quarterly*, 21(2): 146-55, Winter 1981.

LODICO, N. J. Physician's Referral Letter Bibliographic Service; a new method of disseminating medical information. *Bulletin of the Medical Library Association*, 61(4): 422-5, Oct. 1973.

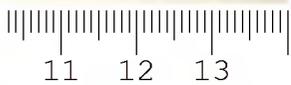
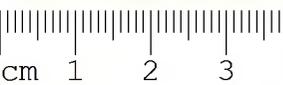
LOEB, J. et alii. Community planning as part of a multi-service I&R agency. *Information and Referral*, 6(1&2): 18-28, Summer/Winter 1984.

LONG, N. Information and Referral Services: a short history and some recommendations. *The Social Service Review*, 47: 49-62, 1973.

———. Information and referral services in the 1980's; where should they go? Who should lead? Will anyone follow? *Information and Referral*, 1(1): 1-24, Spring 1979.

LONG, N. et alii. *Information and referral centers: a functional analysis*. s.l., Washington, D.C., Department of Health, Education and Welfare, Office of Human Development, 1971.

———. *Information and referral services; the resource file*. Minneapolis, Interstudy, 1973. 124p.



LONG, N. & YONCE, L. *Information and referral services; evaluation design for a network demonstration*. Minneapolis; Interstudy, 1974.

LUCK, C. Staff training for the information center. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 69-80, Jan.-Apr. 1976.

MAAS, N. L. & DESANTIS, M. Building constituent bases: support and growth for community I&R. *Information and Referral*, 4(2): 42-60, Winter 1982.

MACFARLAND, M. W. The National Referral Center. *Special Libraries*, 66(3): 126-32, Mar. 1975.

———. *Referral activities and other non-bibliografic information services*. Washington, Library of Congress, s.d.

MACFARLANE, A. Citizen's Inquiry Branch: history and principles. *Canadian Journal of Information Science*, 3: 148-57, May 1978.

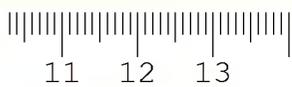
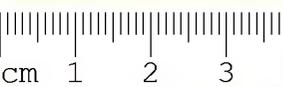
MACKINNON, M. Administration of reference services in some Australian university libraries. *Australian Academic & Research Libraries*, 13(2): 82-94, Jun. 1982.

MADARA, E. J. The self-help clearinghouse operation: tapping the resource potential of I&R services. *Information and Referral*, Z(1): 42-58, Summer 1985.

MAGALHÃES, M. J. National Referral Centre for Science and Technology. *Documenta* 70, 1(1): 69-73, 1970.

MARTIN, M. W. Formal education for community information work. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 159-170, Jan.-Apr. 1976.

MARTIN, W. J. The potential for community information services in a developing country. *IFLA Journal*, 10(4): 385-92, 1984.



MARTYN, J. *Report on evaluation of INFOTERRA for the United - Nations Environmental Programme*. Paris, UNESCO, 1982. 16p.

MARTYN, J, & ROUSSEAU, G. *Aspects of referral*. London, Aslib, 1984. 24p. (BLRD report 5808).

MASHUDA, N. A. *Information and referral services in public libraries: a survey*. Oakhosh/Wisconsin, University, 1980. 72p. (Eric Report ED-194112).

———. *Information and referral in public libraries: a survey*. *Information and Referral*, 2(1): 30-42, Fall 1980.

MASLING, C. The public library and community information: the Houston program. *Information and Referral*, 4(2): 32-41, Winter 1982.

MATHEWS, G. M. Information and referral in US public libraries. *Information and Referral*, 4(2): IX-XI, 1-77, Winter 1982.

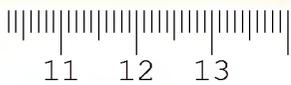
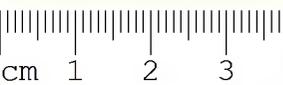
MATHEWS, R. M. *Developing information and referral services*. Beverly Hills, CA., Sage Publications, 1981.

MATHEWS, R. M. & FAWCETT, S. B. Community information systems: analysis of an agency referral program. *Information and Referral*, 3(2): 15-32, Winter 1981.

———. *Matching clients and services: Information and referral*. Beverly Hills, London, Sage Publications, 1981. 158p. (Sage Human Services Guide, n. 21).

MERKELSON, E. Community function in the Library's Information Center. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2): 59-68, Jan.-Apr. 1976.

MERSHON, L. K. A model automated resource file for on information and referral center. *Special Libraries* 21(8): 335-44, Aug. 1980.



MICCERI, T. & McVEIGH, E. B. *Systems approach to information and referral: overview of an information and referral system*. St. Petersburg, Florida, United Way of Pinellas Country, 1974. v.1.

———. *Systems approach to information and referral: information and referral intake, follow-up and data analysis: a method*. St. Petersburg, Florida, United Way of Pinellas Country, 1974. v.3.

———. *Systems approach to information and referral: an information and referral service resource file*. St. Petersburg, Florida, United Way of Pinellas Country, 1974. v.4.

MICKELSON, J. S. I&R, a social worker's perspective. *Information and Referral*, 1(3): 32-52, Winter 1979.

———. Information dispensing. *Information and Referral*, 2(2&3): 36-46, Winter 1980.

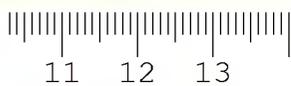
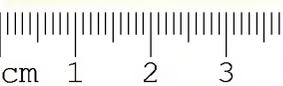
MILES, W. From prostitutes to meter maids – unholy sources of urban information. *Reference Quarterly*, 15(1); 13-8, Fall 1975.

NOWAK, M. J. & FAUSEL, D. F. The social broker: a major role for the BSW trained worker. *Information and Referral*, 2(2&3): 73-83, Winter 1980.

NYREN, K. & BERRY, J. Will success spoil PLA? *Library Journal*, 108(12): 1228-34, June 1983.

ODA, M. The structure of public library information and referral service and its development in the United States. *Annals of Japan Society of Library Science*, 30(1): 1-12, Mar. 1984. In Japanese.

OSTROM, K. T. Public libraries and community I&R agencies: partners in the same business? *Reference Quarterly*, 15(1): 25-8. Fall 1975.



OWENS, M. R. The information function: a theoretical basis for the development of information networks and centers. *Drexel Library Quarterly*, 12 (1&2): 7-26, Jan-Apr.1976.

PAIVA, D. W. Unidade de Informação Referencial do IBICT: bases de dados referenciais. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2. *Anais*. Brasília, ABDF/IBICT, 1986. p.111-9.

PALMINI, C. *A study of urban library needs*. Urbana, University of Illinois, Library Research Center, 1972. 45p.

POHLMAN, L. D. & BENTLEY, E. E. *Central Advisory and Referral Service (CARES)*. New York, Metropolitan Reference and Research Library Agency, s.d.

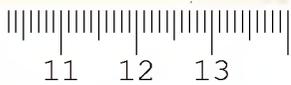
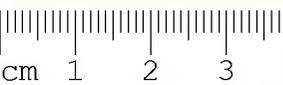
POLICY decisions when implementing an information and referral center: considerations for the public library, In: AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE. MIDYEAR MEETING. 7; Houston, 1978. *Management of Information systems*. Dallas, Xerox Corporation, s.d. p. 97.

PURYEAR, D. Early I&R programs in libraries. *Information and Referral*, 4(2): 16-20, Winter 1982.

PUTTER, H. & MALZBERG, A. *Helping to serve the aging in their own homes: the effectiveness of information and referral services for meeting home health and housing needs of aging persons*. New York, Community Council for Greater New York, 1969.

REAL SERVICE. *Information counseling and referral: action research and demonstration program; final report*. South Bend, United Community Services of Saint Joseph County, 1969..

REBOVICH, E. J. I&R call volume analysis of Summit County, Ohio. *Information and Referral*, 6(1&2): 52-70, Summer/Winter 1984.



REPORT TO NCLIS. *Information and Referral*, 4(2): 73-7, Winter 1982.

RINALDI, B. A community system working together: networking that works. *Information and Referral*, 6(1&2): 29-38, Summer/Winter 1984.

ROCK, M. Access to mental health: Nassau's family phone. *Information and Referral*, 3(1): 76-88, Spring 1981.

ROSS, R. D. Information and referral: a new dynamic in the political arena. In: ASIS ANNUAL MEETING, 39, San Francisco, California, Oct. 4-9, 1976. *Information politics: proceedings*. Ed. S.K. Martin. Washington American Society for Information Science, 1976. v. 13, pt. 1, p. 39.

ROTH, H. Information and referral services for the handicapped. *Information and Referral*, 3(1): 69-75, Spring 1981.

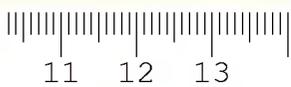
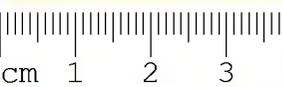
RUBY, J. L. A methodology for information and referral need assessment. *Information and Referral*, 1(1):39-50, Spring, 1979.

SALLEE, A. L. An agricultural extension model for information & referral rural outreach. *Information and Referral*, 2(2):17-33, Winter, 1985.

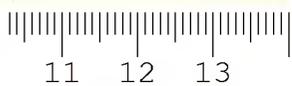
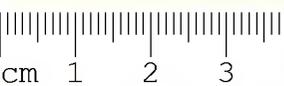
SAN FRANCISCO PUBLIC LIBRARY. The library as the community switchboard. In: BAY AREA REFERENCE CENTER WORKSHOP, Feb. 14-15, 1973. *Proceedings...* San Francisco, California, 1973.

SCHRAG, D. R. & BOYER, C. J. Nonconventional information sources and services in the library: our credo. *Reference Quarterly*, 15(1):8-12, Fall 1975.

SCHRODER, E. J. Community information in the 80s: towards automation of information and referral files. *Reference Quarterly*, 21(2):135, Winter 1981.



- . On line I&R in you library: the state of the art. *Reference Quarterly*, 21(2):128-34, Winter 1981.
- SHANAHAN, J. L. et alii. *Model information and referral systems: a bridge to the future*. Akron, Ohio, AIRS/The University of Akron, s.d.
- SHAUGHNESSY, T. W. Information and referral services: background and issues. *California Librarian*:7-11, July 1976.
- SHIRLEY, S. A. Problems in I&R taxonomy, with a grassroots solution. *Technical Services Quarterly*, 2(1/2):35-62, Fall/Winter 1984.
- SLANKER, B. O. Public libraries and the information industry. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2):139-148, Jan/Apr. 1976.
- . Research needed for a public library's community information center. *Reference Quarterly*, 15(1):32-6, Fall 1975.
- SLATER, C. Automated information & Referral at Pikes Peak Library. *Reference Quarterly*, 21(2):140-3, Winter 1981.
- STEARNS, J. F. Referral relationships. *Library Journal*:1011-4, 1060, Mar. 1964.
- . The National Referral Center: a new service in the Library of Congress. *Libri*, 15(4):353-9, 1965.
- STEWART, L. & HAVARD-WILLIAMS, P. eds. *Reference Library services, function, finance and the future*. Loughborough, Loughborough University, Centre for Library and Information Management, 1983. 187p. (CLAIM Report, 26).
- SULLIVAN, R. J. Media reviews. *Information and Referral*, 4(2):78-84, Winter 1982.



SULLIVAN, R. J. Computerized information and referral: an introduction. . *Information and Referral*, 1(3):13-24, Winter 1979.

TANNENBAUM, M. A. I&R in the Red Cross: a collaborative program model. *Information and Referral*, 3(1):37-47, Spring 1981.

TESSARI, D. C. et alii. *Information and referral services: information-giving and referral*. Minneapolis, Minnesota, Interstudy, 1974, 85p.

TEZAK, B. International Referral Center for Information Handling Equipment. *Informatologia Yugoslavica*, 4(1-4):99-110, 1972.

TOWNSEND, R. E. *Report of a study of referral services by old-age and survivors insurance district offices*. Washington, D. C., Department of Health, Education, and Welfare; Social Security Administration; Bureau of Old-Age and Survivors Insurance, 1957.

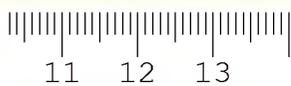
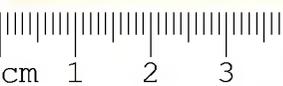
TURICK, D. A., ed. The Neighborhood Information Center. *Reference Quarterly*, 12(4):341-63, Summer 1973.

TUROCK, B. Womens's information & referral service asks community for answers. *Wilson Library Bulletin*, 49(8):568-72, Apr. 1975.

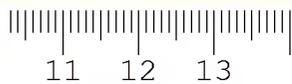
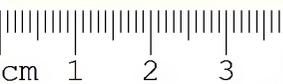
UNITED NATIONS Environment Conference approves plans for international referral service and world-wide information exchanges. *Information*, 4(4):183-5, July/Aug. 1972.

UNITED NATIONS to set up I&R service for environment. *Information Retrieval & Library Automation Letter*, 8(2):1-4, July 1972.

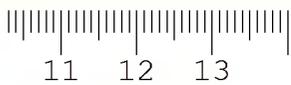
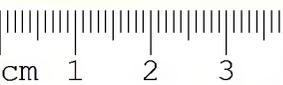
UNESCO. Directrices sobre los centros de orientación. Paris, 1979. 52p. (PGI/79/WS/4).



- UNESCO. *Diretrizes sobre centros de informação*. Trad. Stella Duarte da Câmara Lomelino e Ruth Maria Mendonça Perdigão, revisão de Carminda Nogueira de Castro Ferreira. São Paulo, FEBAB, 1986. 83p. (WS/PGI/79/4).
- . *Guidelines for establishing and developing referral centers for users of information*. Compiled by A. Dulong. s. 1., UNESCO, 1978, 47p. (WS/PGI/78/19).
- . *Guidelines on referral centers*. Paris, 1979. 60p. (Eric Report ED-181 877).
- UNITED WAY OF AMERICA. *National Standards for Information and Referral Services*. Alexandria, Va., 1973, 16p.
- UNITED WAY OF PINELLAS COUNTY. *Information and referral system*. St. Petersburg-Florida, 1975. 110p. Annual Report 1974.
- UNITED WAY OF PINELLAS COUNTY. Regional information and referral support system: Pasco, Manatee Hillsborough and Pinellas Counties, Florida. St. Petersburg-Florida, 1974. 136p.
- VICKERY, A. et alli. A reference and referral system using expert system techniques. *Journal of Documentation*, 43(1):1-23, March 1987.
- VILLON, A. F. INFOTERRA: a global network for environmental information. *Environment International*, 4(1):63-8, 1980.
- VONDRA, J. The availability of information sources and referral services. *Technická Knihovna*, 25(9):248-52, 1981. In Czech.
- WALLACE, M. G.R.I.N. Glasgow Referral and Information Network. *SLA News*. (166):337-40, Nov./Dec. 1981.



- WARD, J. & MASON, S. The development of advice and information services in the United Kingdom. *Information and Referral*, 8(1):1-14, Summer 1986.
- WESLEY-TANASKOVIC, I. An information system for science and technology in Yugoslavia. *UNESCO. Bulletin for Libraries*, 29(6):329-30, 1975.
- WIDDOP, L. Learning about community information for the barefoot librarian. *Tendrill*, 4(2):1-7, Dec. 1982.
- WILLIAMS, C. C. Public libraries as community information centres. In: ANGLO-SCANDINAVIAN PUBLIC LIBRARY CONFERENCE ON PUBLIC LIBRARIES AND THEIR USERS/NON-USERS, 9., Copenhagen, State Inspection of Public Libraries, 1979. *Proceedings...* p. 43-53.
- WILLIAMS, M. E. & DUNATOV, E. T. Data bases for coping with human needs. *Drexel Library Quarterly*, 12(1&2):110-38, Jan./Apr. 1976.
- WILMS, E. H. Technologietransfer: Hilfe Zur Selbsthilfe [Technology transfer: aid towards self-help.] *Das Informum*, (5):4-5, Apr. 1980. In Germany.
- WOLLERT, R. An information and referral model for improving community utilization of self-help groups. *Information and Referral*, 2(2):1-16, Winter 1985.
- WOMENS'S needs and community information. *Tendrill*, 3(2):13-7, Dec. 1981.
- YIN, R. K. et alii. *Neighborhood communications centers: planning information and referral services in the urban library*. Santa Monica, California, Rand Corporation, 1974. 62p.

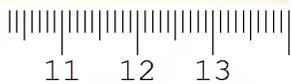
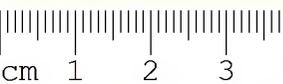


YOSHIMURA, T. et alii. On the retrieval systems for general information of scientific and technological research (REGISTER) and the classification of science and technology (CST). *Dokumentasyon Kenkyu*, 24(12):493-504, Dec. 1974. in Japanese.

ZIMMERMAN, S. L. Information and referral data: information and feedback from the environment. *Information and Referral*, 2(2&3):1-21, Winter 1980.

———. I&R services: a manifestation of and response to post-industrial society. *Information and referral*, 1(3):1-12, Winter 1979.

ZWEIZIG, D. L. With our eye on the user: needed research for information and referral in the public library. *Drexel Library Quarterly*, 12 (1&2):48-58, Jan/Apr. 1976.



## NOTICIÁRIO

Coordenadores:

- Nacional: Laila Gebara Spinelli \*
- Internacional: Irati Antônio \*\*

### NACIONAL

#### EVENTOS

Retrospectiva de 1989: 2º semestre

Agosto:

- I SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL, LIVRO DIDÁTICO E PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES, São Paulo, SP.

28 e 29 ago.

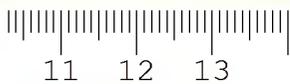
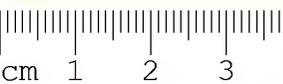
Realização: Faculdades Teresa Martin, ECA – Escola de Comunicações e Artes/USP, UBE – União Brasileira de Escritores, Fundação Casa de Cultura de Jundiaí, Centro de Estudos e Pesquisas de Artes e Letras Teresa Martin, Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Movimento de Arte Terra Livre, Escola Latino-Americana, Biblioteca Cora-Coralina – Osasco, Departamento de Literatura – UNESP

Patrocínio: Faculdades Teresa Martin, Centro de Estudos de Pesquisas de Artes e Letras

Apoio: Governo de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura

\* Assessora de direção do Departamento de Bibliotecas Públicas, do Município de São Paulo.

\*\* Bibliotecária-Chefe do Serviço de Aquisição e Difusão, do Serviço de Biblioteca e Documentação, ECA/USP.



Setembro:

● **I CONFERÊNCIA SOBRE GERÊNCIA DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS**

4 a 15 set.

Promoção: Coordenação de Eventos Rebouças

Tema: Gestão da Informação

Conferencista: Margit Gaetjens-Reutner

Locais e datas:

São Paulo: 4 set.; Rio de Janeiro: 5 set.; Salvador: 12 set.; Brasília: 13 set.; Belo Horizonte: 14 set.; Porto Alegre: 15 set.

Tema básico: Gestão da informação, com experiências alemãs em sistemas e reorganização de arquivos

Maiores informações: Coordenação de Eventos Rebouças

av. Rebouças, 600. São Paulo. SP. 05402

Outubro:

● **II ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, MG**

18 a 20 out.

Local: Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PLAMBEL

Promoção: Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais

R. Eurita, 258 – CEP 31010 – Santa Teresa – BH – MG

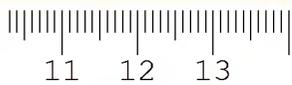
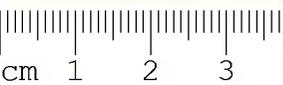
Corrente:

● **I ENCONTRO NACIONAL DE MATERIAIS ESPECIAIS E DOCUMENTOS NÃO-CONVENCIONAIS, Belo Horizonte, MG**

14 a 18 maio de 1990

Promoção: Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais (ABMG)

Temário: Estudos e resultados obtidos na organização, no ensino e no tratamento de materiais especiais e documentos não-convencionais. São eles: patentes, memórias e projetos técnicos, plantas ou desenhos, slides, discos, fitas, partituras, microfimes, normas técnicas, catálogos, fotos e filmes, videoregistros, arquivos de imagens entre outros.



Informações: ABMG/1º ENCO

R. Tupis, 38 – sala 1108 – CEP 30190

Belo Horizonte – MG

tel.: (031) 342-2352/212-2500 – ramais 162/192

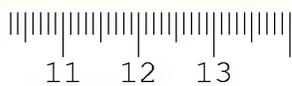
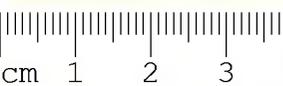
(13 às 18 h.)

## CURSOS

### ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DE MINAS GERAIS – ABMG

Durante o 2º semestre de 1989 foram ministrados vários cursos promovidos pela ABMG:

- Documentação e Informação Jurídica  
21 a 25 ago. 1989  
Instrutores: Marli Antonia da Silva e Ana Maria de Barcelos Martins
- Informatização dos Serviços Técnicos de uma Biblioteca ou Centro de Informação  
12 a 15 set. 1989  
Instrutores: Marcia Muniz Proença Sampaio e Mylene Soraya Sabarense
- Normalização de Publicações  
21 e 22 set. 1989  
Instrutores: Maria Celia R. Queiroz Ottoni e Rosana Bellosso Montanari
- Acervos Fotográficos  
28 e 29 set. 1989  
Instrutor: Euler Fernando Athaide
- Arquivos (Gerenciamento, Documentação e Recuperação de Informação)  
23 a 27 out. 1989  
Instrutor: M. de Lourdes Greco S. Salve



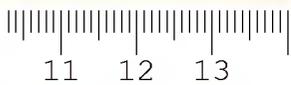
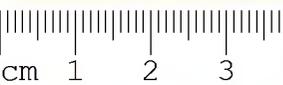
- GRI (uma proposta para monitoração de informações, aplicável à estratégia)  
24 out. 1989  
Instrutor: Walden Camilo de Carvalho

Maiores informações: ABMG

Rua Tupis, 38 – sala 1108 – CEP 30190 – Belo Horizonte – MG

### ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS – APB

- Workshop de Informática Aplicada à Biblioteconomia  
6 a 10 nov. 1989  
Profs.: Roberto Barsotti, José Fernando Modesto da Silva, Sonia Regina C. Bertozzi, Marta L.P. Valentim e Comissão de Informática da APB
- Workshop de Material Não-Livro  
20 a 24 nov. 1989  
Profs.: Asa Fujino, Shin-Ya Nakamura, Rahile Escaleira de L. Oliveira, Edmar R. Tanaka, Haydêe Polito Peris, Lucia Vercesi Mader
- Workshop sobre Gerenciamento da Informação  
27 nov. a 01 dez. 1989  
Profs.: Vilma Brandt, Francisco Scarfoni, Marta L.P. Valentim
- Curso para Bibliotecários que atuam na Área Jurídica  
20 a 30 nov. 1989  
Prof.: Dr. Dilson A. da Costa Lobo  
Tema: Direito Processual Civil Avançado



COMISSÃO BRASILEIRA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ESCOLARES/FEBAB

- IX Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares – CEABE  
25 set. a 22 dez. 1989, Brasília, DF  
Apoio: Centro Regional para el Fomento del Libro en America Latina y el Caribe – CERLALC; Instituto Nacional do Livro – INL; Fundação de Assistência ao Estudante – FAE  
Maiores informações: Walda de Andrade Antunes/Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares – CBBPE  
SCRN. 704/705 – Bloco “C” – Loja nº 4  
70.730 – Brasília – DF  
tel.: (061) 274-5077 (r. 23/33)/274-5265

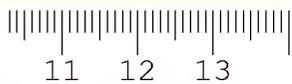
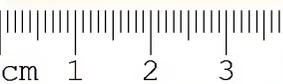
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO. CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

- Administração de Centros Culturais – Mestrado  
1989/1990, Rio de Janeiro, RJ  
Maiores informações: UNI-RIO. Centro de Ciências Humanas  
Secretaria Escolar de Pós-Graduação  
R. Dr. Xavier Sigaud, 290 – Fundos  
22290 – URCA – Rio de Janeiro  
tel.: (021) 297-5737 (r. 214)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Faculdade de Biblioteconomia. Departamento de Pós-Graduação

- Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Biblioteconomia  
1990, Campinas, SP



Área de concentração: Planejamento e administração de Sistemas de Informação

Maiores informações: Faculdade de Biblioteconomia

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia

Praça Imaculada, 105 – Bairro Swift

13045 – Campinas – SP

tel.: (0192) 32-3163

## PROGRAMAS SALAS DE LEITURA – A ALEGRIA DE LER NA ESCOLA

A Fundação de Assistência ao Estudante, através do Programa Salas de Leitura, instituído em 1984, vem estimulando a criação de um espaço para a leitura recreativa na escola. A aproximação da criança com o livro resulta, invariavelmente, no prazer de ler, etapa determinante da formação do hábito da leitura. Os itens principais abrangidos pelo trabalho da FAE são: formação de acervos, desenvolvimento de recursos humanos, programas especiais de apoio junto às Universidades, Associações e outras entidades; e outras formas de atuação.

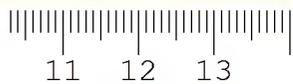
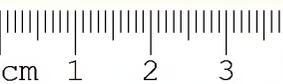
Maiores informações: FAE – Programa Salas de Leitura

SCN – Quadra 02 – Projecção "C"

70710 – Brasília – DF

## DA INCONFIDÊNCIA À REPÚBLICA - 1789-1989

O Grupo Mineiro de Bibliotecas Públicas e Escolares da Associação Profissional dos Bibliotecários de Minas Gerais e a Associação Nacional de Professores Universitários de História – Seção Minas Gerais, o organizaram, dentro do projeto "Da inconfidência à República", um concurso para professores e bibliotecários, durante o 2º semestre de 1989. Os objetivos do concurso foram: reunir e divulgar



experiências didáticas e de disseminação de informações que sejam inovadoras e que contribuam para a melhoria do processo de aquisição e transferência do conhecimento; estimular a criatividade do professor e do bibliotecário no exercício do ensino e do apoio à pesquisa em História e Ciências Sociais; estimular a reflexão e a formação do espírito crítico nas escolas e bibliotecas cujas metas são oferecer a informação para o exercício da cidadania.

**Maiores informações:** Concurso "Da Inconfidência à República"  
A/C Conselho Regional de Biblioteconomia – 6ª Região e Grupo Mineiro de Bibliotecas Públicas e Escolares da Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais  
Av. Brasil, 673 – sala 308 – Santa Efigênia  
30140 – Belo Horizonte – MG

### SEMINÁRIO SOBRE ADMINISTRAÇÃO DE TREINAMENTO DE PESSOAL EM BIBLIOTECONOMIA

São Paulo/Campinas, 23 e 24 de outubro de 1989

**Conferencista:** Rheinalt Geraint LLwyd (Prof. Dr. do College of Librarianship Wales Aberystroth, Inglaterra)

**Promoção :** The British Council (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB)

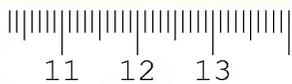
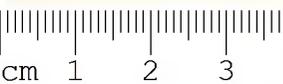
**Público Alvo :** Docentes, discentes e profissionais da área biblioteconômica

#### *Programação*

• Dia 23

10h às 12h : Conceituações Gerais sobre Administração e Treinamento e Estágios para Pessoal de Biblioteconomia

14h30min às 16h30min: Estruturação do Treinamento de Pessoal – Debates



**Local** : Sala 18, Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP.

**REALIZAÇÃO** do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP - SIBI/USP com o Apoio do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP - ECA/USP.

**COORDENAÇÃO** de Maria Luiza Rigo Pasquarelli, Diretora Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP - SIBI/USP.

• Dia 24

**Abordagem do Tema:** Conceituações Gerais

Estruturação do treinamento

9 às 12h : PUCCAMP, Auditório "Nobrinho"

14h30min às 17h : UNICAMP, Auditório da Biblioteca Central

**REALIZAÇÃO** da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB) com apoio da PUCCAMP; UNICAMP e participação especial da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos e Escola de Biblioteconomia de Marília (UNESP).

**COORDENAÇÃO** de Dinah Aguiar Población Presidente da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU/FEBAB) e da ANCIB.

#### IV ENCONTRO PAULISTA DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA

São Paulo, 7 de dezembro de 1989

Promovido pela ECA/USP com o apoio da APB

**Local** : Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP), Departamento de Biblioteconomia e Documentação

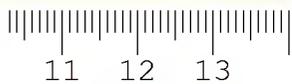
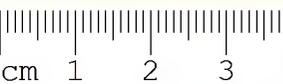
**Horário** : Das 9:00 às 17:00 horas

**Coordenadora:** Profa. Dinah Aguiar Población (ECA/USP)

**Secretária** : Profa. Maria Isabel Ibrahim (FESP/FBD)

**Participantes** : Docentes e discentes das Escolas de Biblioteconomia do Estado de São Paulo.

Profissionais que atuam na área de Biblioteconomia e Documentação



**Programação**

**9:00: Abertura da sessão**

**9:00: Histórico dos três Primeiros Encontros realizados no Estado de São Paulo**

**Conferencista: Prof. Oswaldo Francisco de Almeida Jr. (ECA/USP)**

**10:00: A ABEED e os Encontros regionais das Escola de Biblioteconomia em 1989**

**Conferencista: Profa. Dinah Aguiar Población (ECA/USP)**

**10:30: Perfil dos Docentes das Escolas de Biblioteconomia do Estado de São Paulo**

**Conferencistas: Prof. José Augusto Chaves Guimarães e Profa. Maria de Lourdes Bertachini (UNESP-Marília)**

**10:45: Paineis sobre *Matérias de Fundamentação Geral***

**Coordenadora: Profa. Rosemeire Marino Nastro (FBDSC-São Carlos)**

**Painelistas: História da Cultura, Prof. Maricio Stocco (FATEA-S. André). Aspectos Sócio-Político-Econômico do Brasil Contemporâneo, Profa. Maria Edith Giusti Serra (FESP/FBD). Comunicação, Profa. Elisabeth Márcia Marticci, (EBDSC-S. Carlos)**

**12:30 às 14:00: Almoço**

**14:00: Paineis sobre *Matérias Instrumentais***

**Coordenadora: Profa. Diva Cioni (FESP/FBD)**

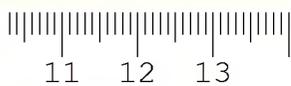
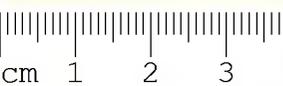
**Painelistas: Língua e Literatura Portuguesa, Profa. Maria de Fátima G. M. Tálamo (ECA/USP). Língua e Literatura Estrangeira, Profa. Maria de Cléofas F. Alencar (PUC-Campinas). Lógica, Profa. Mariza Martins (FATEA-Santo André). Métodos e Técnicas de Pesquisa, Profa. Nair Yumiko Kobashi (ECA/USP).**

**15:45: café**

**15:50: Análise das recomendações dos 3 Primeiros Encontros – Prof. Waldomiro Santos Castro Vergueiro (ECA/USP)**

**16:10: Perspectivas do Ensino de Graduação em Biblioteconomia na década de 90: discussão com os profissionais da área**

**Moderadora: Profa. Neusa Dias de Macedo (ECA/USP)**



16:45: Recomendações do IV Encontro e convite para o V Encontro a ser patrocinado pela Faculdade Tereza Martin em 1990

**Inscrições**

Local : Secretaria do Departamento de Biblioteconomia e Documentação (ECA/USP)

Horário : Das 9:00 às 17:00hs, a partir de 20/11/89

Taxa : 6 BTNs

Nº de vagas: 50

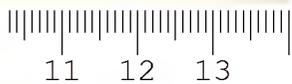
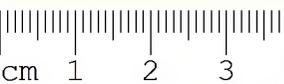
**ELABORAÇÃO DE TESAUROS EM MICRO-COMPUTADOR**

O IBICT ministrou, de 19 a 21 de junho de 1989, no Rio de Janeiro, o Curso de Elaboração de Tesouros em Microcomputador. Patrocinado pela Comissão de Estudos de Tesouros de Informática em Língua Portuguesa do Comitê Brasileiro de Computação e Processamento de Dados (CB-21) da ABNT, esse curso teve por objetivo treinar a equipe do tesouro no uso do programa TECER desenvolvido pelo IBICT.

A Telerj sediou o curso que contou com a participação de 11 bibliotecários e um analista de sistemas representando as seguintes instituições: Serpro, Embratel, Telerj, PUC/RJ, CEF, INMETRO e DATAMEC.

**FONTE-BASE DA DADOS DE FONTES TERMINOLÓGICAS**

A Base de Dados de Fontes Terminológicas produzida pelo IBICT tem por objetivo permitir o conhecimento das fontes terminológicas em Ciência e tecnologia editadas no Brasil, ou seja, dicionários, glossários, listas de termos, terminologias, léxicos, enciclopédias, tesouros, vocabulários, etc., e também identificar as áreas científicas e tecnológicas carentes dessas fontes para posterior estímulo à criação, ao desenvolvimento e à padronização, além de subsidiar a área de tradução. O armazenamento de dados é feito em microcomputador, utiliza o *software* Micro-ISIS, contem 1.200 registros e tem como instrumento de indexação o Tesouro "Science and Techno-



logy Policy Information Exchange System (SPINES)”. Sua coleta de dados é feita através de levantamentos realizados pela União Latina, de listagens enviadas por bibliotecas (UnB, FGV e Senado), do Catálogo de Publicações Brasileiras da Editora Nobel, de informações veiculadas em periódicos, jornais diários etc.

**Maiores informações:** Bianca Amaro de Melo  
 Depto de Normalização e Métodos  
 (DNM)-IBICT  
 SCN Quadra 2-Bloco K  
 770710 Brasília, SF  
 Tel.: (061) 321-4888 - r. 264.

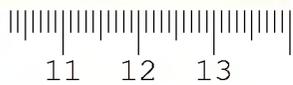
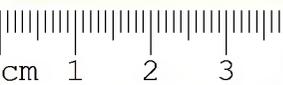
## INTERNACIONAL

### DOCUMENTAÇÃO MUSICAL

A International Association of Music Libraries, Archives and Documentation Centres (IAML) congrega instituições e profissionais ligados à documentação e à pesquisa na área de música. O objetivo é estimular o trabalho em documentação musical, preservar materiais, desenvolver projetos, divulgar e intercambiar informações. Anualmente são realizadas conferências que promovem o contato e o estabelecimento de relações profissionais.

O Brasil tem participado das atividades da IAML, a princípio representado por Mercedes Reis Pequeno, chefe da Seção de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que participou de vários encontros, além de contribuir ativamente para projetos, como o “Répertoire International de Littérature Musicale” e o “Répertoire de Sources Musicales”, divulgando a produção brasileira em música, em todo o mundo. A Seção de Música possui um dos mais importantes acervos da área no país, constituindo-se fonte essencial de estudos e pesquisas. Além de Mercedes, o trabalho é realizado também por Thereza Aguiar Cunha.

A partir de 1988, passa a participar também dos trabalhos da IAML o Serviço de Biblioteca e Documentação da Escola de Comuni-



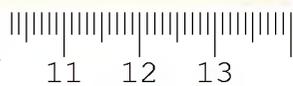
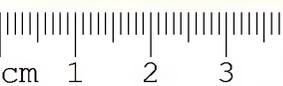
cações e Artes/USP. A ECA, através de sua Fonoteca e de seu Programa de Bibliografias, vem desenvolvendo atividades especializadas na área de documentação musical, como o Serviço de Difusão de Partituras (serviço inédito dirigido aos compositores brasileiros), Bibliografia de Música Brasileira, Sumários de Periódicos de Música, formação de acervos especiais, etc. Estes projetos foram idealizados e realizados por uma equipe formada por Luís A. Milanesi, Ariede M. Migliavacca, Rita Rodrigues da Silva, Maria Christina B. de Almeida e Irati Antonio.

Consciente do valor cultural que o país apresenta e da alta qualidade dos projetos documentais do SBD/ECA, a IAML tem demonstrado grande interesse em manter contatos, que têm por finalidade apoiar tais projetos e, ao mesmo tempo, promover a música brasileira e sua documentação no exterior. Estes são também objetivos do SBD/ECA. Dessa forma, e a convite da Associação, a chefe do Serviço de Aquisição e Difusão daquela Biblioteca, Irati Antonio, participou, em 1988, da conferência da IAML em Tóquio, apresentando trabalho sobre bibliografia de música no Brasil (com o apoio do CNPq, de Vitae e da USP).

Agora, em 1989, a conferência realizou-se em Oxford, Inglaterra, de 27 de agosto a 1º de setembro. Com o patrocínio do British Council, na sessão dedicada ao Project Group on Music Periodicals, Irati apresentou trabalho sobre os "Periódicos musicais brasileiros, sua história e documentação" enfocando, ainda, os serviços realizados pela Biblioteca Nacional e pela ECA/USP. Foram ainda distribuídas publicações elaboradas pelo SBD/ECA.

O fortalecimento das relações e contatos iniciados anteriormente, que objetivaram a integração aos programas internacionais, o intercâmbio de documentos e informações e o aperfeiçoamento profissional e dos serviços, fora agora fortalecidos.

(Irati Antônio, da ECA/USP)



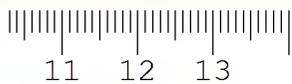
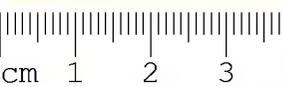
**PALESTRA DO PROF. RHEINALLT GERAINT LLWYD, DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA DO PAÍS DE GALES, GRÃ-BRETANHA**

A convite da FEBAB e do Conselho Britânico, esteve em São Paulo, nos dias 23 e 24 de outubro de 1989, o Prof. Rheinallt G. Llwyd, das áreas de Administração de Bibliotecas, Bibliografia, Informação e Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia do País de Gales, Grã-Bretanha. Foram realizadas duas apresentações: 1) na Universidade de São Paulo, patrocinada pelo Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas e FEBAB, no dia 23/10; 2) na Universidade Estadual e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, patrocinada pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em: Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB), no dia 24/10.

O Professor Rheinallt discorreu sobre a organização curricular dos cursos de graduação de sua Faculdade, que possibilita ao aluno o cumprimento simultâneo de créditos em Biblioteconomia e em outra área do conhecimento, preparando-o tanto para a atividade profissional em bibliotecas, como para alguns outros campos de atuação, mediante complementação de créditos. No que se refere à área de Biblioteconomia, considera essencial o cumprimento de um período de estágio na Biblioteca durante o curso, e de treinamento durante o desempenho profissional.

A palestra realizada constou dos seguintes tópicos: 1) O papel e a importância do treinamento na administração de pessoal; 2) Conceito, preparo e organização do treinamento na administração de pessoal; 3) Desenvolvimento do programa de treinamento; 4) Alguns métodos de treinamento; 5) Acompanhamento e avaliação do estágio; 6) Discussão geral e conclusão.

O treinamento deve ser considerado de modo tal a constituir um ciclo, em que são inicialmente definidas prioridades da instituição e identificadas as necessidades de treinamento. A partir daí, são decididos os objetivos, estabelecidas as políticas (através de documento escrito), organizado e desenvolvido o programa proposto. Uma avaliação final permitirá identificar áreas para implementação e acertos,



de modo a redefinir prioridades, e assim sucessivamente.

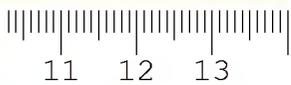
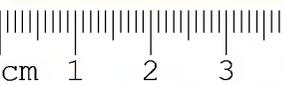
Para o estágio de estudantes de Biblioteconomia, é fundamental a definição de seus objetivos pela Faculdade, o que inclui também o grau de envolvimento da Biblioteca, o acompanhamento das atividades do aluno e a avaliação final do seu aproveitamento.

Para o alcance pretendido desse estágio, é imprescindível a participação efetiva da Faculdade, da Biblioteca onde se realiza e do planejamento geral claramente estabelecido, com as atribuições a cada uma das partes envolvidas. Alguns fatores podem interferir nesse processo, evitando a obtenção de bons resultados: 1) Falta de organização bem definida da política departamental da Faculdade; 2) Condições desfavoráveis para a realização do estágio; 3) Valorização insuficiente do estágio pela Biblioteca onde ele se desenvolve; 4) Organização geral do estágio não direcionada à motivação para esse trabalho; 5) Supervalorização de como realizar tarefas, com justificção insuficiente; 6) Delegação de poderes inadequada na biblioteca; 7) Pouco envolvimento da Chefia da Biblioteca.

A realização do estágio pode permitir o levantamento de dados para análise de: 1) condições do aluno para o trabalho profissional a partir do curso realizado; 2) rotinas estabelecidas pela Bibliotecas e oportunidade de revisá-las, em função de tendências mais recentes; 3) avaliação do curso desenvolvido pela Faculdade; todos eles, em relação ao profissional que se pretende formar para atuação no mercado de trabalho.

Compareceram às apresentações vários representantes de entidades de classe, professores, alunos e pessoal de biblioteca. O Prof. Llwyd esteve também em outros Estados brasileiros, a fim de trazer a sua experiência.

(Inês M. Imperatriz, do SIBI/USP)



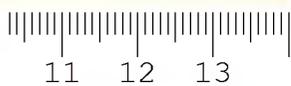
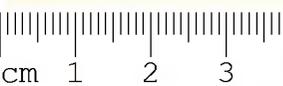
## REUNIÃO DA IFLA – 1989

1) *55º Conselho e Conferência Geral da IFLA*

A FEBAB foi representada no 55º Conselho e Conferência Geral da IFLA pela Assessora da Presidência Ivone Tálamo que coincidentemente viajava para França. O evento foi sediado em Paris, no período de 19 a 26 de agosto de 1989, ano em que se comemora o bicentenário da Revolução Francesa e Declaração dos Direitos Humanos. Reuniu mais de 2.000 mil participantes para discutir assuntos relativos ao tema central "As bibliotecas e a Informação na Economia, ontem, hoje e amanhã". A informação foi enfocada como fonte necessária às atividades da sociedade, constituindo-se, assim, como setor importante da economia, e, os organismos documentários, como produtores e difusores da informação, trazendo implicações econômicas. Neste contexto, foram focalizados vários outros aspectos, tais como o valor da informação, custo da administração e operação das bibliotecas, financiamento de bibliotecas no sistema econômico, profissionais da informação como agentes econômicos, custo dos serviços técnicos nos centros de documentação, organismos documentários no desenvolvimento econômico etc. Os trabalhos distribuídos durante o referido evento, estão à disposição dos interessados na sede da FEBAB.

2) *A FEBAB se fez presente em outras reuniões relevantes, paralelas ao evento:*

- a) Participação como delegado eleitor na eleição do Presidente da IFLA, onde foi reeleito por aclamação Dr. Hans Peter Geh, por um período de dois anos e também eleição para o Conselho Executivo.
- b) – Reunião com o presidente da IFLA e Secretário Geral, com objetivo de reforçar o interesse em sediar, em 1994, ou 1998, a Conferência Geral da IFLA. A decisão final sobre este convite será tomada em novembro próximo na reunião a ser realizada no final deste ano.



- Reunião representando também a Presidente do Escritório Regional para América Latina e Caribe, Elizabet M. R. de Carvalho, para abordar instalação e inauguração desse escritório que deverá ser provavelmente em abril de 1990.
- c) Comitê Permanente da Seção de Informações Governamentais e Publicações Oficiais da IFLA.
  - Reunião na sede da UNESCO com Ivone Tálamo, Bernardine Abboti Hoduski e Ana Flávia Fonseca para tratar da realização do próximo Seminário de Publicações Oficiais da América Latina/IFLA a ser sediado no Brasil a convite da FEBAB. Terá como tema central "Publicações Oficiais como importantes fontes de Informação". O evento será realizado juntamente com o Congresso Brasileiro de Publicações Oficiais, que é promovido pela ABDF. A coordenação da Comissão Brasileira será de responsabilidade da ABDF.
- d) Convênio Brasil-Alemanha
 

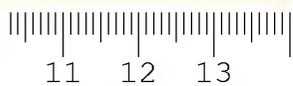
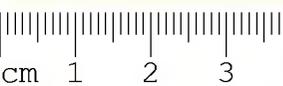
A FEBAB deveria assinar também, na Conferência de Paris, juntamente com o Deutsches Bibliotheksinstitut, o protocolo de intenções com o objetivo de manter intercâmbio entre as duas instituições.

Infelizmente não foi assinado este protocolo por falta da presença de um representante da Instituição Alemã. Entretanto, a FEBAB já está tomando providências no sentido de insistir sobre o referido convênio junto aos colegas alemães.
- e) Bibliothèque Cantonale et Universitaire
 

Contato com o Diretor da Bibliothèque Cantonale et Universitaire, de Fribourg-Suíça, Prof. Martin Nicoulin. Este deverá vir ao Brasil, em 1990, e através da FEBAB proferirá palestras sobre Bibliotecas Univeristárias às instituições que tenham interesse na matéria.
- f) Arab Centre for Medical Literature
 

Contato com o Diretor do Departamento de Informação para verificar a possibilidade de se estabelecer no futuro um intercâmbio entre a FEBAB e essa organização.

(Ivone Tálamo)



## REUNIÃO DA IFLA

18 a 24 de outubro de 1990

56ª Conferência Geral da IFLA, Estocolmo, Suécia

Tema: As bibliotecas: a informação para o conhecimento

Inscrições: Stockholm Convention Bureau

Box 6911; S-10239 Stockholm

Sweden

Até maio SEK 1900

Depois de maio SEK 2300

## 56a. Conferência Geral da IFLA

18 a 24 de Agosto de 1990

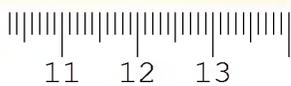
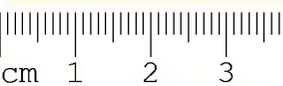
Stockolm, Suécia

*Bibliotecas: a informação para o desenvolvimento* é o tema da Conferência da IFLA (International Federation of Library Associations) para 1990. É o objetivo discutir o papel educativo das bibliotecas e os processos de transformação das informações em conhecimento acessível a pesquisadores, estudantes, etc. O programa inclui, ainda, encontros satélicos promovidos pelas diversas seções de trabalho e um "Seminário Pré-Conferência para os Países em Desenvolvimento", com o tema *Política de Bibliotecas Públicas*, que se realizará de 13 a 17 de agosto. Informações: IFLA 1990, Box 3121, S-103 62 Stockholm, Sweden. Tel.: 46-8-7230082, Telefax: 46-8-7230038.

## REUNIÃO EM PORTUGAL

1º Encontro Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa e 3º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, Lisboa, Portugal.

28 fev. – 3 mar. 1990



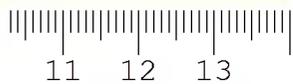
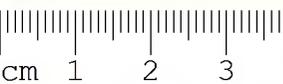
Promoção: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas e Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários.

1º Encontro Internacional de Bibliotecários de Língua Portuguesa: Trabalhos encomendados nas áreas, Bibliotecas Nacionais; Bibliotecas Universitárias e Especializadas; Bibliotecas Públicas e Escolares; Formação e Mercado de Trabalho, Associações Profissionais.

3º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Tema: A gestão da informação (Redes e Sistemas de Informação; Novas Tecnologias e Produtos; Mercado da Informação; Conservação do Patrimônio Arquivístico).

Inscrições: até o dia 31 de dezembro de 1989 – \$ 100, na FEBAB  
Resumos para o 3º Congresso, até o dia 20 de dezembro, e textos finais, se aceites, pela Comissão Portuguesa, até o dia 21 de janeiro.

(Secretaria: Rua Cidade de Cadiz, 14 – 3º Dtº A  
1500 Lisboa  
Tel.: 726-2697 – Telefax: 726-9851)



No 1º semestre de 1989, quatro temas relevantes foram objeto de dissertações e teses no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP e recentemente defendidas, com distinção:

- 1 – Educação do Usuário;
- 2 – Serviços Referenciais;
- 3 – Avaliação de Desempenho de Biblioteca Universitária;
- 4 – Obsolescência da Informação.

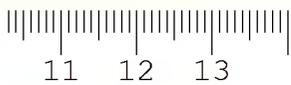
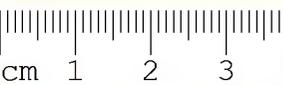
Como orientadora desses trabalhos, aprez-me fazer resenões sobre os mesmos para divulgar os seus resultados.

- 1 – BELLUZZO, Regina Célia Baptista. *Educação de usuários de bibliotecas universitárias; da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes*. São Paulo, 1989. 107 p. Diss. (Mestr.) – ECA-USP. Banca: Neusa Dias de Macedo, orient.; Maria Fidela de Lima Navarro (FOB-USP); Isabel M. Ferin Cunha (ECA-USP).

Desde 1955, Terezine Arantes Ferraz evidencia na USP a necessidade de orientar estudantes de odontologia, no uso de fontes de informações, oferecendo os chamados cursos de "Pesquisa Bibliográfica" e lançando os primeiros manuais de apoio para tais cursos.

Agora, em 1985, na ECA/USP, a autora desta dissertação inicia pesquisas sobre Educação de Usuários, sob enfoque teórico-pedagógico.

Dois primeiros estudos, um que estabelece questões conceituais, apoiando-se em conhecimentos das áreas de educação, psicologia e administração e, outro, diagnosticando o *status quo* das progra-



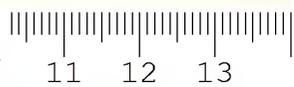
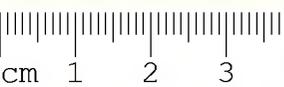
mações de orientação bibliográfica na área odontológica brasileira, levam a um terceiro estudo que culmina com o estabelecimento de "diretrizes básicas para elaboração de programas de educação de usuários de bibliotecas universitárias brasileiras".

No 1º estudo, a autora elucida problemas terminológicos e organiza um quadro de definições apoiada nas três áreas citadas, estabelecendo conceitos-sínteses para a área biblioteconômica. De agora em diante, os interessados em educação, contarão com pontos referenciais para refletir sobre as diferenças entre os termos educação; formação; treinamento; instrução; orientação e aprendizagem.

O 2º estudo apresenta, inicialmente, um sugestivo cenário odontológico, sob os aspectos seguintes: o contexto odontológico; o ensino e pesquisa na odontologia brasileira; a biblioteca odontológica como instrumento de apoio ao ensino e pesquisa; avaliação do ensino de pós-graduação; após isso, entra-se diretamente ao estudo de campo para detectar, por meio de opinião de coordenadores de curso de pós-graduação e de bibliotecários, a situação da educação dos pós-graduandos em um determinado contexto nacional. Dos resultados principais deste estudo exploratório-descritivo, foram, constados raros indícios de conscientização sobre o que seja um programa de educação do usuário, bem como a quem recairia a real competência para ministrá-lo.

O 3º estudo fecha as discussões sobre o assunto, trazendo a solução que se apresentou – com as diretrizes estabelecidas – de orientar os bibliotecários e interessados no planejamento de educação de usuários de bibliotecas universitárias, bem como conscientizando aqueles que ainda não acenaram para o problema.

Este último capítulo constitui-se em um protótipo de documento oficial, que por certo será produzido, futuramente, por entidade bibliotecária nacional. As Diretrizes constam de apresentação; introdução; definições de educação, treinamento, orientação e instrução de usuários; planejamento de programas de educação de usuários, incluindo ambiente, comunidade acadêmica e executores do programa; definição de objetivos; escolha dos conteúdos e atividades do programa; seleção dos procedimentos e recursos; avaliação.



A dissertação termina com considerações finais sobre os três estudos realizados e de uma bibliografia de 125 itens básicos sobre o assunto, complementando a orientação da autora sobre Educação de Usuários de Bibliotecas Universitárias.

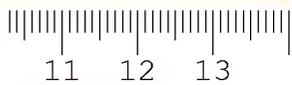
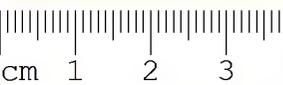
2 – FERREIRA, Sueli Soares Pinto. *Serviço Referencial: caracterização e conceituação*. São Paulo, 1989. Diss. (Mestr.) – ECA-USP. Banca: Neusa Dias de Macedo, orient.: Nice M. Figueiredo e Cecília Pontes Cunha.

“Os Serviços Referenciais surgiram recentemente, nos Estados Unidos, em 1963, na área da ciência e tecnologia e, em 1969, nas bibliotecas públicas, faltando ainda um lastro de estudos teóricos e aplicados para a sedimentação do assunto.”

No Brasil, o assunto ainda não tem sido objeto de estudos acadêmicos, contando-se, apenas, com uma tradução feita em 1986, pela FEBAB, dos *Guidelines for Establishing and Developing Referral Center for Users of Information* (UNESCO, 1978) e um 1º artigo de Nice Figueiredo, de 1985, publicado na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Nesta dissertação, o Serviço Referencial é minuciosamente descrito e sistematizado, tornando-se um trabalho importante, doravante, para iniciação aos Serviços Referenciais.

Compilando uma bibliografia de 216 itens, a pesquisadora selecionou durante acurada leitura as principais publicações para compor o referencial teórico do trabalho, sistematizando-o em cinco pontos, além da introdução metodológica: Origem do Serviço de Referência; Princípio do Serviço Referencial e Terminologia; Serviço Referencial e de Informação; Centro Referencial em Ciência e Tecnologia; Caracterização final do Serviço Referencial.

Trabalhando com o princípio de diferenças e semelhanças, pôde apontar os atributos específicos que são inerentes aos *Referral Services*, chegando a uma caracterização comum do que nomeou de “Serviços Referenciais e de Informação em Bibliotecas Públicas” e “Centros Referenciais em C & T.”



Desse intenso estudo, foi depreendido que o fundamento do Serviço Referencial (SRR) "reside no encaminhamento" do usuário a recursos informacionais (CRI) adequados, que se constituem em instituições de toda sorte, especialistas e diferentes fontes de informação."

O objetivo do SRR é ser o primeiro canal de contato com o usuário e servir de "ponte" entre ele e o RI mais apropriado ao desejo de informação.

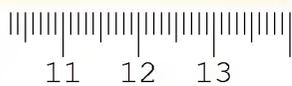
Entre as operações do RI, são destacadas como básicas três: inventário (dos RIs); atendimento ao público; disseminação da informação/divulgação de atividades.

Levando em conta, os dois tipos de SRRs, existem especificidades mormente sob o ponto de vista dos usuários: enquanto na biblioteca pública são cidadãos e grupos sócio-econômicos menos favorecidos demandando informação utilitária, relacionada à solução de questões do bem-estar social, saúde, transporte, moradia; na área especializada, é a comunidade técnico-científica que vai solicitar informações para fins de apoio a projetos, pesquisa e decisões administrativas.

Todos os capítulos do trabalho são antecidos por itens como: evolução, conceito e objetivo, e são finalizados pela caracterização das operações e atividades, e de considerações finais. Nas conclusões, apresenta-se a conceituação abrangente do SRR, porém, bem seccionada, de modo a particularizar o fluxo do mesmo, ou seja:

"Serviço Referencial é a organização que:

- Encaminha o usuário, após diagnóstico preliminar, a recursos informacionais mais apropriados às suas necessidades, fornecendo-lhe a informação referencial;
- Mantém inventários atualizados dos recursos informacionais para possibilitar o cruzamento da questão real e a busca da resposta;

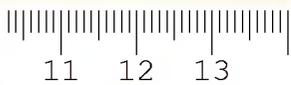
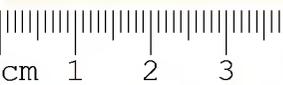


- Orienta o usuário, apresentando uma série de alternativas e/ou pistas a serem escolhidas segundo a sua conveniência;
- Acompanha o usuário em todo o processo de obtenção da informação;
- Avalia o atendimento tendo em vista a retroalimentação do serviço e/ou sistema;
- Elabora, publica e distribui produtos de informação manuais e/ou automatizados."

Interessantes considerações finais, apontam aspectos que demonstram a acuidade da autora. Alerta que, sendo o trabalho apoiado em literatura estrangeira, basicamente americana, onde o contexto sócio-econômico, político e cultural mais adiantado do que a realidade brasileira, há que fazer reservas para aplicar conhecimentos sobre os mesmos.

Mostra, ainda, a necessidade de que sejam continuados estes estudos e que interessados no assunto estagiem em centros referenciais, existentes principalmente nos Estados Unidos, e experiências neste terreno sejam relatadas e divulgadas.

NEUSA DIAS DE MACEDO, Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP



## 1 INFORMAÇÕES – INSTRUÇÕES

### 1.1 Finalidade da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação

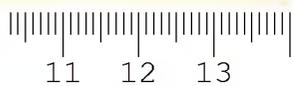
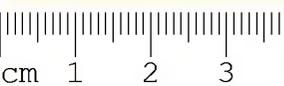
A RBBB é órgão oficial de comunicação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) e tem como finalidades:

- a) constituir-se em periódico especializado da área de Biblioteconomia e conhecimentos afins;
- b) ser um veículo noticioso e informativo de eventos e feitos de associações e de outras agências ligadas à área;
- c) preservar a memória profissional e constituir instrumento para análises futuras.

### 1.2 Tipos de Colaborações

1.2.1 A 1ª Seção da RBBB é constituída de:

- a) artigos técnico-científicos, produtos de válida experiência profissional e de pesquisa;
- b) comunicações prévias ou informes posteriores de pesquisa;
- c) revisões de uma área ou assunto, em uma determinada época ou anual;
- d) comunicações de natureza descritiva de fundo profissional, sobre processos, atividades, serviços, programas etc. relevantes e com inovações;
- e) ensaios, documentários de uma época, de uma instituição, de um movimento biblioteconômico etc.;
- f) sistematizações, roteiros, modelos etc. com fins didáticos;



- g) monografias (resumidas) de estudantes, em alto nível; e
- h) traduções, imprescindíveis para relevância da divulgação.

### 1.2.2 Outras Secções

1.2.2.1 LEGISLAÇÃO: referência (leis, decretos, portarias etc.), seguida de emenda e resumo; sempre que necessário, a espécie legislativa será publicada na íntegra, com comentários;

1.2.2.2 REPORTAGEM E ENTREVISTAS: pessoas e fatos em evidência de interesse ao fascículo em foco;

1.2.2.3 NOTICIÁRIO: notícias diversas sobre as associações estaduais e regionais, conselhos, grupos de trabalhos, organismos nacionais e internacionais, congressos, cursos etc.;

1.2.2.4 RESENHAS: livros relevantes, teses, publicados nos últimos 5 anos; conforme normas próprias da RBBB;

1.2.2.5 LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS: assuntos de interesse da área, conforme NB-66/78;

1.2.2.6 RECENTES PUBLICAÇÕES: registro das obras recém-publicadas e trabalhos acadêmicos defendidos na área biblioteconômica;

1.2.2.7 CONSULTÓRIO TÉCNICO: esclarecimento de dúvidas e perguntas dos leitores, respondidas por especialistas.

### 1.3 Escolha da matéria dos fascículos

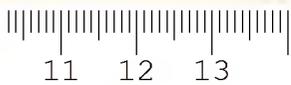
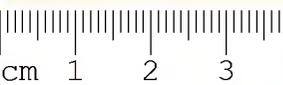
A matéria da Revista será encomendada a critério do editor e obedecendo planejamento anual.

## 2 REGULAMENTO

### 2.1 Artigos originais, ensaios, comunicações técnicas, revisões, traduções.

Devem ser entregues em duas vias (um original e uma cópia) endereçadas ao Editor Prof<sup>º</sup> Dra. Neusa Dias de Macedo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), Rua Avanhandava, 40, conj. 110, São Paulo, SP – CEP 01306.

2.1.2 A matéria deve ser inédita e destinar-se exclusivamente à RBBB,



não sendo permitida a publicação simultânea em outro periódico. A Comissão Editorial reserva-se o direito de incluir, em casos especiais, artigos publicados em revistas de outras áreas e em Anais de Congresso.

2.1.3 Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

2.1.4 Os trabalhos recebidos são submetidos à apreciação de pelo menos, dois Relatores do Conselho Editorial, dentro das especialidades destes. Caberá ao Conselho decidir sobre sua publicação.

2.1.5 Os trabalhos não aceitos ficarão à disposição dos autores pelo prazo de um ano.

2.1.6 Os trabalhos aceitos e publicados tornam-se propriedades da RBBB, vedada tanto a reprodução, mesmo que parcial, como a tradução para outro idioma, sem a devida autorização do Editor, ouvido antes o Conselho Editorial.

2.1.7 O parecer do Conselho Editorial, sob anonimato, será comunicado aos autores. Ao Conselho é reservado o direito de devolver os originais quando se fizer necessária alguma correção ou modificações de ordem temática e/ou formal.

2.1.7.1 A RBBB se reserva o direito de proceder a modificações de ordem puramente formal, ortográfica e gramatical realizada por Revisores Especializados, no texto dos artigos que porventura exigirem tais correções, antes de serem encaminhados à publicação. De tais modificações ("copidescagem") será dada ciência ao autor.

2.1.8 As colaborações de cada fascículo compreenderão:

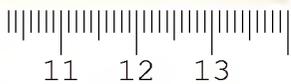
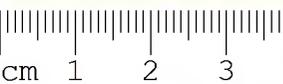
a) a matéria encomendada pelo Editor responsável, conforme planejamento do tema central de cada fascículo;

b) a artigos espontâneos, obedecendo a data de entrega dos mesmos.

2.1.9 A cada trabalho será reservado um exemplar do fascículo, entregue ao primeiro autor.

## 2.2 Traduções

Devem ser submetidas à apreciação do Editor, ouvido, se for o caso, o Conselho Editorial. Cópia de autorização do autor do texto original deve ser encaminhada ao Editor, juntamente com a tradução.



### 2.3 Reportagens, noticiário, resenhas e levantamentos bibliográficos

O planejamento editorial destas Seções para cada fascículo é feito em conjunto com o Editor, mas a coleta e organização da matéria é de responsabilidade do respectivo encarregado de cada Seção.

## 3 NORMAS DE APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

Os artigos devem:

3.1 Limitar-se a um máximo de 30 páginas datilografadas para os artigos originais, 10 páginas para comunicações técnicas, sistematizações, roteiros de aulas, monografias de estudantes e 60 para revisões e traduções. Anexos e apêndices, quando constarem, não devem exceder 1/3 (um terço) do total de páginas;

3.2 Ser datilografados numa só face de folhas tamanho officio, obedecendo a média de 20 linhas de 70 toques para cada página datilografada. Todas as páginas devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos no canto superior direito. A datilografia deve ser preferencialmente executada em máquina elétrica, com fita de pilieleno, utilizando-se a esfera "polygo elyte" para o texto e "prestige elyte" para os resumos e notas de rodapé.

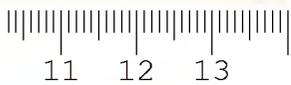
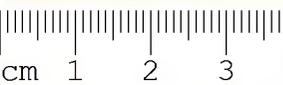
3.3 Ser escritos preferencialmente em língua portuguesa;

3.4 Conter somente nomenclaturas, abreviaturas e siglas oficiais ou consagradas pelo uso. Inovações poderão ser empregadas, desde que devidamente explicitadas;

3.5 Conter dois resumos, datilografados em folhas separadas, um e português e outro em inglês. No máximo constituído de 300 palavra, devem expressar os pontos relevantes do artigo, e serem acompanhados de descritores que traduzam as facetas temáticas do conteúdo. Obedecer às recomendações da NBR 6028/80. À Comissão de Redação, sempre que for necessário, é reservado o direito de fazer modificações para fins de indexação.

3.6 Apresentar à parte uma página de rosto, na qual contenha:

- a) título do artigo (e subtítulo, se necessário) seguido de um asterisco;
- b) autor ou autores, seguidos de dois asteriscos;
- c) data de apresentação do artigo à Redação;



d) no rodapé da página devem ser apresentadas informações sobre o trabalho e credenciais do autor(es).

Exemplo:

**ANTES QUE AS MÁQUINAS CHEGUEM\***

D. J. Simpson\*\*

\* Do artigo "Before the machines come", publicado em *Aslib Proceedings* 20 (a): 21-33, 1968. Traduzido pelo prof. Eduardo José Wense Dias, da Escola de Biblioteconomia da UFMG;

\*\* Bibliotecário e Diretor do Media Resources of Open University Library, Inglaterra.

3.7 Apresentar as tabelas, quando for o caso, seguindo as "Normas de Apresentação Tabular" estabelecidas pelo Conselho Nacional de Estatística. V. *Revista Brasileira de Estatística*, 24:42-60, jan./jun. 1963. Devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos, e encabeçadas por um título;

3.8 apresentar as ilustrações em papel vegetal, numeradas consecutivamente em algarismos arábicos, e suficientemente claras para permitir sua eventual redução.

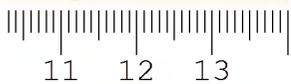
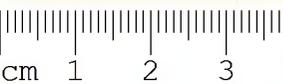
Os desenhos devem ser feitos a tinta nanquim preta e as letras traçadas com normógrafo ou letras decalcáveis (tipo letreset);

3.9 Devem ser feitas as citações de texto, por uma chamada numérica que corresponderá às respectivas referências bibliográficas. Estas devem ser apresentadas no fim do texto, em ordem alfabético-numérica. As chamadas no texto são numeradas em função desta numeração prévia, não seguindo, portanto, ordem consecutiva.

Comunicações pessoais, entrevistas trabalhos inéditos ou em andamento, poderão ser citados quando necessário, mas apenas serão citados no texto ou em nota de rodapé. Se um manuscrito estiver em via de publicação, poderá ser incluído na lista de referências bibliográficas com indicação do título do periódico, ano e outros dados disponíveis;

3.10 As legendas das ilustrações e tabelas devem vir todas datilografadas em folha à parte, com indicação entre parênteses que permitam relacioná-la às tabelas ou ilustrações (fotos ou desenhos) respectivos;

3.11 Seguir as normas de referência bibliográfica pela ABNT: NB 66/78. Os títulos dos periódicos devem ser apresentados por completo e seguidos do local de publicação. À Comissão de Redação é reservado o direito de uniformizar o aparato bibliográfico dos artigos, quando se fizer necessário.



Exemplos:

1 – Livros:

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969. 502p. (Biblioteca de Administração Pública, 14).

2 – Traduções:

FOSKETT, Douglas Jonh. *Serviço de Informação em bibliotecas* [Information services in libraries]. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo, Polígono, 1969. 160p.

3 – Parte de obra:

AZEVEDO, Fernando de. A escola e a literatura. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed., Sul Americana, 1955. v. 1, t. 1, p. 129-53.

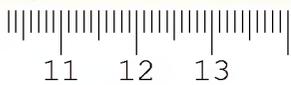
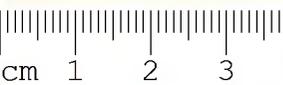
4 – Artigos de periódico:

CAMARGO, Nelly de. Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento. *Revista da Escola de Comunicações Culturais USP*. São Paulo, 1(1):152-8, 1968.

3.12 Seguir, sempre que for possível, as normas da ABNT: NBR-6024/80, para a numeração progressiva do artigo;

3.13 Usar notas de rodapé, através de asteriscos, somente quando indispensáveis;

3.14 Apresentar os agradecimentos a pessoas ou instituições, quando necessário, no fim do artigo, logo após o resumo em inglês.



Pede-se acusar o recebimento a fim de não ser interrompida a remessa

*Please acknowledge the receipt, so that the remittance may not be interrupted*

---

Recebemos a R. Bras. Bibliotecon. e Doc. v. 22 n° 3/4, jul./dez. 1989

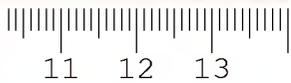
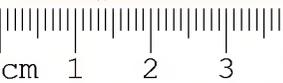
Nome/Name:

Endereço/Address:

Data/Date:

(a)

---





A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação é indexada por:  
Information Science Abstracts (ISA),  
Library and Information Science  
Abstracts (LISA) e  
Library Literature (LL).

---

**REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECOMIA  
E DOCUMENTAÇÃO**

(Federação Brasileira de Associações de  
Bibliotecários)  
São Paulo, 1, 1973 – 10, 1977;  
N. Ser. 11, 1978.

Cont./ de BOLETIM da FEDERAÇÃO  
BRASILEIRA de ASSOCIAÇÕES de  
BIBLIOTECÁRIOS, 1, 1960/26 (5/6), 1972.

1973/77, 1–10

1978, 11 (1/4)

1979, 12 (1/4)

1980, 13 (1/4)

1981, 14 (1/4) CDU:02:061.25(81) (05)

1982, 15 (1/4)

1983, 16 (1/4)

1984, 17 (1/4)

1985, 18 (1/4)

1986, 19 (1/4)

1987, 20 (1/4)

1988, 21 (1/4)

1989, 22 (1/4)

---

**Composição:**

Angela Maria Costa dos Santos

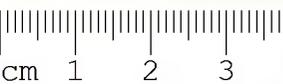
Lígia Tizuko Carlos

**Impressão e Acabamento:**

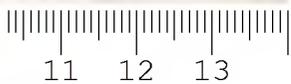
grafistyl editora gráfica ltda.

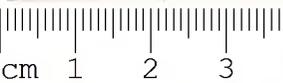
tel. 66-0220

são paulo – sp



Digitalizado  
gentilmente por:





Digitalizado  
gentilmente por:

